



A CABRA

Jornal Universitário de Coimbra

BIBLIOTECA GERAL

UNIV. DE COIMBRA

JORNAIS

TERÇA-FEIRA

15 DE MARÇO DE 2005

GRATUITO

ANO XIV

EDIÇÃO Nº129

CAMPANHA INFORMA ESTUDANTES SOBRE CONSEQUÊNCIAS DE BOLONHA

Iniciativa da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra começou ontem e prolonga-se até quinta-feira. Em agenda estão reuniões com os conselhos directivos e pedagógicos da faculdades

Explicar aos estudantes como surgiu e quais são os objectivos do processo de Bolonha, avaliar o seu impacto ao nível da comparticipação das famílias no ensino superior e da reestruturação dos graus de ensino e dar conta da implementação das directivas na Universidade de Coimbra são alguns dos objectivos da campanha. A iniciativa termina já na quinta-feira, com um debate no Sound Café, que conta com a presença, entre outros, da vice-reitora Cristina Robalo Cordeiro. O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Fernando Gonçalves, aponta a este respeito a possibilidade de a divisão em dois ciclos de formação poder limitar o acesso ao conhecimento, na medida em que só o primeiro ciclo deverá ser financiado pelo Estado. **Pág. 6**

Blues em dose tripla

Apesar de este ano não contar com o apoio da câmara, o Festival Internacional de Blues de Coimbra vai mesmo realizar-se. Quinta-feira o Coimbra em Blues abre com as actuações de Robert Belfour e Keith Dunn & Sherman Robertson, num certame que volta a realizar-se durante três dias, contando ainda com workshops, mostras de filmes temáticos e uma exposição retrospectiva das duas primeiras edições. **Pág. 17**

Reportagem

Os últimos heróis do Municipal

Rocha, Mickey, Rui Campos e Abazi abandonaram a Académica mas continuam a ser recordados pelos adeptos da Briosia. Coimbra continuou a acolhê-los mesmo depois dos tempos da bola e, nestas páginas, recordam as alegrias e amarguras que passaram com a camisola dos estudantes ao peito.

Págs. 12 e 13



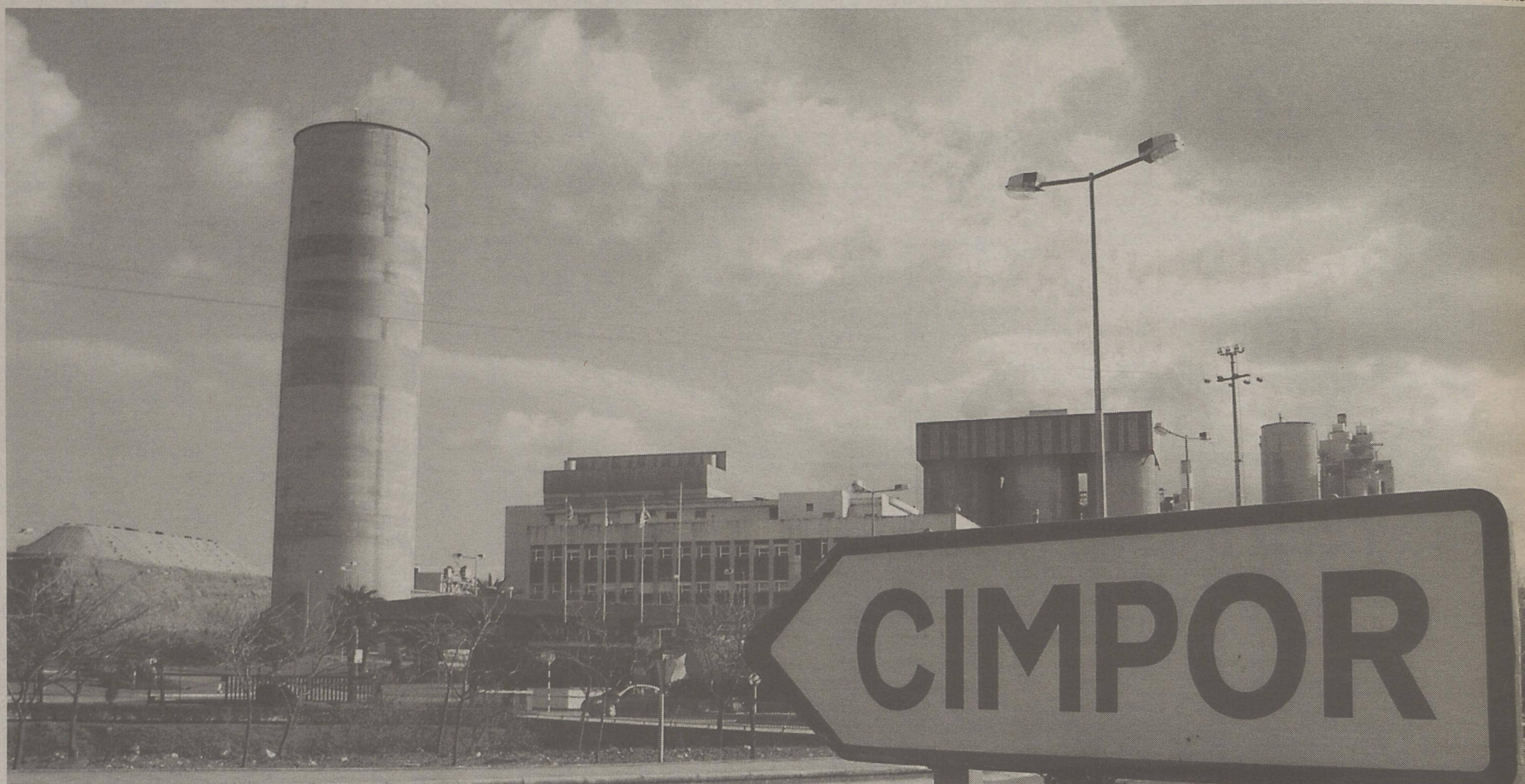
TRATAMENTO DE RESÍDUOS INDUSTRIAIS PERIGOSOS NÃO REÚNE CONSENSO

Págs. 2 e 3

Via Latina Espaços Lusófonos
A revista mais antiga
da academia
JÁ À VENDA
SAIBA ONDE NO INTERIOR DESTE JORNAL

SUMÁRIO

Destaque	2	Desporto	15
Opinião	4	Cultura	17
Ensino Superior	6	Artes Feitas	20
Cidade	9	Estórias	22
Nacional	10	Vinte&três	23
Internacional	11		
Tema	12		
Ciência	14		



Ambientalistas alertam para perigos de queima de resíduos na cimenteiras

Co-incineração divide opiniões

A mudança de Governo trouxe, de novo, a co-incineração para a ordem do dia. A complexidade desta questão continua a levantar dúvidas, sobretudo entre as organizações ambientalistas que colocam na mesa a questão da saúde das populações

**Milene Cunha
Ana Bela Ferreira
Margarida Matos
Hélder João Pinto**

A polémica da co-incineração voltou a aquecer os ânimos quando na campanha eleitoral para as legislativas o então candidato do PS, José Sócrates, afirmou que se ganhasse as eleições voltaria a avançar com a co-incineração para o tratamento dos resíduos industriais perigosos (RIP). Mas, se a co-incineração surgiu inicialmente como oponente aos Centros Integrados de Reciclagem, Valorização e Eliminação de Resíduos (CIRVER), o programa eleitoral socialista deixa agora em aberto esta opção, que pode vir a ser enquadrada como complemento à queima de RIP nas cimenteiras. A afirmação já suscitou reacções, embora ainda não existam certezas. Em marcha, no Governo de coligação PSD/CDS-PP, estava o projecto da criação dos CIRVER, uma alternativa à co-incineração, que deveria iniciar-se ainda este ano ou no próximo.

No final de Janeiro ficou concluído o concurso público para a construção e exploração dos CIRVER. O

concurso foi adjudicado ao consórcio liderado por empresas do Grupo Mello (Ecodeal, Cabelte, Quimigal e Quimitecnica) e pela espanhola Fomento e Construcciones y Contratos. De acordo com o relatório da comissão de avaliação este consórcio foi o que apresentou melhor pontuação para o licenciamento da instalação e exploração da unidade de tratamento de resíduos.

Neste processo, Chamusca, no Ribatejo, foi a localidade seleccionada para acolher o centro de tratamento de lixo industrial perigosos. O ex-ministro do Ambiente, Luís Nobre Guedes, afirma que a co-incineração não tem razão de ser em Portugal, mas admite que o Governo de José Sócrates possa revogar o processo.

O programa eleitoral do PS para o ambiente defende que, no que respeita aos RIP, Portugal não pode continuar a adiar a solução efectiva do problema, devendo, no entanto, respeitar o princípio da auto-suficiência que norteia a política europeia de resíduos, reduzindo a respectiva exportação.

Para além das medidas para reduzir a produção deste tipo de resíduos, bem como de promoção da sua reciclagem ou regeneração, os socialistas defendem que Portugal continua a precisar de dois aterros para resíduos industriais perigosos e de assegurar a eliminação por incineração, para os restantes RIP que não tiverem melhor alternativa de tratamento.

Nestas condições, o governo do PS visa promover a avaliação do concurso público em desenvolvimento para a construção de dois aterros, no quadro da instalação, de dois CIRVER, e retomar o processo tendo em vista a co-incineração nas cimenteiras (de Souselas e Outão), incluindo os resíduos industriais que integram o passivo acumulado nos últimos anos. Paralelamente, defen-

dem a reactivação da Comissão Científica Independente (CCI) para efeitos de acompanhamento e controlo de todo o processo. A CCI foi criada no governo de António Guterres para avaliar as formas de tratamento dos RIP e era presidida pelo docente do departamento de Química da Universidade de Coimbra, Sebastião Formosinho Simões, mas foi posteriormente extinta pelo executivo PSD/CDS-PP, na sequência da suspensão do sistema de co-incineração.

Sebastião Formosinho lamenta que esta questão se prolongue há duas décadas, considerando "que Portugal se encontra atrasado nesta matéria em relação aos países europeus".

O docente defende "ser crucial existir sempre um período de diálogo" mas depois "é necessário tomar uma medida que não prejudique nem os locais, nem as populações e que traga um benefício nacional nesta matéria". Para Sebastião Formosinho "não se pode deixar que o tratamento dos RIP fique sem solução e se tenha a médio/longo prazo efeitos ainda mais negativos na contaminação dos solos, das águas e do ar".

O cientista esclarece que, como a natureza dos resíduos industriais perigosos "é muito diversificada", tem que existir também um conjunto diversificado de métodos de tratamento, isto é, a incineração dedicada, a co-incineração e os CIRVER. No entanto, afirma não compreender na proposta do anterior Governo, o facto de uma parcela de resíduos ser exportada para Espanha para ser co-incinerada: "A Espanha, por acaso é caixote do lixo de Portugal?".

O problema da saúde pública

A vereadora da Câmara Municipal de Coimbra, Teresa Violante, afirma estar na expectativa para saber o que o Executivo recém-empossado vai

fazer na questão do tratamento dos RIP. Considera que se esta questão voltar a ser lançada, "é a prova de que está a ser muito partidizada, constituindo uma afronta aos cidadãos e à sua segurança".

Teresa Violante explica que embora o processo de tratamento dos RIP "tenha sido um processo difícil e moroso, é um pouco estranho que volvidos três anos se relance a co-incineração nos mesmos moldes em que foi apresentado entre 2000/2001". E isto, "sem que tivesse havido uma evolução científica e técnica nesta matéria que justifique uma alteração".

Assim, a vereadora defende que a solução dos CIRVER "é a melhor", uma vez, "que foi muito bem fundamentada com base no estudo de cinco universidades", tendo-se chegado à conclusão, "de que é o melhor método, não só do ponto de vista da eficácia económica mas, acima de tudo, do ponto de vista da eficácia técnica".

Já quanto ao facto de com os CIR-

VER existir uma quantia de resíduos que são exportados para Espanha, Teresa Violante refere que a questão dos resíduos "não pode ser analisada de forma isolada mas sim integrada do ponto de vista europeu". E questiona: "Se Espanha, nos oferece as soluções mais adequadas do ponto de vista ambiental, a preços altamente competitivos, por que não adoptá-las?".

Já um dos elementos da direcção da PRO-URBE, Marisa Matias, refere a necessidade de uma decisão: "Das duas uma: ou se inertizam os resíduos em Portugal ou se exportam para serem inertizados". Num balanço entre a co-incineração e os CIRVER, a dirigente garante que "a melhor" opção são os últimos.

A PRO-URBE sustenta a sua oposição à co-incineração com a defesa da saúde das populações, uma vez que a "existência de um mínimo risco" conduz à adopção do "princípio da precaução em favor da pessoa". No entanto, Marisa Matias reconhece ainda que "é muito difícil

Um caso de sucesso na Europa

Existem 11 países da União Europeia onde a co-incineração é utilizada, como uma forma de tratamento seguro de resíduos industriais, evitando a deposição ou a queima "ad hoc". A Bélgica é um dos exemplos. Há quinze anos atrás habitantes e ambientalistas protestaram e viveram o mesmo clima de contestação que já se verificou em Portugal.

O segundo maior forno do mundo localizado nas redondezas de Bruxelas está em funcionamento desde então. Este utiliza 30 por cento de resíduos perigosos, como tintas, óleos e solventes, como complemento energético.

De forma a fiscalizar este processo de co-incineração, foi criado um comité de acompanhamento onde têm assento poderes públicos e moradores. Estes recebem informações sobre a emissão de partículas e estão atentos à ultrapassagem dos níveis autorizados.

Os responsáveis da empresa e o partido Ecologista belga partilham da mesma opinião no que concerne este modelo. Ambos afirmam não haver libertação de cinzas, menos dióxido de carbono relativamente aos sistemas tradicionais e confirmam que a emissão de pó é reduzida. Segundo os ecologistas belgas, os controlos dos índices de poluição são satisfatórios, ao contrário do que se passava quinze anos atrás.

estabelecer causas-efeitos lineares”.

Enquanto espera que em termos de decisão política a co-incineração não avance, a PRO-URBE garante que “há já acções avançadas” e que, na possibilidade de uma contestação, está “será em conjunto com outras associações”.

A queima é encarada como uma possibilidade para o vice-presidente do Núcleo de Coimbra da Quercus, João Gabriel Silva. Neste caso, a co-incineração serviria “os resíduos que não têm alternativa”, uma vez que “cada tipo tem de ter uma solução adequada” argumenta João Gabriel. A realização da queima só é aceitável, para a Quercus de Coimbra, se “não houver outro destino possível” e, principalmente, “se existir um sistema de controlo que inspire confiança”. O controlo efectivo nas cimenteiras “não existe” e “não é credível”, pois este depende das empresas e não de uma entidade fiscalizadora independente.

Para o núcleo da Quercus de Coimbra, os CIRVER, apesar de não serem instalações isentas de riscos, “permitem recuperar uma parte substancial dos resíduos”. A co-incineração aparece, assim, como “solução para, no máximo, um terço dos RIP”, explica João Gabriel.

O relançamento da questão da co-incineração é, para o presidente da Associação da Defesa Ambiental de Souselas (ADAS), João Pardal, “uma teimosia”. A gestão de resíduos deve assentar “num pilar de integração” dos mesmos no círculo dos materiais, e desta forma a ADAS dá “prioridade ao processo de reciclagem e de regeneração”. Estes processos impedem “o uso e o gasto contínuo dos recursos naturais”, e permitem ainda “poupar recursos energéticos e impedir a degradação da qualidade do ambiente”.

Perante uma avaliação negativa do processo de co-incineração, os CIRVER são vistos pela ADAS como uma “decisão política que teve como suporte estudos técnicos e científicos”. Esta resposta científica surge depois de “diagnósticos e um inventário rigoroso sobre os RIP do país”, um estudo sem precedentes.

A saúde pública é um dos aspectos que preocupa João Pardal, que refere “a degradação da qualidade do ambiente em Souselas” como um factor que pode “agravar-se com a co-incineração”. O presidente associativo frisa a questão humana que é “fundamental e que tem passado ao lado da discussão”.

Sócrates “precipitou-se”

Já a provedora do Ambiente do distrito de Coimbra, Helena Freitas, considera que o engenheiro José Sócrates “se precipitou” ao afirmar que se vencesse as eleições a co-incineração voltaria. Desta forma, espera “que o novo executivo faça uma avaliação que depois decida se a co-incineração volta a estar em cima da mesa”.

A discussão sobre a co-incineração é encarada pela provedora como a colocação “da tecnologia no centro do problema” e insiste que a “discussão se faça à volta do sistema de gestão global dos resíduos”.

O ponto de partida passa pela resolução de questões como “a organização institucional, a capacidade de intervenção e de execução do instituto nacional de resíduos”, bem como a definição de uma “estratégia global” em detrimento de “procedimentos que acontecem de forma avulsa”, afiança a provedora Helena Freitas.

A eliminação de resíduos pela co-incineração deve ser entendida como uma “tecnologia de fim de linha, só utilizada quando não há alternati-



O PS prometeu durante a campanha retomar a co-incineração

vas”. Neste caso há que assegurar “as condições de segurança, a sua implantação”, embora a provedora reconheça que as situações anómalas não podem ser completamente controladas e evitadas.

Na opinião de Helena Freitas, o anterior ministro do ambiente, “tentou evitar a utilização da tecnologia da incineração” e para tal recorreu ao tratamento biológico-mecânico, que é “mais correcto do ponto de

vista ambiental”. No caso da co-incineração a alternativa encontrada foram os CIRVER.

A provedora destaca ainda o facto de que “não há condições de transparência” para a realização da co-incineração em Souselas. Este é um obstáculo à implementação desta tecnologia, no entanto a “criação de uma comissão de acompanhamento” poderia resolver o problema.

A condução da discussão pública

foi, segundo a provedora, “feita de uma forma escondida”, e acabou por ser “tomada politicamente por guerras político-partidárias”. É com naturalidade que Helena Freitas percepção as contestações das populações, pois “os efeitos não são visíveis de forma directa” e “é natural que tenham medo de algo que desconhecem”. O Estado, defende, devia ter conduzido a discussão de “forma transparente”.

Resíduos em guerra prolongada

Nas últimas décadas, os diversos Governos apresentaram três modelos para o tratamento de resíduos industriais perigosos

O destino dos resíduos industriais perigosos tem sido revisto ao longo das últimas duas décadas mas nenhuma das decisões dos vários governos acabou por ter resultados práticos.

O primeiro projecto partiu do governo do PSD em 1990, e propunha uma central de incineração em Sines. No entanto, a contestação popular acabou por mudar o local do projecto, que passaria para Estarreja. Esta localidade iria receber uma incineradora construída de raiz que permitisse a eliminação dos resíduos através da queima.

A incineração dedicada tem sido criticada pelos ambientalistas porque incentiva a produção de mais resíduos para as unidades de queima que precisam de matéria-prima e desencoraja a reciclagem e a adopção de processos de produção mais modernos e limpos. Também devido à quantidade de lixos queimados numa incineradora libertam-se quantidades significativas de toxinas e as cinzas resultantes da combustão que requerem a deposição de aterros. Por último, este procedimento obriga à construção de aterros próprios para depositar as cinzas resultantes da combustão do lixo.

Já os Governos do PS optaram pela co-incineração nas cimenteiras, inicialmente projectadas para Souselas e Maceira, sendo que esta última acabou por ser substituída pela cimen-

teira do Outão, em Setúbal.

Na co-incineração os resíduos são também eliminados através da queima, mas em unidades com outros fins. Os governos de António Guterres defenderam a queima nos fornos das cimenteiras, solução que beneficiaria a factura energética destas empresas, já que os resíduos substituiriam parte (25 por cento) do carvão usado como combustível. Além disso, como as cinzas são integradas no cimento, não são necessários aterros para a sua deposição.

Contudo, este sistema desincentiva a reciclagem e a valorização de resíduos como óleos, pois estes são os que têm maior vantagem do ponto de vista energético e há uma percentagem de resíduos que não pode ser eliminado por esta via.

Foi neste período que a onda de protestos se generalizou, atingindo não só políticos e ambientalistas, mas também as populações das localizações escolhidas para implementar este método. E, apesar dos protestos, esta medida ainda deu alguns passos com a realização de testes e adaptações nas cimenteiras, com a criação de uma Comissão Científica Independente (CCI) e de um grupo médico para avaliar o processo.

Mas, quando o governo PSD/CDS-PP suspendeu a opção socialista, tendo apresentado como solução alternativa a criação dos Centros Integrados de Reciclagem, Eliminação e Valorização dos Resíduos (CIRVER), os locais escolhidos para implementar este procedimento foram Chamusca e Macedo de Cavaleiros. A recuperação, valorização e eliminação consiste na criação de um sistema de triagem dos resíduos e do seu tratamento

por fileiras.

Cada centro iria incluir uma unidade de classificação e transferência dos RIP, uma de inertização e estabilização, uma de tratamento de resíduos líquidos orgânicos, uma de tratamento físico-químico (neutralização, oxidação e redução), uma de recuperação de embalagens contaminadas e outra unidade de tratamento biológico dos solos. Parte do lixo é recuperado e valorizado como, por exemplo, os óleos usados, enquanto que outra parcela é tratada e depositada em aterros.

Todavia, uma parcela dos resíduos não encontra, neste sistema, uma solução final, tendo de ser exportados para países onde possam ser incinerados. Mas, nesta parcela de RIP a ser exportada, os números divergem, pois a Quercus refere que se tratam de dez por cento, enquanto que o PSD e a extinta Comissão Científica Independente referem 15 e 30 por cento, respectivamente.

O docente Sebastião Formosinho não defende que a co-incineração seja o melhor método no tratamento dos RIP, pois considera “que cada solução deve ser aplicada ao tipo de resíduos”. Isto é: “Os resíduos que tenham um conteúdo energético elevado e que estejam com uma contaminação média de metais pesados, o que os torna pouco rentáveis de serem reciclados devem ser co-incinerados”. Contudo, no processo de reciclagem “é fundamental ter em conta os custos energéticos e os custos ambientais que acarreta”.

Assim, tudo depende do tipo de análise que revelar a contaminação dos resíduos e, portanto, não há soluções gerais. E exemplifica: “Nos óleos usados, cerca de 20 por cento es-

tão demasiado contaminados para serem reciclados”, daí que “exista sempre uma fracção de resíduos que têm de ser queimados”.

Quanto aos riscos que estes métodos de tratamento de RIP apresentam tanto para o ambiente como para a saúde pública, Sebastião Formosinho considera “que como qualquer outro processo de tratamento térmico de resíduos, a co-incineração tem potenciais riscos que, no entanto, podem ser reduzidos”. Segundo o docente, os principais riscos dizem respeito à libertação de poluentes atmosféricos, nomeadamente, os metais pesados, e as dioxinas. E explica que os metais pesados, que estão incluídos nos resíduos, ou vão reagir quimicamente com o clínquer (matéria prima para o fabrico do cimento), ficando desta forma ligados (presos) ao cimento, ou saem pela chaminé se forem voláteis.

Contudo, Sebastião Formosinho refere que o problema da libertação de vapores ácidos pode ser minimizado se for feita uma boa triagem de resíduos a queimar e complementando com um bom sistema de lavagem e neutralização dos gases. E, quanto ao risco dos metais pesados ficarem no cimento, o docente refere que há limites para a quantidade de metais pesados que existem nos RIP para que o cimento fique no máximo com uma composição de metais pesados idêntica ao de uma rocha natural.

Assim, para Sebastião Formosinho, o nível de emissões de dioxinas/furanos de uma cimenteira é idêntico, quer esteja a utilizar um combustível tradicional, isto é, sem co-incineração, quer utilize resíduos industriais perigosos no seu sistema de queima principal.

EDITORIAL

A estufa académica

Este fim-de-semana decorreu o Fórum AAC, numa edição caracterizada por uma transparência pouco usual neste evento, a começar pelo facto de se ter realizado em Coimbra. Ainda assim, e apesar de não terem que arcar com as despesas e constrangimentos de deslocação, foram muitos os dirigentes que não compareceram. Por outro lado, uma segunda fase do Fórum será aberta a todos os estudantes. Esta opção poderá ter o mérito de dar oportunidade à maioria para estar num ponto central da discussão (as Magnas também o são, mas o seu carácter quase rotineiro e muitas vezes folclórico em nada lhes confere uma capacidade mobilizadora), em vez de ter que se deparar com o pacote habitual de medidas de contestação prontas a usar, onde as questões de Bolonha, financiamento ou autonomia são reduzidas a meia dúzia de tópicos nas costas de um "flyer".

O sucesso da mobilização não é directamente proporcional ao tamanho e número dos cartazes, mas deriva de um real envolvimento num debate que, por norma, acaba por ser feito num círculo demasiado restrito. A abertura do Fórum à generalidade dos estudantes pode ser um dos primeiros passos para que o reduzido grupo de dirigentes estudantis consiga romper a redoma académica em que se encontra.

Seria um grande progresso se cada um desses novos alunos se dirigisse à Padre António Vieira para se tornar sócio

Todos os anos são muitos os que vêm para Coimbra estudar, mas muito poucos os que estão dispostos a levar a "terapia de choque" necessária para uma efectiva aproximação à Associação Académica de Coimbra (AAC). O activismo estudantil é um universo fechado. Muitos dos acontecimentos de proporções quase "cataclísmicas" no edifício sede na Padre António Vieira (um mundo estranho,

de que muitos preferem passar ao largo) quase não se fazem sentir nas faculdades próximas.

É sócio da AAC, por defeito, todo aquele que ingressa na Universidade de Coimbra. Mas a AAC é muito mais do que uma associação de estudantes. Seria um grande progresso se cada um desses novos alunos se dirigisse à Padre António Vieira para se tornar sócio, de uma forma realmente voluntária e não, como acontece na maioria dos casos, sem saber o "como" e o "porquê". Haveria uma quebra nos números, sem dúvida, mas, entre outros, acabavam-se com os problemas de representatividade. Afinal, como podem sentir-se representados por uma associação os milhares de estudantes que se tornaram sócios e disso tomaram conhecimento de forma atabalhoada durante o sempre complicado processo de matrícula? Ninguém poderá contrariar que, sem a AAC, a cidade ver-se-ia amputada da maioria das suas valências culturais e desportivas. A AAC é um pólo de dinamismo numa Coimbra que orbita ainda em torno do mundo universitário. Reúne, por isso, todas as condições para se constituir como um pólo de atractividade para quem chega. E, também, todas as condições para concretizar o propalado objectivo de chegar ao resto da sociedade. Mas, para isso, tem que chegar primeiro aos estudantes.

João Pereira

Apoiar a Briososa até ao fim...

Campos Coroa *

A fraca classificação obtida até à data pela Briososa, no presente campeonato da Superliga deixa necessariamente preocupados todos quantos ainda se revêem no nosso emblema negro, apesar das mutações de que tem a Académica sido alvo, nos últimos tempos, quanto ao seu ideário, objectivos e filosofia.

Conheço bem o que sentem os dirigentes quando as vitórias não aparecem e quando a performance desportiva não é a que se esperava, pois, apesar de ter conseguido a subida à divisão principal por duas vezes, durante a minha liderança da instituição, também passei por tal realidade, quando a Académica desceu à II Liga, na época de 1998-1999.

E é por isso que recordo hoje essa época de má memória, sem esquecer que actualmente é a Briososa a "lanterna vermelha" do campeonato, pelo que se vê de novo confrontada com tão dramática possibilidade.

Dar-me-ão de barato que em finais dos anos noventa a Briososa não tinha um discurso demagógico e irrealista a "prometer a Europa" e que, ao contrário, definia responsabilmente os seus modestos objectivos, pautando-os pela almejada manutenção no lugar que é seu por direito, isto é o escalão maior do futebol nacional.

Reconhecerão igualmente que nessa altura as receitas eram bem mais escassas do que são hoje e que os atletas contratados o eram sempre a custo zero, à falta de verbas para aquisição de passes ou de fundos de investimento que se dispusessem a suprir tal carência.

Relembrarão ainda que não existia então o "Eurostadium" pelo que e por consequência directa, inexistiam igualmente os bilhetes época, os espaços VIP para negociar, bem como os protocolos com a Câmara Municipal de Coimbra para gestão do estádio e os réditos inerentes à negociação dessa prerrogativa, com as empresas para tal vocacionadas, como é actualmente o caso da TBZ.

Recordarão, além disso, que ao tempo já existia um significativo passivo herdado, que a Académica honradamente foi pagando, sem necessitar de o alardear publicamente e sem crucificar os dirigentes do passado, credores que os considerávamos do reconhecimento e da gratidão de todos, pelo esforço, pela dedicação e pelo empenhamento colocado em defesa da nossa "causa", como aliás o são todos os dirigentes da Briososa, sejam de ontem ou de hoje...

Na altura, recordo eu, não existia também um espaço definido para os treinos (foi a minha última direcção que deixou pronto o Complexo de treinos Dr. Francisco Soares, ao Bolão, que de "Academia" continua apenas a ter o pomposo nome, não obstante as reiteradas promessas directivas), pelo que andava a equipa de casa às costas, treinando de quando em vez no velho "Muni-

cipal" por especial favor camarário, ou utilizando alternadamente, por via das boas vontades, os relvados do "Universitário" ou da Escola Superior Agrária.

Nessa época existia contudo uma Académica com alma, como facilmente se constata pelo número de capas e batinas e de estudantes que marcavam normalmente presença nos jogos e pela forma galharda e briososa com que a equipa fazia por merecer esse apoio, jogando um futebol por todos elogiado, mas nem sempre acompanhado da sorte nos momentos decisivos.

É que, tinha então a Briososa uma equipa formada por atletas, que na sua esmagadora maioria eram estudantes do Ensino Superior, o que possibilitou, entre outras coisas, que a instituição fosse representada no "Torneio Cidade das Ilhas", em Macau (que aliás foi o único emblema português a vencer) por 17 atletas universitários e 1 atleta então já licenciado...

Longe, muito longe, da verdadeira multinacional que a equipa hoje constitui e da descaracterização que nela grassa, por essa via...

Descaracterização que aliás abrange a instituição no seu todo, como se verificou aquando da cerimónia fúnebre do saudoso João Moreno, onde ninguém da Académica disse uma palavra que fosse, ou, mais recentemente, no funeral de "El Teórico V", Gomes Simões, onde os nossos Corpos Sociais se não fizeram representar ao mais alto nível, como era imperioso, pela grada figura da instituição que estava em causa.

Descaracterização que, acrescido, a hipoteca a empresários e interesses, a entrega nas mãos de fundos de investimento e a "vende" a uma lógica de mercado que, nem por isso lhe traz o sucesso desportivo por todos desejado...

Descaracterização que, por último, somada à eventualidade de uma descida de divisão, como aconteceu em 99, lhe apontará inexoravelmente o caminho do abismo, sobretudo por via dos compromissos assumidos, dos contratos estabelecidos com atletas a peso de ouro e de uma gestão de "fuga para a frente", cujo lema parece ser: "quem vier que feche a porta..."

Deus permita que nos enganemos e que, findas as 34 jornadas da Superliga,

possamos, ao invés, festejar!

Jogadores da "casa" como Pedro Roma, Paulo Adriano e Dário, merecem bem que acreditemos nessa possibilidade e que apoiemos a equipa, até final do campeonato, com todas as nossas forças...

É esse apelo que deixo aqui n'A CABRA, porque a Briososa está num momento difícil e precisa de todos nós!

* Sócio 811, ex-presidente da AAC/OAF

Em finais dos anos noventa a Briososa não tinha um discurso demagógico e irrealista a 'prometer a Europa' e, ao contrário, definia responsabilmente os seus modestos objectivos, pautando-os pela almejada manutenção no escalão maior do futebol nacional

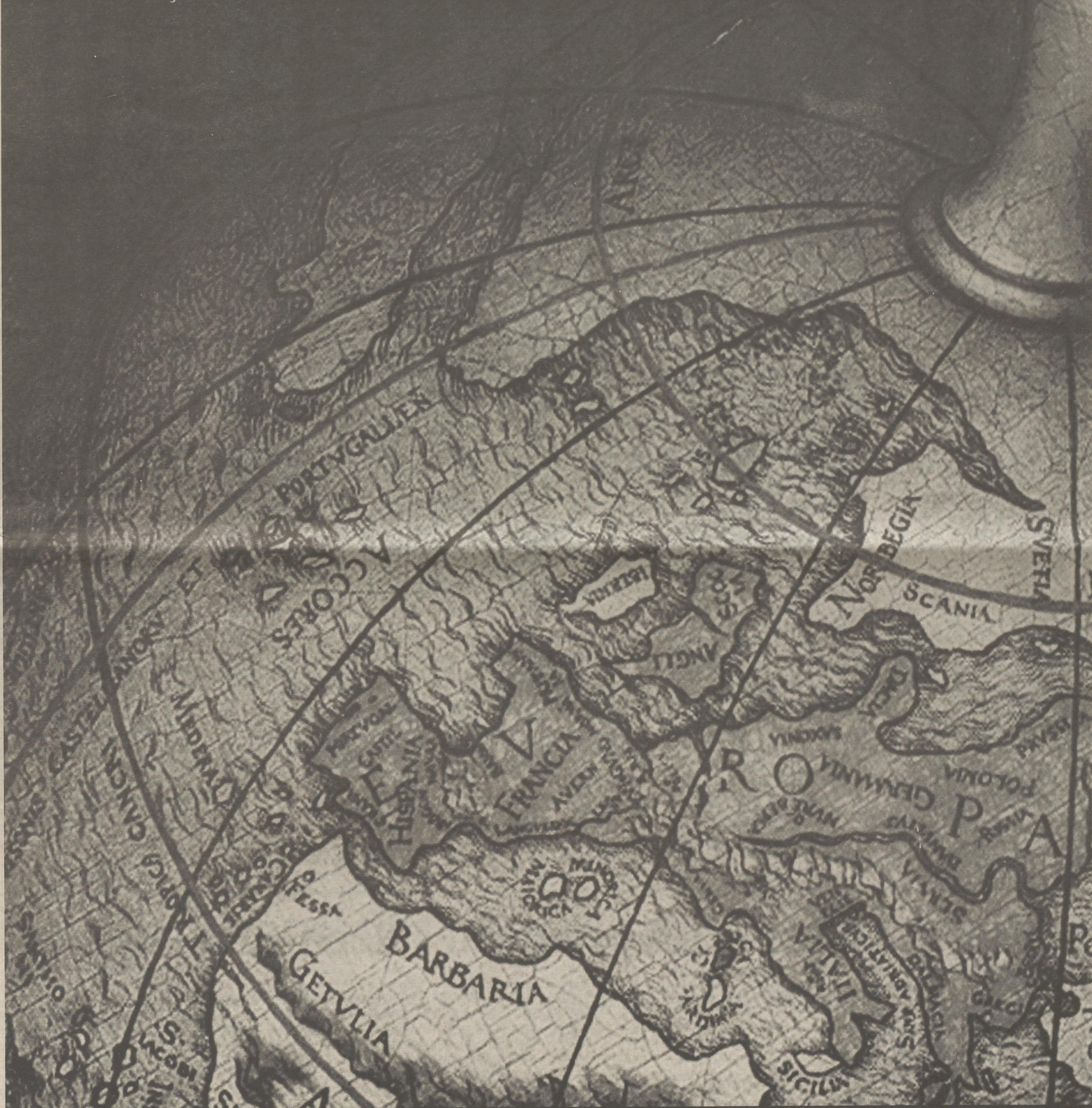


A CABRA errou...

No artigo "Presença portuguesa em expedição científica na Antárctida", na página 14 da nossa última edição, onde se lê Geologia Zootópica, deveria estar Geologia Isotópica. Também a Fundação para a Ciência e a Tecnologia é erradamente designada por a Fundação da Ciência e da Tecnologia. À investigadora entrevistada para o artigo e aos leitores, as nossas desculpas.

Via Latina Ad Libitum

E S P A Ç O S L U S Ó F O N O S



Ensaio
Fotografia
Poesia
...

XM
Minerva
Nova Almedina
Livraria da AAC
Livraria da Imprensa da UC
Secção de Jornalismo da AAC

6 ENSINO SUPERIOR

Bolonha está em cima da mesa

Campanha a cargo da direcção-geral foi lançada ontem

Discutir o processo de internacionalização do ensino superior é o objectivo da campanha lançada ontem pela direcção-geral. A iniciativa culmina esta quinta-feira com um debate no Sound Café

Marília Frias

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) apresentou hoje um folheto que demonstra a sua posição acerca dos vários pontos subjacentes ao processo de internacionalização do ensino superior, nomeadamente a questão da formação dividida em dois ciclos e o seu financiamento, a mobilidade e o facto de os estudantes não terem sido chamados à discussão, apesar de este aspecto ter sido consagrado na Conferência de Praga. Já ontem tinha sido lançado um panfleto informativo sobre o tema, com informação relativa aos objectivos do processo de Bolonha e sobre a forma como este surgiu.

Para o presidente da DG/AAC, Fernando Gonçalves, a divisão em dois ciclos de formação que Bolonha preconiza tem que ser ajustada de acordo com as necessidades de cada licenciatura. O estudante mostra-se também crítico relativamente ao facto de só o primeiro ciclo ser financiado pelo Estado, o que, refere, "limita" a aquisição de conhecimentos.

Esta campanha, aprovada na última Assembleia Magna através uma moção da DG/AAC, pretende fomentar a discussão sobre o processo de internacionalização do ensino superior na academia. Neste âmbito, estão a ser agendadas reuniões



O presidente da Associação Académica de Coimbra defende que Bolonha pode limitar o acesso ao conhecimento

com os presidentes dos Conselhos Directivos e Pedagógicos das oito faculdades que compõem a Universidade de Coimbra, para avaliar as implicações que a declaração de Bolonha já está a ter no conjunto dos cursos ministrados em cada faculdade.

A iniciativa vai culminar com uma conferência na quinta-feira, no Sound Café. O debate conta com a presença da vice-reitora da Universidade de Coimbra, Cristina Cordeiro, do ex-secretário de Estado da Administração Educativa, Paulo

Peixoto, dirigente do Sindicato Nacional do Ensino Superior e o ex-representante dos estudantes do ensino superior no Conselho Nacional da Educação, Vasco Cardoso. A conferência de quinta-feira, explica Joel Vasconcelos, coordenador geral do Pelouro da Política Educativa da DG/AAC, será uma "conversa informal", uma vez que o que se pretende é "discutir como é que a declaração de Bolonha está a ser implementada 'cá dentro'". Pretende-se, desta forma, definir "o que é Bolonha, o que é a mobilidade e pa-

ra que estudantes é que ela hoje existe", questões que constituem algumas das linhas gerais do processo de internacionalização do ensino superior.

Quanto a consequências da implementação das directivas, Joel Vasconcelos, refere alterações ao "nível do financiamento do ensino superior" e a modificação para "o três mais dois e o quatro mais um".

O coordenador geral explica que esta campanha "é o primeiro passo" e que visa "despertar a academia para a discussão de Bolonha e para

o processo de internacionalização". Na voz de Joel Vasconcelos esta campanha faz todo o sentido neste momento, uma vez que decorre "no final do processo eleitoral [para o Senado e Assembleia da Universidade] que é muito importante para a academia, principalmente numa altura em que está a ser posta em causa a possibilidade de os estudantes estarem em paridade nesses órgãos de gestão".

No seguimento de outra moção apresentada por Isabel Sá Marques na última Assembleia Magna, desde a semana passada que a direcção-geral enceta esforços no sentido de criar um grupo de trabalho permanente. Este vai ser constituído pelos membros do Pelouro da Política Educativa da direcção-geral e um representante de cada núcleo. Este grupo deverá debruçar-se sobre as questões mais polémicas que envolvem a Declaração de Bolonha, acompanhando a sua implantação e "elaborar um documento mais profundo sobre Bolonha e a internacionalização", que será submetido a aprovação em Assembleia Magna, adianta Joel Vasconcelos. Possivelmente ainda antes da Queima das Fitas, o Pelouro da Política Educativa pretende organizar uma conferência alargada a nível nacional a fim de discutir esta questão.

Esta campanha está ainda reforçada pela moção, proposta pela DG/AAC e aprovada no Encontro Nacional de Dirigentes Associativos no fim-de-semana de 5 a 6 de Março. No documento afirma-se o repúdio pelo aumento das exigências financeiras que a declaração de Bolonha poderá representar para as famílias, a exigência de uma implantação adaptada à realidade de cada curso, a necessidade do incentivo à aprendizagem ao longo da vida e à promoção da diversidade em aspectos culturais, linguísticos e metodológicos.

Fórum AAC abre aos estudantes depois da Páscoa

Discutir o ensino superior foi o objectivo do IV Fórum Associação Académica de Coimbra. As conclusões vão ser apresentadas numa segunda sessão deste encontro, que será aberta a toda a comunidade estudantil

Margarida Matos

Na sua quarta edição, o Fórum da Associação Académica de Coimbra (AAC), que reuniu pela primeira vez em Coimbra, no passado fim-de-semana, discutiu questões que dizem respeito ao sistema de ensino superior de uma forma geral e, em particular, à Uni-

versidade de Coimbra (UC). Durante dois dias os dirigentes associativos - elementos dos núcleos de estudantes, representantes dos alunos nos órgãos de gestão da Universidade e das faculdades e membros da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) - trocaram ideias sobre os problemas e futuro do sector. A Lei de Financiamento, a Lei de Autonomia, a Declaração de Bolonha e o processo de internacionalização do ensino superior, a acção social, a universidade e o emprego e a pedagogia foram algumas das questões focadas.

Depois dos trabalhos de sábado, os estudantes decidiram, já no segundo dia, manter os diferentes grupos (a cada um estava atribuída uma temática), não só para desenvolver as conclusões resultantes da discussão, que posteriormente vão ser apresentadas numa segunda fase do Fórum AAC aberta aos estudantes, como também, para permitir um

acompanhamento contínuo das temáticas abordadas. Contudo, ainda não foi definida a data desta segunda sessão do Fórum AAC, que deve no entanto, decorrer logo depois das férias da Páscoa.

O presidente da direcção-geral, Fernando Gonçalves, faz um balanço positivo do Fórum AAC. O dirigente destacou a metodologia do encontro, que funcionou em moldes diferentes das edições anteriores e que proporcionou "uma discussão mais produtiva". E explica: "como no primeiro dia, os dirigentes estudantis estiveram divididos em diversos grupos de trabalho", o plenário alargado que decorreu no domingo, "não partiu do zero mas sim das conclusões e dos documentos elaborados no dia anterior". Fernando Gonçalves refere também que saíram deste encontro muitas ideias novas que vão orientar a academia nos próximos tempos e que vão ser depois sufragadas à Assembleia

Magna.

O estudante de Direito elogia também o trabalho de "casa" dos dirigentes estudantis que estiveram presentes no encontro, salientando "que as discussões permitiram aos dirigentes ficarem mais informados". No entanto, lamenta que, "apesar da participação de um número significativo de dirigentes, cerca de 70 a 80, muitos não compareceram".

Foi aprovado na última Assembleia Magna que o Fórum AAC, promovido pelo Pelouro dos Núcleos e Pedagogia da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), se iria realizar em Coimbra, por uma questão de contenção de despesas. Além disso, foi também aprovado que esta iniciativa iria ser dividida em duas sessões: a primeira, cingida a dirigentes associativos, e a segunda aberta à comunidade estudantil.

Medicina nas privadas à espera de resposta do novo Governo

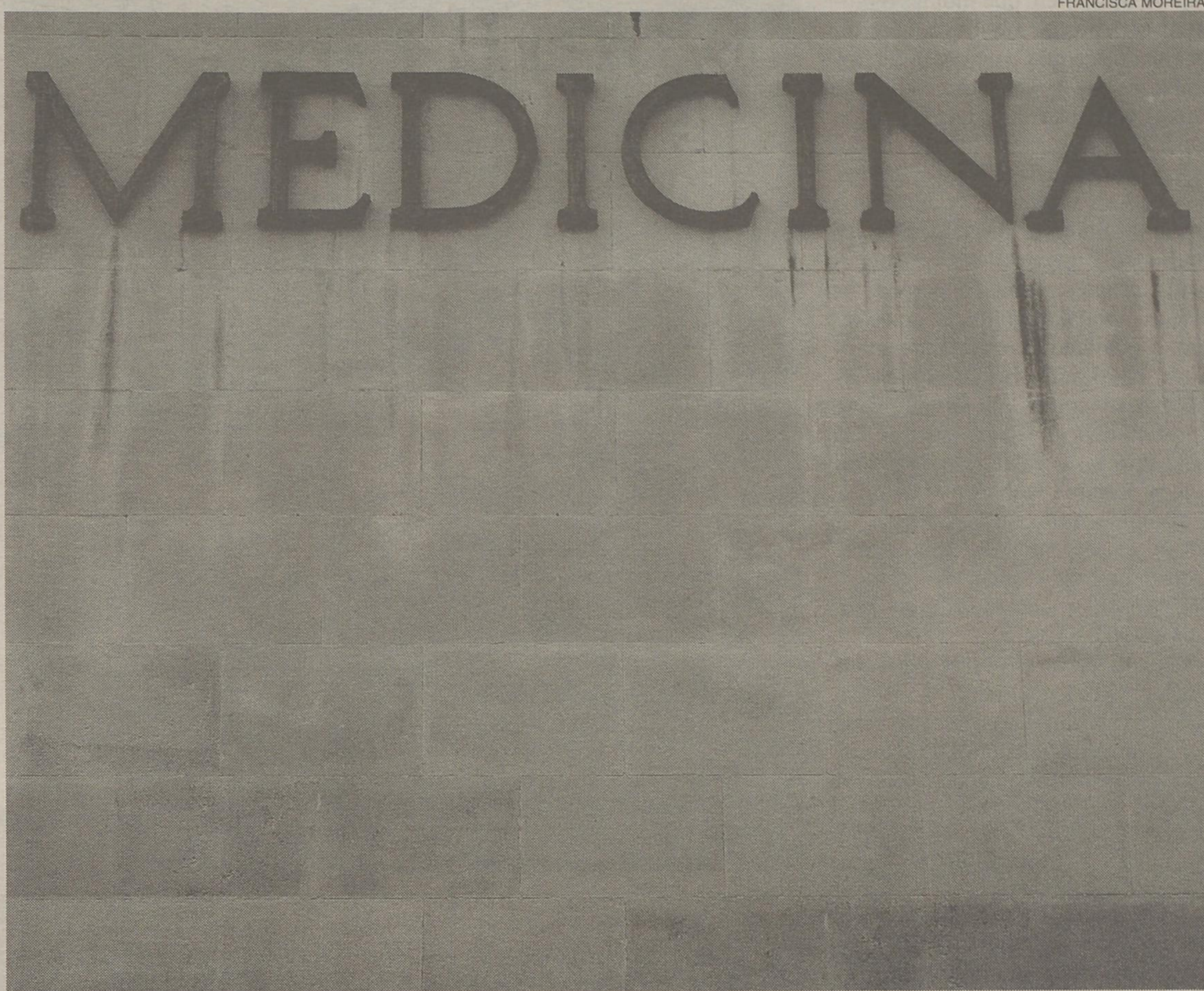
Depois de em 2002 terem sido chumbadas as propostas das privadas para a abertura de cursos de Medicina, vai ser entregue ao Executivo o relatório final do Grupo de Missão de Saúde, encarregue de avaliar as novas candidaturas

Cláudia Sousa

Depois da tomada de posse do Governo socialista, o Grupo de Missão da Saúde (GMS) vai entregar o relatório final sobre as candidaturas das instituições privadas à abertura de licenciaturas em Medicina. A Universidade Fernando Pessoa, a Escola Universitária Vasco da Gama, a Universidade Lusófona, a Egas Moniz, o Instituto Piaget e o Instituto Superior de Ciências da Saúde são as instituições candidatas. Entretanto, as faculdades de Medicina públicas já reiteraram a sua oposição à abertura de novas licenciaturas.

A existência de um corpo clínico disponível para participar nas actividades de ensino e investigação e a criação de um protocolo com uma unidade hospitalar próxima em termos físicos e com estruturas adequadas são, segundo a GMS, alguns dos requisitos essenciais para a viabilidade dos projectos.

O director da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (FMUP), José Amarante, contesta o projecto das privadas. Considera que, mesmo ao nível das instituições públicas, os cursos de Medicina são "mais que suficientes e alguns sem a qualidade que deveriam ter". Afirma não haver falta de médicos mas sim uma má distribuição geográfica e por especialidades desses profissionais. José Amarante acusa a falta de estudos objectivos sobre as reais necessidades nacionais. E assegura que uma maior informação permitiria às faculdades guiar, de modo mais racional, a orientação dos alunos em pós-graduação para especialidades consoante as carências registadas no país. O director da FMUP considera que o problema da abertura de mais cursos de Medicina "é essencialmente de ordem ética" e teme que a existência de demasiados profissionais possa destinar a saúde a entrar numa lógica de mercado "com profissionais a ganhar dinheiro por vias menos correctas". "Será, nesta lógica, o mercado a ditar a qualidade da



As instituições privadas esperam que o Governo socialista dê luz verde para a abertura de novos cursos de Medicina

medicina", conclui.

Confrontada com estas afirmações a directora do Campus do Instituto Piaget de Viseu, Françoise Cruz considera a posição das universidades públicas como reveladora de uma "tendência monopolista" para garantir o seu estatuto de privilegiada no controle que tem sobre o ensino da medicina. "As filas de espera são patentes ao olhos de todos", acrescenta. Françoise Cruz acusa ainda as estatísticas feitas sobre os números de médicos existentes em Portugal de não revelarem a realidade, tendo em conta que integram nos seus números muitos médicos aposentados.

O reitor da Universidade Fernando Pessoa, Salvato Trigo defende que a falta de médicos em Portugal "é uma realidade sentida por milhares de portugueses e não aceita a justificação da má distribuição". E explica: "A haver médicos a mais, mas estarem mal distribuídos pelo País, eles não poderiam, então, faltar nas grandes cidades, mas isso é o que acontece". Mediante os argumentos estatísticos dos opositores, diz o reitor, o razoável será considerar que o Estado não necessita de criar na rede pública mais formações em medicina, porque aquela que já monopoliza é suficiente não devendo, por isso mesmo, "esbanjar" os recursos dos contribuintes. O reitor da instituição privada afirma que a livre ini-

ciativa é inerente ao Estado de direito em que vivemos e, por isso, acrescenta que quando não estão em causa dinheiros públicos importa que o Estado regule e fiscalize bem a livre iniciativa "sem, contudo, a rejeitar".

Escola de Coimbra também é candidata

A Escola Universitária Vasco da Gama – candidata de Coimbra à abertura do curso de Medicina – mostra-se confiante quanto aos resultados. Segundo o assessor de imprensa desta instituição, "os responsáveis da Escola Vasco da Gama consideram ter reunidas todas as condições para a abertura do curso de Medicina" e, se tal não acontecer, "não é pela falta de qualidade da proposta". Refere como mais-valia da instituição as parcerias com o Centro Hospitalar de Coimbra, que lhes confere a possibilidade de alargar o ensino clínico ao Hospital dos Covões e à maternidade Bissaya Barreto. E argumenta que, ao nível das parcerias, "é difícil outras escolas terem tão boas condições como as nossas". A instituição defende ainda que a aceitação da sua candidatura está presa a uma decisão eminentemente política, mais do que à avaliação do próprio GMS.

Já o reitor da Universidade Fernando Pessoa, Salvato Trigo, declara que a instituição melhorou

substancialmente a formação científica, pedagógica e logística da proposta inicialmente chumbada em 2002. A Fundação Fernando Pessoa, entidade titular da universidade, celebrou protocolos e contratos de afiliação para o ensino clínico com quatro unidades hospitalares de referência no Porto e da sua região metropolitana. Salvato Trigo declara que a qualidade do ensino proposta "não é compatível com massificações" e sustenta ter um projecto baseado num ensino personalizado, de grande proximidade na relação pedagógica, numa forma de aprender metodologicamente mais participada e mais responsabilizante.

Em 2002, foram avaliadas e chumbadas as candidaturas das universidades Fernando Pessoa, Lusófona e Vasco da Gama. Já em Junho de 2004, um relatório preliminar da GMS foi entregue à ministra da Ciência, Inovação e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho. Nessa primeira avaliação foram registadas falhas, nomeadamente, em listas que contavam com professores aposentados, professores cujo nome se repetia em mais do que um projecto e a existência de várias instituições com protocolos celebrados com o mesmo hospital. Foram também assinaladas deficiências na demonstração da viabilidade financeira dos projectos.

Associações definem estratégias

Ana Martins

Conhecido o novo executivo, o Encontro Nacional de Direcções Associativas (ENDA), que decorreu na Universidade da Beira Interior, fez uma avaliação retrospectiva da luta estudantil, levando os dirigentes associativos a traçar novas acções para um futuro próximo. "Caderno Negro do Ensino Superior" e "Marcha pelo Ensino Superior" foram as iniciativas aprovadas pelos dirigentes estudantis nos passados dias 4, 5 e 6. As propostas partiram da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), tendo sido agendadas para inícios de Abril.

A iniciativa "Caderno Negro do Ensino Superior" pretende reunir as principais dificuldades das instituições universitárias de cada academia, tanto a nível de infra-estruturas como a nível da pedagogia. Posteriormente os problemas vão ser compilados num "caderno", que será apresentado ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e à Assembleia da República, embora a data ainda não esteja definida.

Para o presidente da Federação Académica do Porto (FAP), Pedro Esteves, este encontro "foi a viragem de que se precisava nos encontros associativos, com a discussão fluente e conclusiva, desta vez não sobre reacção mas sobre acção e trabalho preventivo". Já para o presidente da DG/AAC, Fernando Gonçalves, este ENDA foi algo atípico, consistindo essencialmente numa reflexão acerca das propostas do Partido Socialista para o ensino superior, visto que naquele período ainda não era conhecido o sucessor de Maria da Graça Carvalho.

A FAP colocou ainda sobre a mesa a discussão da conduta dos estudantes do Ensino Superior nos últimos anos, persistentes no combate às políticas para o ensino superior. De entre várias reivindicações desenvolvidas, salienta-se a luta pela qualidade de ensino e a representação democrática e paritária nas instituições de ensino. Com uma nova maioria governativa, Pedro Esteves espera que o Estado "imprima alterações estruturais para superar as debilidades do nosso tecido social". O dirigente explica "que a atitude estudantil não deve ser de agressividade nem de hostilidade sem que haja a clarificação das reais intenções para a pasta em causa". Assim, "o posicionamento dos estudantes deverá depender das condições que forem apresentadas", defende.

No ENDA procedeu-se também à eleição dos representantes dos estudantes para o Conselho de Avaliação da Fundação das Universidades Portuguesas e foi aprovada uma moção que exigia o desbloqueamento das verbas que o Estado deve às associações estudantis. O próximo encontro está já marcado para Maio ou Junho, na Universidade Portucalense Infante D. Henrique.

**Curso de Mergulho
Carta de Marinheiro**

**Desconto
para sócios da AAC**

Desportos Náuticos da AAC

nauticos_aac@netcabo.pt

www.aac.uc.pt/nauticos



Novo ministro tem nas mãos pastas polémicas

Mariano Gago herdou algumas questões do anterior executivo, a que vai ter de dar resposta a curto prazo. No plano do ensino superior, instituições e estudantes exigem temas polémicos sejam discutidos e revistos

**Lurdes Lagarto
Ana Maria Oliveira**

José Mariano Gago assumiu no sábado o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. O novo ministro tem pela frente a discussão de algumas polémicas que envolvem todos os corpos do ensino superior.

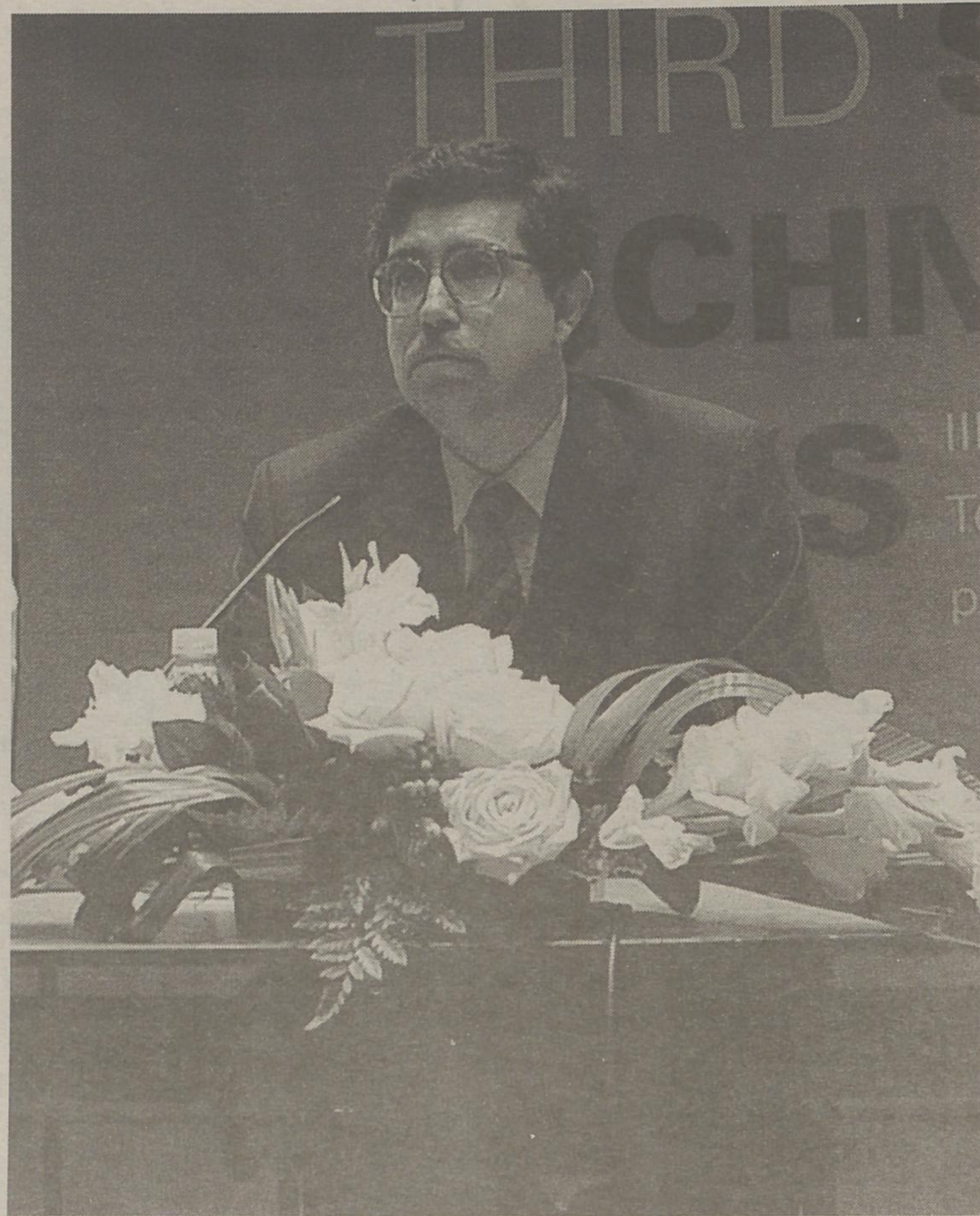
O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Fernando Gonçalves e o Reitor da Universidade de Coimbra (UC), Fernando Seabra Santos, consideram que o recém-empossado ministro deve ter em consideração a questão das propinas, assim como a igualdade no acesso e frequência do ensino superior e a implementação do processo de Bolonha em Portugal.

Em Maio, Mariano Gago deverá apresentar, na reunião dos ministros subscritores do processo de Bolonha, a legislação, já aprovada, que adopta as novas regras para a implementação do processo de internacionalização do ensino superior em Portugal. Para tal, a Lei de Bases da Educação deve ser revista.

No que toca a esta questão, Seabra Santos considera que é preciso ter em conta as especificidades do país para se decidir em que moldes o processo será posto em prática. O reitor da UC afirma que o processo de Bolonha pode ser vantajoso, útil e de interesse para o sistema de ensino superior português se “constituir um espaço europeu de Ensino Superior, assente na diversidade, permitindo o desenvolvimento de experiências autónomas, independentes e procurando articular essas experiências, incentivando a mobilidade, a avaliação, a qualidade e a internacionalização”. Por outro lado, se o processo for visto como uma possibilidade de “diminuir o financiamento das instituições do ensino superior, ou com a possibilidade de uniformizar o sistema”, utilizando modelos de outros países europeus “que não é seguro que funcionem no nosso”, Seabra Santos considera que “será uma má experiência”.

Em relação ao Processo de Bolonha, Fernando Gonçalves afirma que “os estudantes devem ser ouvidos” e lamenta que nem os governos nem as instituições não o tenham feito.

Já em relação às propinas, um dos temas que mais polémica levantou com os anteriores ministros, tanto estudantes como instituições mostram-se descontentes com o actual modelo. As associações de estudantes contestam o valor das propinas, pois é demasiado elevado e socialmente injusto. As instituições universitárias exigem que seja o governo a fixar o valor das propinas, retirando-lhes essa responsabilidade, posição defendida por Seabra Santos. O presidente da DG/AAC, relembra que as propinas excluem



Durante o mandato de Lynce, Gago mostrou-se contra o aumento da propina

jovens do sector e afirma que a “posição da AAC é a defesa pela gratuitidade do ensino superior”.

A expectativa em torno deste tema é grande, uma vez que o agora ministro se mostrou no passado contra as propinas. Em 2002 criticou Pedro Lynce quando foi proposto o aumento das propinas e já em 1993, enquanto membro do Conselho Nacional da Educação, tinha assinado um

parecer contra o aumento do seu valor. Para além disso, o actual executivo prometeu em campanha eleitoral congelar o valor da propina das licenciaturas.

A equipa que agora se responsabiliza pelo ensino superior deve ainda rever a Lei de Autonomia e Gestão e o Estatuto da Carreira Docente Universitária. Por decidir está também a questão da generalização da nota

minima obrigatória de acesso ao ensino superior (que deve ser de 9,5). No entanto, é necessário estabelecer excepções para os cursos de tecnologias, de modo a permitir que continuem a ser frequentados. Mariano Gago terá ainda entre mãos a questão da criação de cursos de Medicina nas universidades privadas e a proposta de criação da Universidade de Viseu.

José Mariano Gago

Formado em Física, José Mariano Gago, de 56 anos, é o escolhido para a pasta da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do novo Governo socialista. Deste modo, volta ao cargo que ocupou entre 1995 e 2002. Enquanto ministro, preparou na presidência portuguesa da União Europeia a Estratégia de Lisboa. A escolha não se revelou surpreendente, já que Mariano Gago integrava o núcleo coordenador do Fórum Novas Fronteiras, onde se preparou o programa eleitoral do PS. Para além de ministro, Mariano Gago presidiu a um laboratório de física de partículas e foi investigador no Laboratório Europeu de Física de Partículas de Genebra. De 1986 a 1989 foi presidente da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica. O novo ministro indigitado ficou conhecido por criticar, em 2002, Pedro Lynce, quando este apresentou a nova lei que duplicava o aumento da propina. Defendia também que num país com uma baixa taxa de licenciados, não se devia impor entraves a quem quisesse estudar.

Faculdade de Direito de Lisboa reabriu quinta-feira

Estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa vêem as suas exigências atendidas e resolveram parar com protesto

Diana do Mar

A Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa reabriu na passada quinta-feira, depois de ter estado fechada a cadeado. A não tomada de posse e funções por parte do conselho directivo (eleito em Dezembro) foi uma das principais razões apontadas para o protesto.

Para além disso, o presidente da Associação Académica da Faculdade de Direito (AAFDUL), Bruno Cabral, faz referência à calendarização dos exames como “a gota de água em todo o processo”, pois esta exigia

que os estudantes realizem testes “dia sim, dia não”. Da mesma forma, a exclusão de cerca de mil alunos repetentes das aulas práticas, que no entanto, continuam a pagar a propina máxima constituiu-se como um dos principais pontos de todo o processo.

Com o crescendo de tensão dentro da faculdade e com os estudantes sobrecarregados de exames, Bruno Cabral explica “a necessidade enorme de marcar uma Reunião Geral de Alunos”. Esta realizou-se na passada segunda-feira e a própria direcção propôs uma série de medidas de concepção, que contou com “uma votação esmagadora” de 367 votos a favor, 10 abstenções e 17 votos contra.

Desta feita, as medidas levadas a voto foram implementadas. Na terça-feira de manhã, o actual presidente do conselho directivo esclareceu que a tomada de posse não se realizaria nesta semana, nem na próxima. Mais tarde, o presidente da AAFDUL explica que “curiosamente a tomada de posse es-

tava marcada para quinta-feira passada” e acrescenta que “era o que o conselho directivo devia ter feito desde o primeiro dia de conversação”. Entretanto, na quarta-feira de manhã a faculdade já estava encerrada a cadeado.

Depois disso, houve uma reunião com o reitor e com o vice-reitor onde foram apresentadas as reivindicações dos estudantes. Estes entregaram ainda um caderno reivindicativo aos órgãos de gestão da faculdade, à Reitoria da Universidade de Lisboa e ao Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas.

Neste âmbito, Bruno Cabral reconhece que “a reitoria estava empenhada em reunir esforços”, no sentido de ter uma reunião com o presidente do conselho directivo em questão. Ainda no mesmo dia, surge a primeira conversa, que contudo não foi conclusiva. A razão apontada diz respeito ao facto de o presidente do conselho directivo não assumir nenhum compromisso, apesar de se

mostrar aberto ao diálogo.

Numa avaliação geral, o presidente da AAFDUL considerou esta atitude “muito pouco satisfatória” e, por isso, a faculdade continuou fechada. Os estudantes realizaram também uma vigília, que chegou a contar com cerca de 250 pessoas. No dia seguinte, a reitoria reuniu com os dois presidentes do conselho directivo (o ainda em gestão e o futuro) e mais alguns docentes da faculdade. Desta reunião ressalva-se, segundo Bruno Cabral, “o facto de as principais reivindicações estarem satisfeitas”.

Já em relação às outras exigências, o presidente da AAFDUL refere que “essas serão conduzidas a bom porto no decurso normal do mandato”. A reunião resultou assim num compromisso que ficou laborado na acta da primeira reunião plenária. Bruno Cabral salienta ainda que, “apesar da questão estar resolvida, os estudantes admitem repetir todo o processo, caso as exigências não venham a ser atendidas”.

Concurso BD e Cartoon

tema livre (A4 e A3) :: entrega na AE da Arca ou na AAC até 22/04

www.bdcartoon.tk

PUBLICIDADE



As estações ferroviárias de Coimbra vão desaparecer para dar lugar a novos espaços multiusos e a uma estação que vai integrar as várias formas de transporte urbano

Estação de Coimbra B dá lugar a complexo intermodal

Espaço vai integrar pavilhão multiusos para seis mil pessoas

Novos complexos habitacionais, comerciais e de fomento à cultura vão nascer nos espaços ocupados pelas estações Nova e Coimbra B

**Catarina Ferreira
Ana Rita Silva**

Com vista a ampliar o centro da cidade, a estação Nova vai ser suprimida em Dezembro, pelo que a única estação de Coimbra localizar-se-á na actual Coimbra B. O concurso já foi feito, as propostas estão a ser analisadas e está previsto que as obras se iniciem no próximo mês de Abril.

A Câmara Municipal de Coimbra, a Rede Ferroviária Nacional e a Metro Mondego são os responsáveis pelo projecto "Estações com Vida", que visa alterar não só a rede ferroviária, como também toda a rede viária circundante. A conclusão do projecto ferroviário está aprazada

para 2008, estando a finalização dos restantes ainda sem data definida.

Para a futura estação está prevista a construção de um complexo intermodal que, a partir da terminal ferroviária, articula os vários meios de transporte disponíveis na cidade. Um dos meios que estará à disposição dos utentes será o metro de superfície, com um percurso alargado, passando pelo interior da cidade, o que facilita a mobilidade dos conimbricenses, bem como dos que habitam na periferia. Para além deste metro, vai haver uma central de táxis, de autocarros e um estacionamento subterrâneo para veículos particulares. O vereador da câmara responsável pelas obras públicas, João Rebelo, considera que esta iniciativa está integrada num "processo de revolução dos transportes urbanos da cidade".

Ainda neste espaço, e segundo João Rebelo, vai ser criada uma "arena", ou seja, "um pavilhão multiusos com capacidade para cerca de seis mil pessoas", onde se poderão realizar espectáculos musicais e desportivos, congressos e convenções. Vai nascer também uma unidade ho-

teleira para estudantes e vários espaços comerciais.

Segundo o vereador, a realização do complexo será apenas uma de entre muitas modificações a decorrer em Coimbra. Nos antigos armazéns da CP vai surgir um "programa habitacional com mais de dez mil metros quadrados" que irá englobar residências para estudantes universitários e de apoio à terceira idade. João Rebelo afirma que "este programa abrange não só pessoas que estão em Coimbra a estudar, mas também quem se quer fixar na cidade".

Dada a supressão da linha ferroviária entre as duas estações e da estrada que lhe é paralela, o projecto para esta área tenta beneficiar da sua proximidade com o rio, fazendo-se uma requalificação da zona ribeirinha através da criação de um vasto espaço verde pedonal e de lazer. Este tornar-se-ia, segundo o arquitecto responsável pelo projecto, o urbanista catalão Joan Busquets, o "Salon Verde", descrito por João Rebelo como "uma imagem aproximada do conceito do Covent Garden em Londres". Tudo isto com o objectivo de "dar vida à zona histórica

da cidade, aproximando a Alta da Baixa e permitindo uma vivência nova para estas duas zonas".

Novo espaço comercial

Também a Estação Nova, também sofrerá várias alterações. Estas passam pela criação do Fórum Municipal Miguel Torga, que conjugará as funções culturais e de comércio. A estrutura vai contar com um auditório virado para o Mondego, onde poderão decorrer eventos de cariz cultural e onde também vai ser possível usufruir de um paisagem sobre o rio. Está também prevista a existência de salões, onde poderão ser expostas obras de arte.

Em termos comerciais, o Fórum vai dispor, entre outros serviços, de oito salas de cinema, da superfície comercial "FNAC", do hipermercado "Carrefour", cafés e restaurantes.

Quanto a verbas, o vereador das Obras Públicas esclarece que, para a nova estação, está previsto um investimento na ordem dos dez milhões de euros. Quanto ao resto do projecto, João Rebelo afirma que rondará "umas largas dezenas de milhões de euros".

Nova unidade de saúde em Coimbra

**Liliana Figueira
Sara Simões**

A partir de 1 de Abril, Coimbra vai passar a contar com uma nova e moderna unidade de cuidados continuados, situada no antigo edifício dos correios, na Avenida Fernão de Magalhães, e aberta a todo o cidadão que, a título individual ou por via dos hospitais e centros de saúde, aí se dirijam.

Segundo o presidente da Associação Fernão Mendes Pinto, Vítor Camarneiro, depois do convite feito pela entidade proprietária do imóvel para lhe dar funcionalidade e o tornar rentável, houve a possibilidade, em Outubro de 2003, de criar um projecto no âmbito da saúde, com respostas ao nível dos cuidados médicos continuados. O presidente da associação sublinha que "esta unidade de saúde pretende, no fundo, responder a necessidades ao nível do Serviço Nacional de Saúde e dos seus subsistemas". Desta forma, "os hospitais centrais que estão mais preparados para lidar com os doentes de casos agudos podem libertar camas para outras unidades". Vítor Camarneiro continua, referindo que "os doentes que estão estabilizados podem, nesta unidade, ser acompanhados ao nível das diferentes patologias", sublinhando que os cuidados de saúde e as assistências são "equiparados aos que são prestados nos hospitais".

Desta forma, não só há a possibilidade de libertar camas para os casos graves e de maior urgência, como também se regista uma maior economia de custos, permitindo uma relação de complementaridade e de parceria entre hospitais e unidades de saúde de retaguarda o que, diz o responsável, torna o próprio Serviço Nacional de Saúde mais ágil, flexível e versátil.

A nova unidade disponibiliza meios auxiliares de diagnóstico, 30 blocos dotados de equipamentos técnicos e 200 camas, divididas por áreas funcionais e especializadas em acidentes vasculares cerebrais e doenças neurológicas, tais como Parkinson, Alzheimer, esclerose múltipla, entre outras. Há ainda meios para cuidados paliativos, tratamento da dor e geriatria. Conta também com serviços de internamento, de reabilitação física e de apoio domiciliário, além de funcionar como hospital de dia.

Esta unidade, apesar de disponível para todos, não assume os custos dos que a acedam sem prescrição ou indicação dos hospitais e centros de saúde, pelo que esses doentes terão de acarretar com as despesas aí efectuadas.

Deste modo, e segundo Vítor Camarneiro, o serviço vai estar em funcionamento a partir do início de Abril. No entanto, o seu estabelecimento será feito de forma gradual, "para que seja um processo sustentado, tecnicamente correcto e sem nenhum tipo de conflito".

10 NACIONAL



Interrupção voluntária da gravidez e referendo à sua liberalização dividem opiniões

Referendo ao aborto volta à discussão

Opiniões dividem-se sobre a necessidade de um novo referendo. Apenas PS e BE são a favor

Elisabete Monteiro
Andreia Neves

O Parlamento está dividido quanto a eventuais alterações na legislação sobre o aborto: de um lado os partidos de esquerda, que consideram urgente uma alteração à lei em vigor, e do outro os de direita, que defendem a continuidade do diploma actual.

Relativamente à necessidade de uma nova consulta popular as posições também são divergentes. De facto, nada obriga a que a questão do aborto seja alvo de um referendo, sendo esta uma opção política.

Segundo a deputada socialista Ana Benavente, não seria necessário o recurso à via referendária, mas “com o caminho que foi percorrido torna-se obrigatório fazê-lo, além de que é uma questão sensível que coloca problemas de fundo existencial”. A parlamentar salienta ainda que o referendo não é vinculativo, mas que, em função dos resultados, os partidos deverão assumir as suas responsabilidades.

Por outro lado, o PCP afirma, pela voz de Mário Nogueira, que não se justifica um novo referendo, pois “a Assembleia da República (AR) tem por um lado competência e, por outro, responsabilidade para, de uma vez por todas, resolver o problema e acabar com a hipocrisia que abafa o problema”. O militante comunista justifica a sua afirmação, dizendo que “face à pressão social feita relativamente a esta questão, apenas a

AR terá apetência para a resolver”.

Para o BE, a realização de um novo referendo é imperiosa. De acordo com Francisco Louça, a alteração à lei “pode ser feita no Parlamento, mas se for feita por consulta democrática terá uma maior estabilidade e legitimidade pública”, até porque, acrescenta, o “referendo é a possibilidade de todos poderem contribuir para uma decisão”. O líder do BE lembra que as sondagens indicam que 70 a 80 por cento do eleitorado português quer uma alteração à lei, concluindo que “não restam grandes dúvidas de que se houver um referendo a posição de rejeição à perseguição das mulheres vai vencer”.

Do lado da direita, a social-democrata Zita Seabra (deputada eleita por Coimbra) defende que, tendo o PS maioria absoluta na AR, “o referendo é um disparate”. De acordo com a deputada do PSD deverá, sim, haver uma discussão no Parlamento, sendo a questão aí decidida, pois “os deputados são os representantes do povo”.

A posição do PP vai no mesmo sentido. Embora reconheça a possibilidade de um novo referendo como um direito constitucionalmente previsto, Anacoreta Correia defende que este “não se justifica” porque “a questão do aborto está a perder importância”, asseverando ainda que “a despenalização do aborto não vai resolver o problema fundamental que é a educação da paternidade e maternidade responsável”.

No passado dia 10 de Março, dia em que o Parlamento iniciou as suas funções, o PS remeteu para daqui a um ano o referendo sobre o aborto, considerando que este ano, devido ao calendário eleitoral, dificilmente haverá espaço para consultas populares.

A discussão relativa a uma eventual alteração à lei vigente sobre o aborto arrasta-se há longo tempo. Em 1998, com António Guterres na liderança do Executivo, a questão foi alvo de um referendo. A questão «Concorda com a despenalização da interrupção voluntária da gravidez, se realizada por opção da mulher nas 10 primeiras semanas, em estabelecimento de saúde legalmente autorizado?», 49 por cento dos votantes pronunciaram-se positivamente enquanto 50 por cento responderam que não, sendo a abstenção de 70 por cento. Face aos resultados pouco conclusivos, nada na lei foi alterado.

O que diz o Código Penal:

Segundo o artigo 142 do Código Penal, não é punível a interrupção da gravidez se:

- Esta for o único meio de remover perigo de morte ou de grave e irreversível lesão da mulher grávida;
- Mesmo não sendo o único meio de evitar perigo de morte ou de grave e duradoura lesão da mulher grávida, esta for recomendada, sendo realizada nas primeiras 12 semanas de gravidez;
- Houver motivos para prever que o nascituro virá a sofrer, de forma incurável, de doença grave ou malformação congénita, e for realizada nas primeiras 24 semanas de gravidez;
- Se se tratar de um feto inviável, podendo esta ser praticada a todo o tempo;
- A gravidez tiver resultado de violação e for realizada nas primeiras 16 semanas.

Falta de Ministério do Turismo é alvo de contestação

Inexistência de um Ministério do Turismo no novo Executivo é criticada pelos profissionais do sector

Sandra Henriques

A Confederação do Turismo Português (CTP) lamenta a ausência do Ministério do Turismo na orgânica do novo Governo e é desfavorável à inclusão da Secretaria de Estado do Turismo no Ministério da Economia.

O presidente da CTP, Atílio Forte, defende que “o turismo é a principal janela de oportunidades da economia nacional, sendo das poucas actividades económicas que apresenta potencial de crescimento e de prosperidade para o País e, por isso, devia ser tratado com o peso e a importância que tem”. Segundo Atílio Forte o turismo é de todas as actividades económicas a mais multidisciplinar, aquela que com mais áreas da governação se entrecruza e que depende da coordenação interministerial, daí que a CTP condene o afastamento do turismo do principal centro de decisão do País que é, no seu entender, o Conselho de Ministros.

A Confederação reconhece o mérito

do Governo anterior ao criar um Ministério do Turismo. Porém, o presidente da CTP sublinha que o figurino que preconizam é bem diferente do delineado pelo referido executivo, sobretudo porque não tutelava o transporte aéreo, que é “parte integrante e peça fundamental da actividade turística nacional”. Assim, a CTP advoga a criação de um Ministério do Turismo forte que englobasse esta área na sua esfera de competências.

O anúncio da não continuidade do Ministério do Turismo no novo Governo deixou a CTP perplexa, o que justifica pelo facto de o programa eleitoral do Partido Socialista considerar o turismo-lazer como uma área estratégica prioritária. Para Atílio Forte esta foi uma “má decisão” e este acrescenta que devido ao facto de o turismo ficar na tutela do Ministério da Economia – como já aconteceu no passado –, “em menos de uma semana temos duas más decisões”. Na opinião do presidente da CTP, tendo em conta a actual situação, o melhor seria que o turismo ficasse na dependência directa do primeiro-ministro. Contudo tal não acontecerá, ficando a pasta sob a tutela do Ministério da Economia e do secretário de estado, Bernardo Trindade.

Transportes devem subir em Abril

Aumento de cerca de cinco por cento nos preços dos transportes públicos é visto pelo presidente da ANTROP como um “mal necessário” e poderá ocorrer já no próximo mês

Ana Bela Ferreira

O preço dos bilhetes dos transportes públicos pode subir em Abril, sendo esta uma vontade assumida pelas empresas de transportes públicos. O presidente da Associação Nacional de Transportadores Rodoviários Pesados de Passageiros (ANTROP), Fernando Rosa, argumenta que o aumento não é a melhor solução, mas “não se encontra um instrumento que não penalize o utilizador”.

O executivo de Santana Lopes não realizou a actualização anual das tarifas, que ocorre por norma em Fevereiro. Do mesmo modo, o

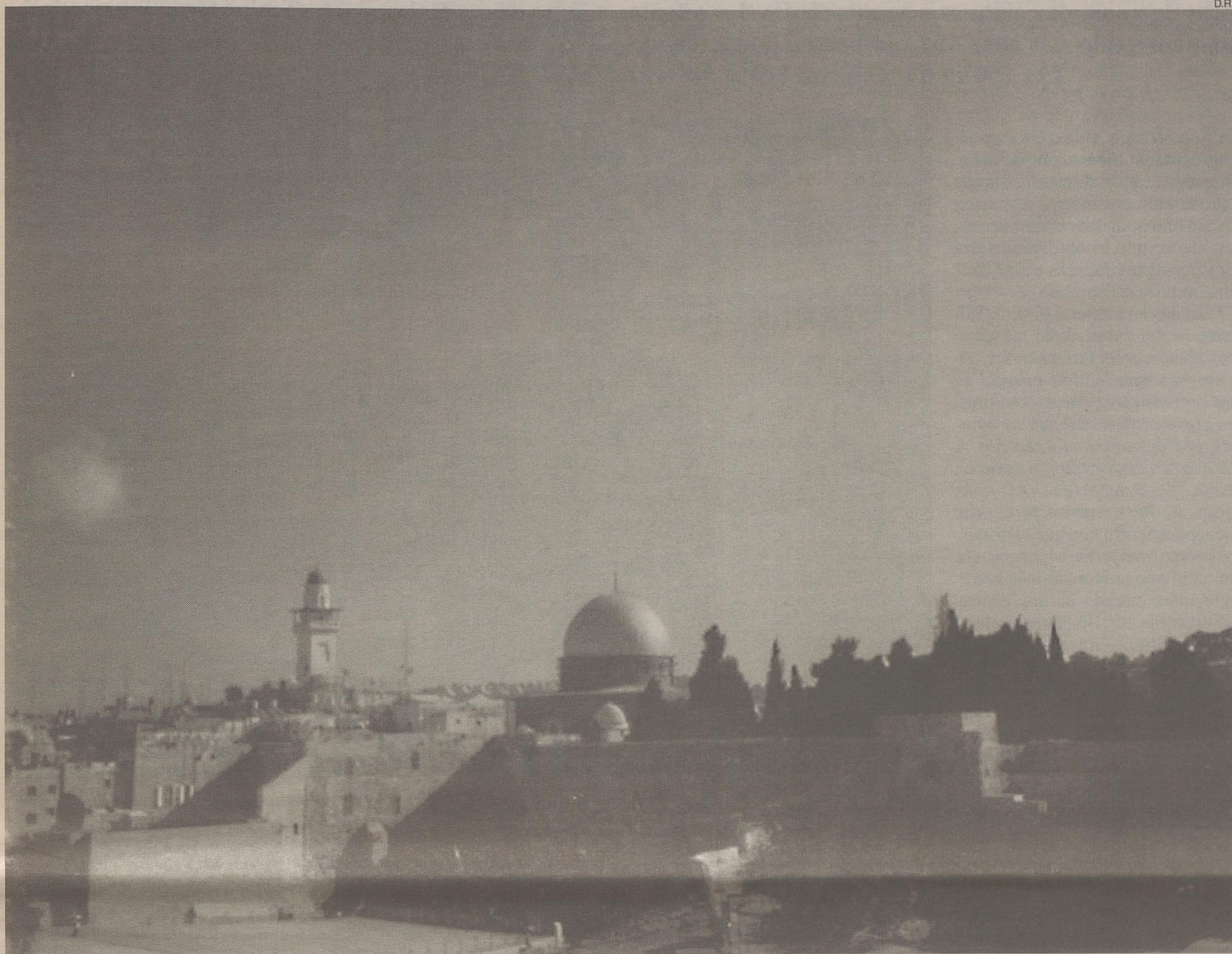
aumento em função do preço dos combustíveis não se concretizou e o anterior Governo “não publicou o despacho que faria subir a tarifa automaticamente”, explica Fernando Rosa. O aumento do preço das portagens e o facto de “os transportes prestarem um serviço social e de não terem qualquer apoio estatal” conduzem a este aumento.

Esta situação levou a ANTROP a anunciar para Abril um aumento na ordem dos cinco por cento. Este mês surge como possível data para o aumento do preço uma vez que, segundo Fernando Rosa, regista-se “alguma urgência” na revisão das tarifas.

Para o responsável, o aumento dos preços é “um mal necessário”. No entanto, este ressalva que “há outras maneiras de resolver o problema”, nas quais se enquadra um possível apoio estatal. O presidente da ANTROP encara, ainda, a solução dos aumentos como uma “forma de pensar demasiado tradicional”.

A ANTROP acentua ainda a necessidade da revisão dos preços com o argumento de que a manutenção das actuais tarifas “pode deteriorar o serviço prestado”.

INTERNACIONAL 11



Israel adiou para data indefinida a retirada das tropas dos territórios reivindicados pelos palestinianos

Radicais fazem Sharon recuar

Surge um novo impasse no caminho para a paz no Médio-Oriente

Após dois dias de reunião com Mahmoud Abbas, Sharon decidiu adiar a cedência de territórios acordada a 8 de Fevereiro

**Sandra Ferreira
Marisa Soares**

Cerca de um mês após a assinatura do acordo de paz entre Israel e a Palestina, a 8 de Fevereiro, a solução para o conflito no Médio-Oriente continua num impasse. Apesar de inicialmente Israel se ter mostrado disposta a cumprir as pretensões palestinianas de cedência de alguns territórios, as duas reuniões realizadas na semana passada entre responsáveis das duas partes terminaram sem que se chegasse a qualquer acordo.

Na sequência do acordo de tréguas celebrado entre Ariel Sharon, primeiro-ministro israelita, e Mahmoud Abbas, presidente da Autoridade Palestiniana, realizaram-se duas reuniões, a 8 e 9 Março, com o objectivo de negociar a retirada das forças israelitas das cidades reclamadas pelos palestinianos - Jericó,

Tulqarm, Ramallah, Belém e Qalqilya -, ocupadas desde 2002. Os palestinianos reivindicavam que Tulqarm deveria ser a primeira cidade a ser libertada, contudo os israelitas previam libertar primeiro Jericó. Todavia, após as reuniões mantêm-se as divergências, uma vez que, de acordo com declarações de Haj Ismail Jabr, o mais alto responsável de segurança palestiniano na Cisjordânia, "a delegação israelita não recebeu instruções claras para desmantelar todas as barreiras" na zona de Jericó.

Sharon justifica o seu recuo alegando falta de firmeza por parte de Abbas no controlo e destruição das organizações radicais palestinianas. Segundo um alto responsável israelita na presidência do conselho, "a boa vontade de Mahmoud Abbas é louvável, mas insuficiente. Ele deveria exigir aos terroristas que pousem as armas. Sem isto, eles obtêm legitimização no Parlamento e vão recorrer às suas armas de cada vez que as negociações de paz com Israel falharem, num ponto ou noutro".

Mahmoud Abbas, sucessor de Yasser Arafat na liderança do povo palestiniano, definiu, desde logo, o reatamento das negociações com Israel como uma das suas maiores prioridades. Contudo, alguns grupos

radicais defensores dos ideais de Arafat (vistos como um entrave à resolução do conflito) têm mostrado a sua desaprovação para com os esforços de entendimento conduzidos pelo novo dirigente palestiniano. Como forma de protesto, levaram a cabo alguns atentados suicidas que vieram afrouxar o processo de negociações e pôr em causa a possibilidade de se chegar a um ambiente de paz efectiva. De entre esses atentados, destaca-se o de 25 de Fevereiro, ocorrido à entrada de uma discoteca de Telavive, que causou a morte a cinco israelitas. Após o atentado, Sharon decidiu "congelar" a libertação dos prisioneiros palestinianos - uma das medidas previstas no acordo de 8 de Fevereiro - e entregou à Autoridade Palestiniana uma lista de pessoas que deseja ver detidas.

Radicais palestinianos dispostos a trégua

Entretanto, os últimos desenvolvimentos dão conta de concordância, por parte dos grupos armados palestinianos, em cumprir o cessar-fogo em Israel e nos territórios ocupados. O general Jibril Rajoub, conselheiro para a segurança nacional na Autoridade Palestiniana, afirmou que "o Hamas está disposto a aderir à Organização para a Libertação da Palesti-

na e quer participar nas eleições legislativas", marcadas para Julho.

Rajoub acrescenta que "houve e haverá, sem dúvida, ataques isolados, mas há um acordo entre todos os grupos para que a segurança fique salvaguardada atrás da 'linha verde'", salientando que Israel deverá compreender que "não pode haver uma solução militar mas apenas uma solução negociada".

A resolução deste conflito parece estar mais perto desde a assinatura do acordo de tréguas, que prevê o fim da violência na região através do estabelecimento de comissões conjuntas com o fim de controlar a libertação de alguns palestinianos detidos em Israel. Acordada ficou também a retirada faseada das forças israelitas da Faixa de Gaza e de quatro dos colonatos do Norte da Cisjordânia. Os incidentes ocorridos desde então vieram pôr em causa o cumprimento destes objectivos. Espera-se, contudo, que as reuniões agendadas possam levar a novos entendimentos. Para 12 de Abril está previsto um encontro entre Ariel Sharon e George W. Bush, em Washington. O presidente norte-americano conta ainda reunir-se com Mahmoud Abbas, em data indeterminada. Sem dia marcado está também uma nova reunião entre os dois líderes em confronto.

Togo vai a eleições

**Olga Telo Cordeiro
Helena Fagundes**

O presidente do país africano, Faure Gnassingbé, que tinha subido ao poder após a morte do seu pai, cedeu às pressões internacionais e acabou por se demitir, permitindo a realização das primeiras eleições democráticas no Togo.

A crise política que se vivia na antiga colónia francesa foi desencadeada pela morte, a 5 de Fevereiro, do presidente Gnassingbé Eyadéma, vítima de uma paragem cardíaca. O líder foi imediatamente sucedido pelo filho, que, apoiado pelas Forças Armadas, contrariou a natural transmissão do poder para o presidente da Assembleia Nacional, que, na altura, se encontrava ausente do país.

Este facto originou ameaças de sanções da União Africana (UA), da Comunidade Económica de Estados da África Ocidental (CEDEAO) e do grupo económico regional, Ecowas. As penalizações previam o embargo da venda de armas e a proibição de viagens oficiais por parte dos dirigentes togolezes, uma posição apoiada pelos EUA, que optaram por cortar a assistência militar ao regime, e pela França, que colocou em alerta as tropas estacionadas no território.

A alteração no poder motivou também uma forte contestação interna, assistindo-se a uma série de manifestações nas ruas da capital Lomé, uma com mais de 15 mil participantes e outra que vitimou três pessoas. O Parlamento tinha mesmo chegado a aprovar uma revisão constitucional, no dia seguinte à morte do antigo líder, por forma a legitimar o mandato de Faure Gnassingbé até 2008, mas viu-se forçado a recuar na sua deliberação marcando eleições, que se realizarão até finais de Abril.

Três semanas após o golpe militar, perante a demissão de Gnassingbé, o vice-presidente da Assembleia Nacional, Abass Bonfoh, assumiu o poder até à data do escrutínio. Nas suas primeiras declarações este prometeu "eleições livres e transparentes" num prazo de 60 dias, como prevê a constituição. O secretário-geral do maior partido da oposição, Jean-Pierre Fabre, declarou-se muito orgulhoso pela "democracia e o poder da constituição terem triunfado sobre a ditadura".

Apesar de tudo, Fabre defende que a constituição em vigor não pode garantir umas eleições totalmente transparentes. A actual versão do documento possui uma emenda que restringe o acesso ao poder de pessoas que vivam no estrangeiro, o que impede muitos exilados proeminentes de se candidatarem. É o caso do líder da oposição Gilchrist Olympio, filho do primeiro presidente do Togo.

A realização, pela primeira vez na história do Togo, de eleições democráticas foi vista com bastante satisfação pela comunidade internacional, sendo entendida como mais um avanço de África no sentido da democracia. O secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, já veio felicitar Gnassingbé por ter abandonado o cargo, possibilitando a eleição de um presidente.

Os últimos heróis do Municipal

No futebol a memória é curta e muitos são os “contentores” de jogadores que chegam ao futebol todos os anos. Mas poucos são os cromos que se colam aos gritos de apoio das claques e ao miocárdio dos adeptos. Clube de tradições, a Académica tem “fabricado” poucos ídolos ultimamente, mas nas ruas de Coimbra A Cabra cruzou-se com uma geração que deixou saudades.

Por Rui Pestana (texto) e Susana Ventura (fotos)

Era uma vez três portugueses e um albanês. Rocha, Mickey, Rui Campos e Abazi já não escondem os cabelos brancos, mas ainda recordam os golos e as claques que viram passar pelo antigo Calhabé. Todos concordam que a saudade não tem lugar no mundo do futebol, mas para estes antigos jogadores que mantêm uma forte ligação a Coimbra, a Académica teve, para o bem ou para o mal, uma marca nas suas vidas.

Ainda na época passada foi capitão da equipa principal da Académica. Hoje, Miguel Rocha é um dos principais responsáveis pelo departamento de fisioterapia dos “estudantes”. “Em termos de futebol sénior foram 18 anos” relembra o jogador que tem mais de 100 jogos na Superliga ao serviço do clube da Briosa. Académico desde as escolinhas, o percurso de Rocha fez-se de poucas mudanças: “Fui progredindo sempre, desde os infantis, iniciados, juvenis, juniores, depois passei para os seniores e agora sou veterano” reforça o antigo capitão.

Miguel Lopes nunca chegou a ver o nome impresso nas camisolas negras da Briosa. Há sete anos era um dos ídolos do clube mas todos o conheciam por Mickey. A aluna vem dos bancos de escola, provavelmente devido à baixa estatura do jovem Miguel. Começou a jogar futebol nas escolinhas do Sporting de Pombal e cedo os olheiros da Académica deram por ele: “Vim para cá muito novo, com 16 anos. Sai de casa dos meus pais e vim com algumas expectativas e muitos sonhos”. Depois de dois anos

nos juniores do clube, vieram os empréstimos para o Brásfemes, Mirandense e finalmente à Naval. Acabou por convencer e regressou à Académica, mas a carreira terminou de forma triste e prematura após passagens fugazes pelo Campomaiorense e Espinho.

A médio ou a lateral direito, Rui Campos percorreu todas as divisões nacionais. A formação foi feita na Académica, mas quando se deu a transição para os seniores, um grave problema físico na coluna quase lhe amputou a carreira. A sua conta e risco tentou a sorte na Secção de Futebol da AAC e as coisas até lhe correram bem: “Fiz uma época muito boa nos distritais, soube-me muito bem porque era um ambiente universitário e entretanto tinha entrado na universidade”, recorda. O Brásfemes, clube satélite da Académica, pegou nele e no ano seguinte dá o salto para o plantel principal da Briosa. Contudo, as oportunidades eram escassas e pediu ao treinador Vítor Manuel que o emprestasse à Naval.

A afirmação e o regresso a Coimbra acabaram por surgir naturalmente e actualmente Rui Campos conta com “150 jogos ao serviço da Académica em cinco ou seis anos.” A carreira terminou na Naval depois de uma “saída triste” da Académica: “Estava para me formar e desde há muitos anos que nenhum jogador terminava uma licenciatura a jogar na Académica...”, lembra com alguma mágoa.

Com sotaque dos Balcãs, Edouard Abazaj explica que “Abazi é mais curto, portanto é melhor



Rui Campos lançou um projecto pessoal ligado à formação de novos jogadores

para o futebol”. Abazi jogou na Académica durante mais de três anos, na altura era normalmente chamado a jogar a defesa, mas o albanês explica que nem sempre foi assim: “Fui o melhor marcador do Dinamo Tirana e saí da Albânia como o melhor marcador do campeonato”. A polivalência só surgiu por acaso “no Hajduk Split, da Croácia, onde, numa experiência contra a equipa do Tottenham, na taça UEFA, o meu treinador experimentou-me como central. Resultou muitíssimo bem”. Apesar dos anos já pesarem, Abazi continua a ter o discurso bem treinado: “Nunca fui um jogador estrela e nunca disse que não a lugares que os meus treinadores achavam que eu podia fazer”. Mas os sorrisos também são confidentes secretos e “todas as crianças gostam mais de jogar a avançado e marcar golos”, confessa.

O futebol e a universidade

“Eu nunca faltei a um treino para ir a uma aula”, afirma Rui Campos, invocando o profissionalismo. Juntamente com Rocha e Mickey, Rui Campos foi um dos jogadores que a par de uma carreira desportiva seguiu um percurso académico.

As recordações são muitas e estendem-se durante os nove anos que em que Rui Campos frequentou o curso de Engenharia Electrotécnica. O antigo jogador e estudante reconhece: “Não fiz grandes sacrifícios para estudar. Podia-me ter formado em seis ou sete anos”. Sidas nocturnas, “só às segundas ou em fins-de-semana em que não tivéssemos jogos”, avisa prontamente o antigo jogador. Mas o ambiente de universidade esteve sempre presente: “Tive excelentes colegas que me ajudaram e fazia questão de, muitas vezes ir às cantinas, apesar de ser de Coimbra”.

A estabilidade futura que um

curso superior pode trazer é a principal razão apontada por Rocha para ter voltado a estudar. “Quando uma pessoa tem 18 anos vive sempre um bocadinho a ilusão do futebol...”. Os sonhos de uma carreira com outros horizontes, mais dinheiro e reputação chegaram a pesar para o antigo jogador da Académica. O sonho de fazer uma carreira maior foi-se esfumando: “Vivi a ilusão do futebol mas aí com 26 anos achei que deveria recomeçar a estudar”. Foi nessa altura que terminou o 12º ano e entrou no curso de fisioterapia.

Para Mickey, o jogador-estudante pode trazer algo mais a um clube como a Académica. “Jogadores que estudavam na universidade e que sentem a Académica de uma forma diferente” podem, na opinião do antigo jogador, “ir buscar forças onde às vezes nem imagina-

mos que as há”. Mas o curso de Engenharia Civil continua por fazer: “Neste momento faltam-me cinco cadeiras semestrais, na altura em que deixei de jogar futebol faltavam-me muitas mais”, mas o antigo médio irrequeto já desenvolve trabalho no ramo.

Rui Campos vê mais que as capas negras na tradição da Académica: “Nos anos 60 e 70 a Académica andou 30 ou 40 anos à frente porque é um pouco o modelo que têm hoje as universidades americanas e o modelo que alguns clubes querem implementar”. A proposta do antigo jogador passa pelo apoio da universidade, com o aumento da entrada de alguns jogadores fora dos números clausus para o curso que pretendem. Uma ideia que, na opinião de Rui Campos, “pode ser altamente competitiva nas camadas jovens e conseguir tirar ao Por-

Os veteranos

O Núcleo de Veteranos da Académica é constituído por antigos jogadores do clube, que perpetuam a mística de gerações de futebolistas que viveram os melhores anos da Académica. Jogadores internacionais, finalistas da Taça de Portugal, atletas que dedicaram uma vida inteira à Académica, fazem parte deste grupo nomes como José Belo, Crispim, Gervásio, Mário Campos, Vítor Campos, Rui Campos, Pedro Xavier, Marques, Paulo Ferreira, Marcelo, Rui Silva, Mickey, Rocha, entre outros.

A equipa de veteranos joga apenas quando é convidada. Vai a festas populares, viaja pela província e pretende continuar a espalhar o nome do clube.

Para Rui Campos estas gerações de jogadores deveriam ser postas, ainda hoje, “ao serviço da Académica”. Na opinião do “delfim”, a Académica tem muito a ganhar com essa história pois “isso é que alimenta a paixão dos adeptos”.

A inauguração do estádio foi, para Rui Campos, uma oportunidade perdida: “Teria sido um ótimo momento em que podia ter sido feita uma homenagem aos jogadores que pisaram o antigo Calhabé durante anos a fio e que foram esquecidos”.

No passado sábado realizaram-se eleições no Núcleo de Veteranos da Académica. A lista vencedora foi encabeçada por José Belo e dos elementos mais novos ressaltam os nomes de Mickey e Rui Campos: “Nós os mais novos sentimos que estava na hora de darmos alguma coisa ao núcleo. É uma forma de o dinamizarmos, de o renovar”.



O próximo desafio do treinador Abazi passa pela manutenção do Penelense



Após deixar o futebol, Rocha chefia o departamento de fisioterapia da Académica

to, Benfica e Sporting, jogadores que mostrem qualidade aos 13 e 14 anos". O remate final: "A Académica pode ter grandes mais valias por ter um jogador na universidade": uma grande dedicação e ligação ao clube, menores custos e maiores dúvidas na hora da saída para outro emblema são algumas das vantagens do jogador-estudante que Rui Campos aponta.

As tristezas

Aos 28 anos Mickey abandonava a bola, depois de uma enorme desilusão com o futebol. A partir daí, nunca mais entrou num estádio.

"Saí da Académica no meio de uma história muito mal contada". Foram promessas de empresários e da direcção da Académica na altura que o "empurraram" para fora do clube, afirma Mickey. O antigo jogador conta que lhe foi oferecida "uma proposta muito boa" num clube de Espanha mas que a ideia seria ir para o Campomaiorense e depois, em Dezembro, seguir o percurso para Espanha. Mickey ainda hoje não esconde algum nervosismo pela situação: "O que é certo é que quando assinei pelo Campomaiorense foi a última vez que estive com o empresário em questão...".

"Foi o primeiro grande choque que eu tive no futebol" recorda Mickey. O jogador assegura que jamais trocava a Académica por um clube que estava na Superliga mas que não tinha para ele o mesmo significado. "Fui enganado pelas pessoas em que eu mais gostava...", afirma o antigo jogador da Briosas.

No ano seguinte o regresso parecia possível. Depois de convites para continuar em Campo Maior, "fui contactado para voltar à Académica e recusei o Campomaiorense" recorda Mickey. No entanto, e segundo o ex-jogador, o contrato nunca chegou. Após uma longa baforada no cigarro Mickey relata: "Esperava que perante a impossibilidade de eu regressar não me tivessem respondido 'tenho pouca rede já te ligo' há cinco anos

atrás e nunca mais tenham tido qualquer tipo de satisfação para comigo".

Sentado numa esplanada com o futebol por trás das costas, Mickey não tem dúvidas que "podia ter tido uma carreira melhor". Mas jogador lamenta sobretudo a saída da Académica: "Magoou-me muito porque eu tenho a consciência de que gosto do clube, daquilo que fiz e da dedicação que tive pela Académica".

Para o colega Rui Campos as certezas são quase absolutas: "O Mickey nunca sairia da Académica. Saiu porque foi empurrado, pois tinha uma ligação à universidade". Para o antigo jogador do clube, Mickey foi vítima do momento que a Académica atravessava. "Dirigentes como António Augusto e Campos Coroa deixaram a sua marca, mas pela negativa, e ainda hoje se está para descobrir a dimensão dos prejuízos que causaram", afirma convicto Rui Campos. De resto, para o antigo jogador, é importante que os sócios entendam que "no futebol há mui-

tas pessoas que jogam com as emoções, jogam com os sentimentos para estarem nos cargos".

Rui Campos foi outro dos jogadores emblemáticos da Académica que não terminou a carreira no clube. Depois de divergências entre o jogador, treinadores e dirigentes, a continuidade de Rui Campos no clube ficou dependente da saída do treinador José Romão. No final da temporada, José Romão abandonou a Académica mas "a intenção da direcção foi de que eu não continuasse", recorda. O jogador afirma que, emocionalmente, a situação está ultrapassada mas não esquece que "os dirigentes da altura portaram-se de forma lamentável porque sabiam qual tinha sido a minha postura. Fui um bocado apalhado no meio...".

As críticas às antigas direcções da Académica continuam por parte de Abazi: "Esses senhores não percebem nada de bola e pelos vistos não trouxeram nada de bom durante esses dois anos". O actual treinador do Penelense é peremptório ao afirmar que "no mundo do futebol não devem entrar pessoas que não percebem nada de bola".

Abazi acredita que Mickey, Rocha e Rui Campos "poderiam ser um exemplo diferente no clube com um respeito diferente na Académica". A ideia seria integrar estes jogadores na estrutura do clube e "parece-me que estes senhores

estão um pouco esquecidos. Se assim fosse a Académica estaria numa situação muito melhor" termina Abazi.

O pontapé no futebol

"Deixei de jogar mas não deixei o futebol". Após o abandono dos relvados, Rocha trouxe para Académica um departamento de fisioterapia. Nas palavras do antigo capitão "foi um casamento perfeito, porque estava na altura da Académica ter um quadro destes". Fazer um acompanhamento diário dos jogadores em termos físicos e tentar recuperá-los de uma forma mais célere são os objectivos.

O curso de Engenharia Civil é agora a principal preocupação de Mickey. Os planos passam por terminá-lo ainda este ano e, "ultrapassado o trauma da saída da Académica", continuar a desenvolver a actividade num gabinete de engenharia em Coimbra.

De resto, tanto Rocha como Mickey, continuam a pisar relvados e a manter-se em forma na equipa de veteranos da Académica (ver caixa). Para Mickey o Núcleo de Veteranos é também "uma tentativa de reaproximação à Académica".

O pavilhão N10, na Pedrulha, é um dos locais de encontro dos veteranos da Académica. O N10 é um projecto de Rui Campos que integra uma escola de futebol, aluguer

de campos, e espaços para festas de aniversário. O antigo jogador não hipotecou a Engenharia Electrotécnica, mas revela que "este é um projecto me absorve 100 por cento do tempo e eu também tinha o objectivo pessoal de trabalhar com crianças".

Depois de ter passado pela Croácia, Hungria, França, Inglaterra e por vários clubes em Portugal, Abazi estacionou em Coimbra. É com uma convicção ameaçadora que do alto do seu 1,85m declara: "Deixei de jogar mas não arrumei as botas. No meu entender o futebol nunca começou e nunca vai acabar". Neste momento Abazi orienta o Penelense "uma equipa modesta, construída por um plantel de jogadores-trabalhadores. Trabalham durante o dia e têm de fazer mais um esforço à noite para treinar". Para este ano o objectivo é "manter o Penelense". Para o ano, diz, é possível subir à 3ª divisão, mas avisa: "só fico se conseguir o plantel que quero".

A carreira de treinador é para seguir, até porque Abazi acredita que "os antigos jogadores têm toda a capacidade técnica para treinar e orientar equipas". Licenciado como professor de Educação Física e diplomado como treinador de futebol, Abazi confessa que o desporto é a única área que domina e sublinha: "Nunca vou meter o nariz nos sítios que não percebo".



Mickey espera terminar o curso de Engenharia Civil este ano e exercer a profissão

Rui Campos por Rocha

"Eu e o Rui Campos, pela história familiar, nomeadamente, pelo percurso dos nossos pais, temos laços umbilicais que nos ligam à Académica e a Coimbra. Conhecemo-nos desde pequeninos porque os nossos pais e famílias dão-se bem e frequentávamos os mesmos sítios. Portanto tenho uma relação bastante próxima com o Rui.

Como jogador, não teve uma carreira muito longa mas também, e muito bem, porque optou por terminar a sua formação académica na área da Engenharia Electrotécnica. No futebol, como na vida, era um rapaz inteligente, tinha uma grande capacidade técnica e era também um lutador. Mas por diversas incompatibilidades e por problemas que são públicos, optou por terminar a carreira cedo".

Rocha por Mickey

"O Miguel Rocha foi um exemplo que eu tentei seguir. Para mim, o Rocha foi desde sempre um exemplo a seguir na Académica, um exemplo em termos de aplicação.

Quando eu vim para a Académica já ele cá estava e tinha ligações ao clube muito anteriores às minhas por parte do pai. Foi capitão durante muitos anos e uma pessoa que dedicou, e continua a dedicar, parte da sua vida à Académica. O Miguel teve uma dedicação absoluta à Académica, foi uma pessoa que treinou sempre nos limites, e daí a sua carreira sólida e sustentada na Académica.

Fora de campo era, e continua a ser, uma pessoa com a qual eu mantenho contacto. Um verdadeiro amigo que admiro e de quem gosto".

Mickey por Abazi

"Passaram muitos jogadores por Coimbra, mas a qualidade desportiva e como homem do Mickey é inatingível. No Mickey via-se Académica, ele dava tudo pelo clube. Como em muitos clubes da Europa há lendas, o Mickey é a lenda da Académica.

Tenho pena que o Mickey não tenha ficado na Académica. Não sei porque é que ele não ficou. Se continuasse ainda tinha lugar neste plantel. O Mickey é uma estrela como jogador de futebol e é cinco estrelas como cidadão. Era um verdadeiro amigo, dentro de campo e dentro do balneário.

A Académica devia tratar o Mickey de outra maneira e se o Eusébio tem um busto na Luz... não quero dizer que o Mickey devia ter um busto, mas pelo menos devia ser tratado de uma maneira especial".

Abazi por Rui Campos

"O Abazi tem uma personalidade 'sui generis'. É uma pessoa especial, de uma cultura completamente diferente e que viveu numa ditadura.

Era muitas vezes visto como um albanês que andava chateado... Mas connosco tinha uma grande amizade e, acima de tudo, um grande profissionalismo. Especialmente comigo, com o Mickey e com o Pedro Lavoura, sempre teve uma relação de grande amizade. Nós brincávamos muito, ele era agressivo mas no bom sentido, até nos balneários fingia que nos batia.

Ele soube compreender o que era a Académica. Sempre percebeu que a Académica tinha uma história, muita tradição, que havia valores que valia a pena preservar e valorizar e sempre soube estar".

14 CIÊNCIA

Amantes de jogos de computador reúnem-se na UC

O departamento de Engenharia Informática promove a segunda edição da Amateur Computer Entertainment Expo (ACEE)

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

A segunda edição da ACEE realiza-se no próximo dia 2 de Abril no Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, no Pólo II. Este evento tem como objectivo dar aos criadores de jogos amadores a oportunidade de expor os seus trabalhos.

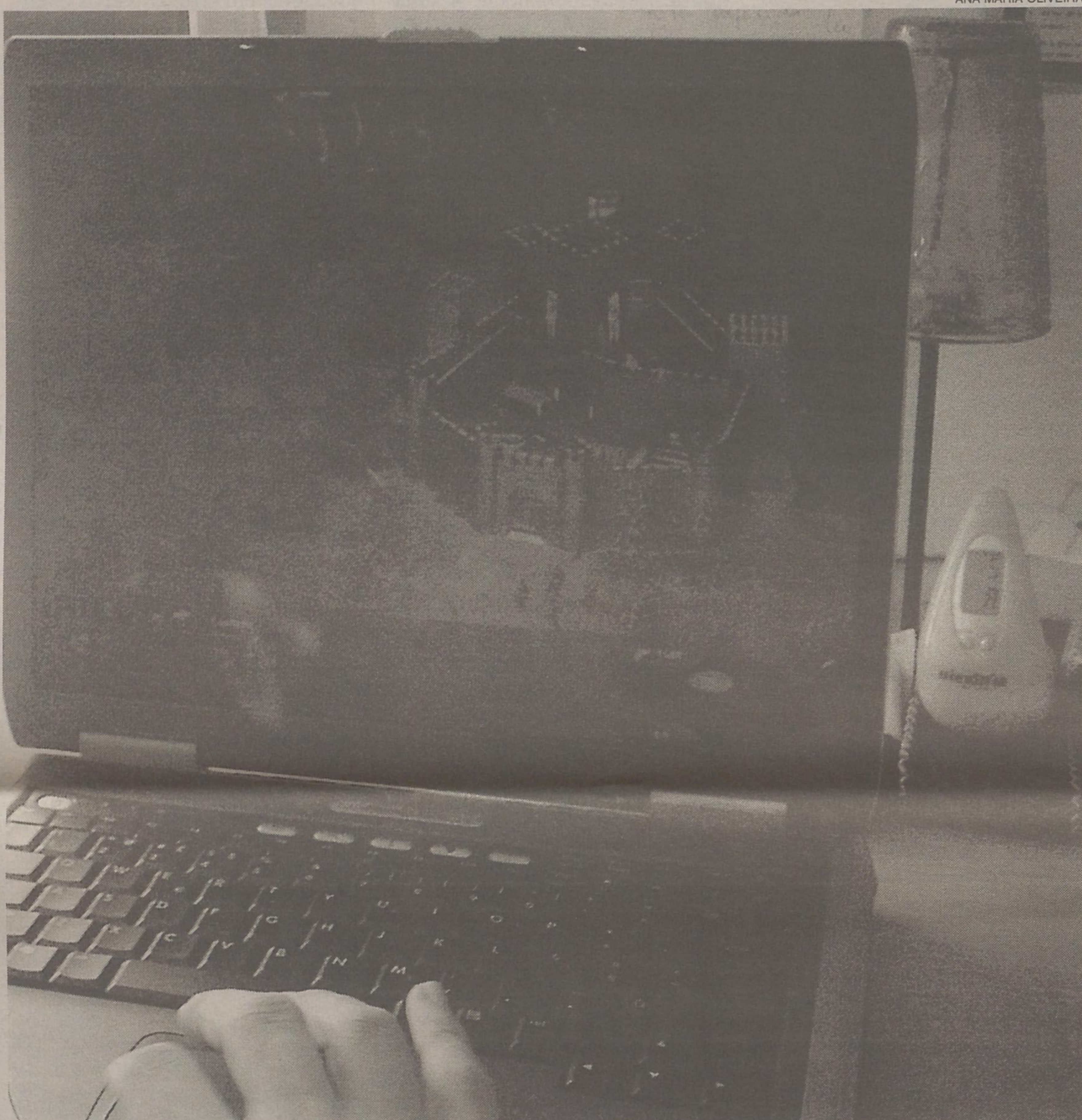
Depois da realização da primeira edição, no ano anterior, a ACEE, organizada por alunos, conta agora com a integração de mais 20 organizadores o que "permite uma maior capacidade de organização", diz o coordenador de relações externas e marketing, Miguel Machado, para quem este é "um número proporcional à dimensão do evento".

Está também prevista a realização de conferências subordinadas à temática do desenvolvimento amador de jogos a cargo de profissionais da área, tanto no circuito nacional como internacional. Na perspectiva dos organizadores do evento, a presença de oradores especializados pretende "trazer novas ideias, bem como conferir alguma maturidade à iniciativa".

De modo a garantir a sua continuidade, a ACEE surge integrada no âmbito da cadeira de Processos de Gestão e Gestão de Empresas da licenciatura em Engenharia Informática, que apoia o projecto. A exposição conta com ainda com o Laboratório de Gestão, responsável pelo supervisão da organização. Assim, "o facto dos alunos estarem fortemente envolvidos no desenvolvimento de jogos foi um dos pontos de arranque para a concretização deste projecto", esclarece o coordenador do programa, Jorge Alçada.

Esta é uma actividade não lucrativa e, tal como na primeira edição, os patrocínios são a base de financiamento. Os fundos obtidos servem para a promoção do evento junto do público e para possibilitar a deslocação dos oradores. Miguel Machado sublinha "a dificuldade em conseguir patrocinadores a nível nacional" enquanto que "na Itália, por exemplo, têm entre os patrocinadores distribuidores de jogos, fundações para a tecnologia e coisas do género", acrescenta.

Num balanço da primeira edição, os organizadores referem o facto de este "ter sido um sucesso" e encaram esta actividade como "um centro de próprios conhecimentos", na medida em que esta é "uma exposi-



O primeiro jogo de computador português a chegar ao mercado tinha a História como pano de fundo

ção inovadora que possibilita às pessoas mostrar aquilo que fazem".

No ano passado, a ACEE investiu numa competição de jogos amadores com o objectivo de eleger o melhor em exposição. Este ano, para além de participantes estrangeiros, são esperados jogos de companhias independentes portuguesas. Outra inovação prende-se com a participação de Clemens Pecinovsky, da Universidade de Viena, o que, segundo Miguel Machado, "é uma mais valia".

Os temas das palestras vão desde "a utilização de algoritmos genéticos na evolução de personagens nos jogos" até "IGDA – Internacional Game Development Association". Jorge Alçada salienta o facto de uma das palestras incidir sobre matérias leccionadas no curso e reitera a sua relevância, uma vez que "interliga os jogos com as cadeiras".

Jogos em português

No contexto nacional, o panorama do desenvolvimento de jogos amadores "ainda está por descobrir", sendo a razão apontada pelos organizadores a "falta de divulgação, de eventos e de apoios" nesta área. Não obstante, o coordenador do programa explica que "há uma série de fóruns on-line de criadores

de jogos, de interessados e de curiosos".

No processo de criação de um jogo, Miguel Machado chama atenção para a complexidade, devido à "necessidade de recorrer a pessoas direccionadas para todos os campos", isto é, tratar das vozes, sons, imagens e a programação do próprio jogo. Neste âmbito, Jorge Alçada reitera a "carência na área da dinamização", o que conduz "os potenciais criadores a desistir de uma carreira, uma vez que não há expectativas de mercado no nosso país".

Apesar deste cenário descrito pelos organizadores da ACEE, o criador do primeiro videojogo comercial português ("Portugal 1111, A Conquista de Soure"), Joaquim

Carvalho (ver caixa), refere que "já há mais interesse das universidades em incluir nos programas académicos a programação de jogos". Joaquim Carvalho ressalva ainda "a interligação da investigação que se faz em áreas diversas para a elaboração de, por exemplo, jogos de simulação".

Para quem deseja entrar no mundo da criação de jogos, Joaquim Carvalho alerta para "a necessidade de conhecer as pessoas certas tanto na venda como na divulgação" e explica que "é preciso uma conjugação de interesses entre estas dimensões". Numa última avaliação, Joaquim Carvalho considera que "muito mais do que uma engenharia informática, esta assume-se como uma engenharia social".

O primeiro jogo português no mercado

Joaquim Carvalho, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, foi o responsável pela criação do primeiro videojogo português a entrar no circuito comercial. "Portugal 1111, A Conquista de Soure" foi lançado no ano passado e tinha como objectivo divulgar o concelho de Soure e a sua história, promover um conteúdo pedagógico e inovar na indústria de jogos nacional. A autarquia de Soure apoiou esta iniciativa financeiramente e apostou "num projecto que agora funciona como modelo a seguir", na óptica de Joaquim Carvalho. Este jogo foi, também, o centro das discussões na primeira conferência nacional dedicada ao desenvolvimento de jogos em Portugal, realizada em Maio de 2004.

Tecnologia wireless em debate no Pólo II

A Internet sem fios vai ser o tema de uma série de conferências e "workshops". O evento permite ainda que os participantes integrem uma "Wireless Party" de 24 horas

Tânia Amaral
Sofia Piçarra

Decorrerá, ao longo do próximo dia 19 de Março, o Wireless Meeting (WiMe), no Departamento de Engenharia Informática da Universidade de Coimbra (UC), no Pólo II.

O projecto, iniciado em 2004, tendo em vista a partilha de conhecimentos entre os interessados na tecnologia "wireless", conta este ano com conferências e "workshops" de temas diversificados, que serão prestados por profissionais especializados.

No período da manhã, realizam-se três conferências, subordinadas aos temas "Redes sem fios em larga escala – Case Study: Projecto e-U", "Ligações de longa distância" e "WiFi, a caminho da ubiquidade", que terão como oradores, respectivamente, Mário Bernardes, do Centro de Informática da UC (CIUC), representantes da Wavecom e João Pardal Goulão (da PT WiFi).

Já no período da tarde, e contando com a presença de Pedro Vale Pinheiro, (também do CIUC), decorrerão dois workshops, onde os temas em questão são "A Norma 802.1X" e "Ligações de longa distância".

Ambas as actividades estarão direccionadas quer para os profissionais do ramo, quer para os amantes do tema, pelo que incluem uma vertente mais lúdica e educacional.

De forma paralela aos eventos, estará a decorrer uma "Wireless Party", de maiores dimensões do que a do ano anterior, com ligação sem fios em todo o recinto e ainda uma ligação por cabo. Os participantes terão direito a um posto para instalar o seu computador pessoal e aceder livremente à rede, nomeadamente para jogar. Para além do posto, os participantes terão direito ao acesso a todas as actividades nas quais previamente se inscreveram.

Para os interessados em participar, a organização disponibiliza, para além da inscrição presencial na sala do LaGe no departamento de Engenharia Informática, a inscrição on-line, através do endereço <http://wime.dei.uc.pt>.

O evento tem início às 9 horas e termina às 18h15. No entanto, a "Wireless Party" prolonga-se até às 9 horas de domingo.

DESPORTO 15

Briosa “derrapa” em casa

Empate com Rio Ave coloca equipa no último lugar

Os “estudantes” somaram o seu terceiro empate consecutivo, desta vez a zero. Contudo, já leva cinco jogos sem perder

João Campos
Rui Simões

A Académica recebeu no passado domingo o Rio Ave, em jogo a contar para a 25ª jornada da Superliga. Com muitas baixas na equipa, as principais novidades foram a inclusão de Danilo e Ricardo Fernandes no onze inicial, bem como a utilização de Nuno Luís no meio campo.

A primeira parte decorreu numa toada morna, com o primeiro sinal de perigo a surgir apenas aos 10 minutos, num livre de Ricardo Fernandes que Mora defendeu. Com maior ascendente que o adversário, a Académica criou, aos 13 minutos, a melhor oportunidade de todo o jogo: Ricardo Fernandes bate novamente um livre e Dário cabeceia ao poste. Na recarga, Marcel deixa-se antecipar por um defensor vila-condense.

Os “estudantes” mantiveram o domínio territorial e a posse da bola, mas sem criar grandes ocasiões de golo. O Rio Ave apenas cria perigo aos 25 minutos, mas o remate de Junas sai muito ao lado. Até final do primeiro tempo, apenas são dignas de destaque algumas arrancadas de Nuno Luís e uma série de três cantos seguidos conquistados pela equipa da casa.

A segunda metade inicia-se com a Académica à procura do golo, sobretudo em iniciativas de Dário, como um cabeceamento para as mãos de Mora, aos 54 minutos. Dois minutos depois, o Rio Ave cria perigo quando Saulo, após uma perda de bola de Paulo Adriano a meio campo, remata para defesa de Pedro Roma.

Nelo Vingada procura refrescar as alas e, aos 59 minutos, faz duas subs-



A Académica criou oportunidades mas não conseguiu bater a defesa do Rio Ave

tuições, trocando Danilo e Kenedy por Sarmiento e Lira. Cinco minutos depois, pede-se grande penalidade na área do Rio Ave, por queda de Dário. No seguimento da jogada, o avançado moçambicano e o guarda-redes Mora desentendem-se e vêem ambos o cartão amarelo.

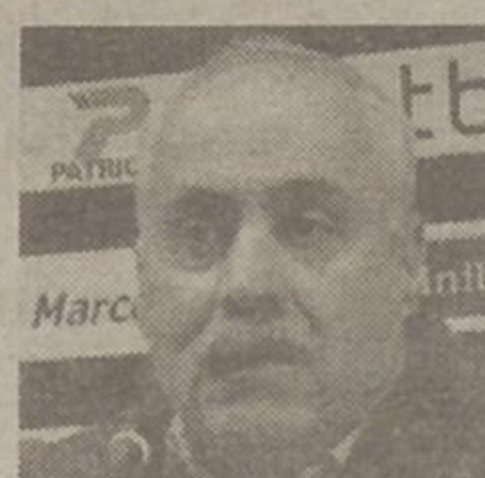
A partida prossegue dividida e sem grandes lances de perigo. A Académica mantém o ataque continuado e o Rio Ave tenta, a espaços, a contra-resposta. Aos 77 minutos, Nelo Vingada arrisca tudo, colocando em campo o avançado Joéano no lugar do médio Ricardo Fernandes. Logo a seguir, Marcel ganha a bola a meio campo e, em vez de servir Dário, opta pelo remate de longe, que sai por cima. Os visitantes respondem e, a nove minutos dos 90, conseguem a sua oportunidade mais flagrante, com Gama a obrigar Pedro Roma a grande defesa.

Até final, a Académica continua mais atacante, mas sem conseguir li-

bertar-se da teia defensiva da equipa de Carlos Brito. Nesta fase, a Briosa só consegue criar perigo em mais uma situação de bola parada, mas o livre de Marcel vai por cima da baliza.

Com este empate justo, os “estudantes” caem para o último lugar da classificação, somando agora 22 pontos. No próximo fim-de-semana, a Académica desloca-se a Leiria para defrontar a União local.

Nas cabines...



Nelo Vingada,
treinador da
Académica

“Não fizemos um grande jogo, mas fomos os únicos que procurámos ganhar”.

“Houve muita tolerância do árbitro para o jogo negativo do adversário”.

“Nesta fase empatar não chega e vamos a Leiria para ganhar”.

“O calendário daqui para a frente é favorável para a Académica”.



Carlos Brito,
treinador do
Rio Ave

“Não gostei da prestação dos meus jogadores na primeira parte”.

“O Rio Ave fez o possível, mas não fez por merecer mais do que o empate”.

“A Académica teve mais ascendente nas bolas paradas, mas não criou grandes oportunidades, portanto o resultado é justo”.

Hóquei mantém liderança

Académica volta a somar pontos e mantém o primeiro lugar da tabela classificativa da 3ª divisão de hóquei em patins

Diana do Mar
Jens Meisel

No passado sábado a Académica recebeu o Ginásio Clube de Coruche “Os Corujas” e venceu por 6-2, em jogo a contar para a 19ª jornada da zona centro do Campeonato nacional da 3ª

divisão. A Briosa alinhou de início com João Duarte, Filipe Duarte, Pedro Ferreira, Carlos Fernandes e o capitão Vítor Roque.

No período inicial do encontro, a equipa visitante mostrou alguma hesitação e manteve-se fechada na defesa. Porém, num contra-ataque resultante de uma perda de bola, Vítor Roque aproveitou para inaugurar o marcador aos três minutos da primeira parte.

Depois do primeiro tento, o jogo revelou-se mais tático porque, por um lado, os “estudantes” procuravam dilatar a vantagem e, por outro, a formação de Coruche ansiava chegar à igualdade. No entanto, foi a Académica que acabou por marcar através do

capitão, depois de uma assistência de Filipe Duarte, colocando o resultado em 2-0.

Os visitantes reduziram através de Cabéu a passe de Paulo Costa. Apesar disso, a equipa academista continuou a dominar a toada de jogo, mas o guarda-redes assumiu-se como um obstáculo de peso. No entanto, Pedro Ferreira recuperou o esférico e bateu o guarda-redes coruchense, quebrando desta forma a carapaça defensiva do adversário e fazendo o 3-1 no marcador. Até ao intervalo, o jogo tornou-se mais agressivo e uma falta cometida na área dos visitantes resultou numa grande penalidade, que Pedro Ferreira não desperdiçou.

Na segunda parte, a equipa de Coruche entrou bem em campo: marcou no primeiro minuto por Carlos Toré relançando a disputa da partida. Na resposta, os “estudantes” reagiram com um tento apontado por Artur Cordeiro que, à boca da baliza, concretizou o 5-2. A 15 minutos do fim da partida, Vítor Roque, numa “stickada” em jeito, ampliou a vantagem academista, fixando o marcador em 6-2. Até ao apito final, o jogo foi pautado pela tranquilidade da equipa da casa, que apenas se preocupou em manter o ritmo de jogo.

Na próxima jornada, a Académica desloca-se à Marinha Grande para defrontar o Marinhense.

Orabolás!

António Gil Leitão

Opinião

Futebol ou morte

“É que nos dias de hoje tudo vale e tudo serve para se atingir o sucesso”

Pode um árbitro bem conceituado, jovem e de grande gabarito, abandonar o futebol internacional, por medo da própria vida?

A verdade é que tal foi possível. Anders Frisk, reputado árbitro sueco, “sucessor natural”, para usar uma terminologia cara nos dias que correm, do árbitro italiano Colina, abandonou a arbitragem, com juras de nunca mais entrar num relvado de futebol, por, supostamente, não estar para aguentar mais ameaças de morte.

Vale a pena reflectir sobre o sucedido, porque, sendo aparentemente um acto isolado, tanto dos adeptos, como do árbitro, ele revela, com profundidade, o estado actual do futebol mundial – e num sentido mais lato da própria sociedade em que vivemos.

É que nos dias de hoje tudo vale e tudo serve para se atingir o sucesso. E, de resto, como no resto da sociedade actual, vencer é a única palavra que existe, a única possível de pronunciar. Quem vencer será idolatrado, quem perder será esquecido, humilhado e maltratado, colocado no caixote do lixo, não da história, porque nem sequer terá dignidade para lá entrar, mas das vidas de todos os outros – porque a própria convivência com perdedores, torna-nos derrotados.

E, se o futebol há muito deixou de ser um desporto para se tornar um negócio, as leis do mercado também têm, inapelavelmente, de se lhe aplicar.

E aí, a mão invisível penetra, com as garras bem de fora, no sub-mundo do futebol.

Ganhar não é apenas um objectivo desportivo, é um imperativo económico.

Por isso, ameaçar um árbitro é apenas um processo para se atingir o fim.

Por isso, ninguém veio a terreiro defender o árbitro que apenas cumpriu com o seu papel.

E por isso o futebol mundial perdeu alguém que, manifestamente, não tinha lá lugar, nem, porventura e sob a capa da tal categoria do “sucessor natural”, seria muito desejado.

É que a atitude do árbitro, se alguma coisa revela, será, em primeiro lugar, a nobreza do seu carácter, a incorruptibilidade dos seus princípios.

Do futebol mundial, este episódio revela que tais princípios e que pessoas da dignidade do árbitro Anders Frisk não têm lá lugar.

Até quando?

Apetece dizer, convertendo um antigo slogan: “Futebol ou Morte! Até à vitória, sempre!”.

Futsal em busca da subida

A Académica ocupa o quarto lugar da tabela classificativa. O treinador Francisco Batista analisa a época em curso e diz que os jogadores têm cumprido o plano delineado pela equipa técnica

João Campos
Diana do Mar

No quarto lugar da tabela classificativa da 2ª divisão, série A, a Académica vê-se, a sete jornadas do fim, na corrida pela subida à primeira divisão. Francisco Batista, que dirige o plantel há já três épocas, explica que “a grande meta era consolidar a equipa e estabilizar a Académica na 2ª divisão, para no próximo ano tentar a promoção”.

O actual desempenho da formação conimbricense está dentro do projecto delineado pela equipa técnica quando chegou ao clube. “Na altura disse que a Académica no primeiro ano subiria da terceira à segunda divisão, no segundo ficaria nos cinco primeiros e no terceiro subiria à primeira”, explica Francisco Batista. Até agora os objectivos têm sido cumpridos e, para tal, contribuiu o facto de a equipa ser muito jovem. No entanto, o treinador dos “estudantes” não ignora que “esta é uma moeda de duas faces”: tem a desvantagem dos “jogadores não terem a maturidade que é necessária em alguns jogos”. Apesar disto, Francisco Batista ressalva o facto de esta ser “uma equipa com uma qualidade acima da média” e com “jogadores ambiciosos, que gostam de aprender e que acreditam nas pessoas com quem trabalham”.



O técnico do futsal da Académica considera que esta é “uma equipa com uma qualidade acima da média, com jogadores que gostam de aprender”

A existência da equipa B comprova esta aposta na juventude, uma vez que “este é um espaço de evolução, porque permite que apareçam jogadores que estariam tapados por outros com mais traquejo”, esclarece o técnico. Esta formação também tem permitido que os jogadores depois de recuperarem de lesões possam ganhar ritmo para voltar a aparecer na equipa principal.

Outro elemento importante para o sucesso da Briosia tem sido, segundo o treinador, “o facto da equipa funcionar como um colectivo, onde cada individualidade se integra num conjunto”. Neste âmbito, Francisco Batista lembra o último jogo, frente ao Sporting de Braga, em que a equipa vinha de uma derrota pesada e, no entanto, “uniu-se, foi mais forte e

mostrou o seu nível contra uma equipa muito boa também”.

Apesar da união, o responsável refere que há factores que condicionam a sua prestação, nomeadamente a arbitragem, que funciona “não como um adversário, mas como um elemento destabilizador”. Francisco Batista refere o jogo contra o Macedense, em que, apesar de não estar em causa a vitória do adversário, “a arbitragem enervou a equipa”.

No que diz respeito ao peso da cidade de Coimbra no panorama do futsal nacional, o técnico academista afirma que “nos últimos anos a modalidade tem apresentado um decréscimo de qualidade e as suas equipas foram baixando de escalão”. Como medida a ser tomada para inverter esta situação, Francisco Batis-

ta realça que “é necessário que surjam outros projectos com qualidade que deveriam contar com o apoio de entidades, bem como da autarquia”. No entanto, o técnico dos “estudantes” refere que, embora se preocupe com este tipo de questões, “não é a Académica que as tem de resolver”.

À procura de melhores condições

Francisco Batista alerta para as diferenças de orçamento da Briosia para os adversários, mas reconhece que “há um esforço por parte da direcção do OAF para criar melhores condições”. Desta forma, o técnico ressalva que “se a Académica chegar à primeira divisão não terá problemas em se fixar”. Não obstante, na questão dos jogadores, o técnico afirma que

estes “têm vontade de ficar se estiverem reunidas as condições para tal”.

Já no que toca à equipa técnica, o responsável sublinha que é “uma espécie de sustentáculo deste projecto”, na medida em que “estão dotados de um bom espírito crítico e de entreajuda”. Para além disso, o facto de serem, na sua maioria, profissionais de educação física ou treinadores com curso da federação faz desta “uma equipa qualificada”, considera Francisco Batista.

Outra mais valia da equipa prende-se com a participação de dois jogadores no último Mundial Universitário. O treinador salienta ainda que “esta experiência é importante, não só para a auto-estima dos jogadores”, mas também para o trabalho do conjunto.

Andebol perde mas segue em frente

Académica perde em Torres Novas por apenas um golo, mas não coloca em risco a passagem à segunda fase

Sandra Camelo
Wnurinham Silva

No sábado, a equipa da Secção de Andebol da Académica jogou, no Pavilhão Municipal de Riachos, em Torres Novas, contra a equipa local, acabando por perder por apenas um golo, num jogo a

contar para a 18ª jornada do Campeonato da segunda divisão nacional. O jogo foi bastante renhido, o que acabou por se traduzir no resultado final de 25-24. Entre várias faltas, a Briosia foi vítima de muitas penalizações devido a uma arbitragem bastante contestada pela equipa de Coimbra.

A Académica iniciou a partida de forma positiva, com um bom contra-ataque. No entanto, ao longo do encontro os “estudantes” foram cometendo alguns erros técnicos em termos defensivos. Entretanto, tendo ultrapassado esses erros, a Académica ofereceu

uma grande resistência aos seus adversários. A equipa visitante esteve em vantagem até aos 18 minutos da primeira parte, apesar dos vários remates falhados. A partir deste momento, o C.A. Torres Novas foi conquistando pontos de forma gradual, mas a Académica não permitiu um grande distanciamento ao adversário.

Mesmo a perder pontos durante a segunda parte do jogo, os jogadores não desistiram e lutaram por uma vitória que, por pouco, não foi alcançada devido a uma recuperação que se iniciou tardiamente.

Entre os “estudantes” destacaram-se o central, Miguel Catarino, com seis golos que muito contribuíram para o resultado final, assim como João Blaize e Bruno Castro que conseguiram, cada um, quatro golos. Porém, foi também notório o esforço de Tiago Fonseca (três golos), Sérgio Catarino, Luís Reis e Pedro Amaro (dois golos) e de António Coelho (um golo). Os guarda-redes tiveram um razoável desempenho, com Telmo Reis bem entre os postes. Também Nuno Reis não se intimidou com a equipa adversária, contudo, teve fases em que deixou muito a dese-

jar pela forma como defendeu.

Entre as várias faltas ocorridas verificaram-se as suspensões de dois minutos a Pedro Amaro, Sérgio Catarino, Fernando Caldeira e Miguel Catarino. Este último também levou um amarelo, seguido por Tiago Fonseca e João Blaize.

No rescaldo do encontro o técnico academista mostrou-se confiante com o plantel que tem à disposição, considerando a situação classificativa da equipa “razoável”, uma vez que se posicionam no segundo lugar da tabela classificativa, garantindo o acesso à segunda fase do campeonato.



CASTELLO LOPES
CINEMAS

C.C. Girassolum
Coimbra

A PROJECTAR EMOÇÕES. DESDE SEMPRE.
Peça já o seu cartão cliente nas nossas bilheteiras e descubra as vantagens

Próximas estreias:

DIA 17/03 - RING 2

Realizado por HIDEO NAKATA

Com: NAOMI WATTS, SIMON BAKER, SISSY SPACEK

24/03 - AS PAIXÕES DE JULIA

Realizado por ISTVÁN SZABO

Com: ANNETTE BENING, JEREMY IRONS, BRUCE GREENWOOD



O autodidacta Robert Belford vai uma das presenças no Coimbra em Blues 2005

Coimbra em tons de azul

O 3º festival aposta na inovação e em alargar a cultura blues em Portugal

A edição de 2005 do Festival Internacional Coimbra em Blues vai decorrer no Teatro Gil Vicente (TAGV), de quinta a sábado. O programa deste ano conta com grandes nomes do blues vindos do Estados Unidos

**Nuno Braga
Suzana Marto**

Esta semana, a cidade acolhe mais uma edição do Coimbra em Blues, um festival que único em Portugal, mas que este ano esteve perto de não se realizar, devido à falta de apoio da câmara municipal.

A primeira noite vai abrir com Keith Dunn e Sherman Robertson, dois artistas que irão partilhar algumas músicas, sendo que Keith Dunn vai actuar a maior parte do espectáculo com harmónica e voz. Este concerto "vai ser o mais calmo", diz o assessor artístico do festival, Paulo Furtado. Robert Belford, fecha essa noite com uma sonoridade mais acústica, aliando com guitarra e voz. É um dos nomes mais importantes do blues de autor e a sua participação já era desejada por Paulo Furtado desde

a primeira edição do evento. Tanto Dunn como Belford são artistas autodidactas que promovem um som mais acústico e pessoal.

A sexta-feira é marcada pelas vozes femininas. Sheila Wilcoxon vai apresentar um som mais a pender para o country blues e traz com ela apenas um guitarrista. Furtado refere que Sheila "é uma artista muito interessante e um nome a seguir". Já esteve em várias formações de sucesso para além dos projectos a solo. A seguir, uma lenda do blues feminino, Toni Lynn Washigton, que é definida como um dos "nomes mais conhecidos do blues feminino".

Na última noite, haverá T. Model Ford, uma banda "para os apreciadores de blues com uma determinada abertura", segundo Paulo Furtado. Este artista tem 80 anos e apresenta um estilo mais agressivo que segue um sistema clássico, mas com uma sonoridade muito forte. O festival encerra com a Sherman Band que vai buscar inspiração ao country blues.

Em paralelo com os concertos está previsto um "workshop" de harmónica com Keith Dunn (amanhã) e um outro de voz com Sheila Wilcoxon (sexta-feira). Haverá também uma mostra de filmes temáticos. Entre eles, "The Search for Robert Johnson" que é um documentário narrado por John Hammond, e "The Blues—a musical journey", composto por sete filmes e realizado por Martin Scorsese. Haverá também uma exposição

retrospectiva das duas primeiras edições do festival com fotografias de Nuno Patinho, Miguel Silva e Pedro Medeiros.

Coimbra e blues: uma ligação de três anos

O festival teve a sua origem num conjunto de coincidências. De entre elas destaca-se a vontade, da parte de Paulo Furtado, de por em pé um festival de blues, o facto de encontrar apoio para essa iniciativa no antigo director do TAGV e a cooperação do Presidente da Câmara de Coimbra que mostrou disponibilidade em financiar o festival. Reuniram-se assim as condições para a realização de um festival de blues único no país. E o facto de existirem poucos festivais deste género retira Portugal da rota dos grandes nomes dos blues, algo que o evento tenta contrariar. Um exemplo disso é o facto dos T.Model Ford, há muito procurados pelos festivais de blues europeus, irem actuar pela primeira vez em Portugal sendo também provavelmente uma das últimas aparições em público. Desde do primeiro ano que o acontecimento atrai espectadores estrangeiros. Paulo Furtado acrescenta que "dentro dos festivais já temos um lugar definido cá dentro e lá fora!".

O primeiro festival ocorreu no ano em que Coimbra era capital nacional da cultura, o que permitiu ao acontecimento de ganhar mais visibilidade e atrair um público adicional. O apro-

veitamento desse público levou a que só houvesse uma noite em que os lugares não esgotaram. No segundo ano, ocorreu uma quebra em relação ao ano anterior já que a lotação esgotou apenas numa das noites. No entanto, em termos gerais o aproveitamento foi de mais de 80 por cento.

O programa também varia da primeira para a segunda edição. O ano passado viu-se uma passagem mais

radical, onde a última noite deixou o público um pouco perplexo, sendo que o concerto apresentou uma imagem arrojada em relação ao que se espera do blues. Apesar disso, Paulo Furtado acha que o balanço foi extremamente positivo: "Essa escolha resultou do desejo de representar das vertentes mais tradicionais do blues até às mutações que têm surgido nos últimos anos".

Festival a todo o custo

A edição do festival de blues deste ano passou por algumas dificuldades de última hora, já que a Câmara Municipal de Coimbra decidiu não apoiar a edição deste ano, apresentando a proposta de tornar o evento bienal. Segundo o vereador da Cultura, Mário Nunes, "a câmara defende que é preferível fazer de dois em dois anos e manter o nível do evento do que estar a fazer só por fazer". Para defender esta alternativa, Mário Nunes referiu os elevados custos que um festival desta envergadura comportam e o facto de o município já ter vários eventos realizados em sistema bienais, como o de Miguel Torga, que se realiza este ano, e o festival de gaitas de foles.

O assessor artístico do Coimbra em Blues, Paulo Furtado, lamenta o facto de a câmara só ter tomado esta posição "numa fase muito avançada em termos de programação". Paulo Furtado adianta que não vai relançar o debate, mas esclarece que a decisão de não continuar com o evento punha em causa o nome dos organizadores e do próprio festival. Por isso gerou-se todo um trabalho de angariação de apoios que fizessem erguer o III Coimbra em Blues como tinha sido idealizado: "Isto foi feito num orçamento controlado de despesas" afirma o assistente, sublinhando o facto de este ser um festival único no país que "se torna caro por via das viagens, pois todos os artistas vêm dos EUA".

O vereador assegura que o facto de os outros membros da organização do festival, particularmente o Teatro Académico de Gil Vicente, terem decidido realizar o festival sem o apoio da edilidade não veio afectar as relações entre as duas entidades: "Há apenas mais uma da regra que foi colocada pela câmara, portanto com o TAGV as relações são óptimas", finaliza.

Ser e Não Ser: eis a resposta

De Sófocles a Brecht, A Barraca leva o espectador numa viagem reflexiva por vinte e seis séculos de teatro

**Lurdes Faria
Ana Natacha
Marta Poiaras**

A companhia de Teatro A Barraca apresenta hoje e amanhã, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), “Ser e Não Ser ou estórias da História do Teatro”, espectáculo de autoria de Maria do Céu Guerra.

Centrando-se no percurso evolutivo da arte cénica, desde o século VII a.C. até aos dias de hoje, esta peça encontra-se dividida em três partes que nos contam os nomes e momentos marcantes da história do teatro.

A primeira parte retrata o tempo dos antigos ao Renascimento, a segunda foca os clássicos, desde Shakespeare a Goldoni, e a última sublinha a época desde os românticos até aos modernos. Nestas três fases podemos encontrar uma sucessão de textos de Ésquilo, Sófocles, Eurípedes, Molière, Shakespeare, Tchekov e Brecht, entre outros.

Apesar de funcionar como uma trilogia, cada parte pode ser vista como uma peça independente, pois representa um período específico da trajetória da arte teatral. Segundo Maria do Céu Guerra, responsável pela encenação de “Ser e Não Ser”, a peça envolveu “uma pesquisa bastante árdua e prolongada, devido ao facto de a história do teatro

não se poder contar depressa”. Não tendo como objectivo a “elaboração de um compêndio”, a encenadora diz ter partido da leitura e do estudo de um grande número de livros, de forma a desenhar cada época com os seus traços mais relevantes.

“Ser e Não Ser” atenta nos contextos políticos e sociais em que o teatro se desenvolveu, proporcionando também uma reflexão sobre questões artísticas e culturais que lhe são inerentes. Mas para além de factos verídicos, o espectáculo conta ainda com o colorir de mitos que rondam a arte cénica: “Misturar o que aconteceu, com o que deve ter acontecido, com o que poderia ter acontecido. Tentar criar uma nova realidade, juntando a ficção e a realidade, a máscara e o rosto”, explica Maria do Céu Guerra.

Esta peça do Teatro A Barraca é um projecto idealizado pela encenadora há já seis anos, mas sempre adiado por diversos motivos, sobretudo económicos e de tempo de pesquisa. Como a própria refere, “houve uma dificuldade em reunir o número de pessoas indispensável para o projecto, em ter disponibilidade de tempo para poder estudar os textos, e em obter dinheiro suficiente para o que um espectáculo destes exige, pois a própria cenografia implica bastantes adereços”. Mas o principal entrave, segundo Maria do Céu Guerra foi o factor económico, nomeadamente a falta de apoios por parte do Ministério da Cultura (MC): “O ano passado, o MC foi prometendo que a situação ia melhorar, que ia haver mais meios, e nós acreditámos nisso, prosseguindo com o projecto. O MC não cumpriu, o que nos obrigou a contrair dívidas e a ter pro-



Teatro A Barraca de novo em Coimbra, agora para reinventar Shakespeare e não só

blemas incriveis com que ainda hoje nos debatemos. É uma questão que teremos que estudar como resolver. O MC tem, mais cedo ou mais tarde, que se responsabilizar pelo sucedido”.

Para Maria do Céu Guerra, o títu-

lo “Ser e Não Ser” remete para a mítica expressão shakespeariana de “Hamlet”, mas guiada para outros sentidos, ilustrando, sobretudo, a essência do teatro – a dicotomia realidade/ficção.

No seguimento da peça surge

ainda um livro homónimo, da autoria de Maria do Céu Guerra e editado pelo Círculo de Leitores, que resulta da transformação do guião. O lançamento de “Ser e Não Ser” decorrerá amanhã, no bar do TAGV, por volta das 20h30.

Recordar e viver a infância

As músicas escritas por José Barata Moura servem de mote para “Fungágá”, a peça que estreia no final deste mês no TAGV

João Campos

O Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) recebe nos próximos dias 31 de Março e 1 de Abril o musical infantil “Fungágá”, baseado nas canções de José Barata Moura, escritas na década de 70. A peça é exibida às 10h30 e os bilhetes custam três euros.

A iniciativa é levada a cabo pelo Teatro da Trindade, em conjunto com o INATEL, e consiste na criação de uma história original a partir das músicas. A produtora do espectáculo considera que “era tempo de recordar e voltar a cantar as canções que fizeram a infância de muitas pessoas”, vendo nele tam-

bém uma forma de “ensinar essas músicas às crianças do presente”.

O espectáculo, com direcção musical de César Viana e encenação de Cláudio Hochman, visa contar uma história, formada por canções tão conhecidas como “Fungágá da bicharada”, “Joana come a papa” ou “Manel tinha uma bola”. A peça inicia-se com a chegada de uma família de artistas ambulantes à Cidade do Penteado, onde governa um rei com uma grande barriguinha. Nesta cidade, o clã de artistas é impedido de actuar, lançando assim o mote para a apresentação da família, composta pelo pai, pela mãe, três filhas, um filho, a avó e “mais alguém”, como é referido pelo Teatro da Trindade. A partir daqui, o espectador entra no dia-a-dia desta família, numa história “cheia de imaginação, de luz, de movimento, de dança, de cor e de alegria”. A segunda parte do musical é constituída pela exibição das canções, com coreografia e participação activa do público, que pode inclusive subir ao palco.

Coimbra é mais uma cidade a acolher “Fungágá”, depois de Lisboa, Vila Real, Figueira da Foz e Torres Vedras, locais onde o encenador da peça, Cláudio Hochman afirma que “o espectáculo teve muitíssimo êxito e a equipa que o constitui foi muito bem recebida”.

O encenador considera que musical “muito interessante”, pois permite juntar, na mesma exibição, três gerações: os avós actuais, “que cantavam as canções aos seus filhos”, os pais “que eram os filhos da altura” e que “podem partilhar com os seus filhos as canções que ouviam na infância”.

Cláudio Hochman sublinha ainda a actualidade da peça, “com arranjos musicais mais virados para o século XXI” e a qualidade das letras das músicas de Barata Moura, considerando que estas formam “um jogo de palavras muito interessante e estimulante para as crianças”.

O autor das canções do espectáculo, José Barata Moura, aponta para a “importância lú-

dica” destas músicas, uma vez que permitem a “reunião de três ou quatro gerações diferentes em volta da mesma peça”. Para além disso, o actual reitor da Universidade de Lisboa confessa-se “muito gratificado” pelo facto de, quase 40 anos depois, estas músicas serem recriadas e mostradas às crianças da actualidade.

Paralelamente à exibição da peça, está também disponível o CD, composto pelas 19 músicas que o constituem e que já vai na segunda edição, bem como um livro de colorir alusivo ao espectáculo.

Cláudio Hochman considera o lançamento do disco como um complemento à exibição da peça, uma vez que as canções que a constituem “não são passageiras, apenas para ouvir uma vez, mas sim para escutar regularmente”, integrando-se assim como “suporte didáctico” para as crianças. Para além disso, o encenador do espectáculo considera estes artigos como “uma recordação do musical para quem o assistir”.

ATÉ BREVES

1.º CONCURSO DE CURTAS METRAGENS DA AAC

**ENTREGA DE VÍDEOS ATÉ
26 DE ABRIL DE 2005**

**WWW.BREVES.AAC.UC.PT
ATE.BREVES@GMAIL.COM**

Coimbra recebe “nova” Cristina Branco

A cantora traz o seu último álbum ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente, onde envereda por sonoridades diferentes do fado que caracterizou os anteriores trabalhos

Sandra Ferreira
Rui Simões

A cantora Cristina Branco estará em Coimbra, na próxima segunda-feira, para aquele que é o último espectáculo da digressão nacional de apresentação do seu mais recente trabalho, “Ulisses”.

Este disco marca uma viragem na carreira da cantora, até então conhecida apenas como uma voz do fado. Em “Ulisses”, este género musical apenas marca presença num tema (“Gaivota”), sendo notória a aposta noutros caminhos, através do uso de poemas de vários autores, como Luís de Camões, David Mourão-Ferreira, José Afonso, Vasco Graça Moura, entre outros.

Relativamente a esta aposta em caminhos para lá do fado, a cantora confirma que este álbum se “afasta definitivamente desse conceito, não só pela sonoridade como pelas escolhas poéticas e diferença interpretativa”. Cristina Branco explica esta viragem na carreira como “uma tentativa de mostrar que se pode, e deve, cantar coisas diferentes, para além do fado”, explicando ainda que “nunca cantou fado tradicional” e que o afastamento em relação a este “sempre foi gradual”, acentuando-se neste momento. O recurso a criações poéticas é apontado como um resultado do seu gosto pessoal, até porque “os poemas de Vasco Graça Moura, Júlio Pomar e Vitorino foram concebidos directamente para o ‘Ulisses’”, sendo vistos pela intérprete como um “valor acrescentado no álbum”.



Cantora portuguesa apresenta novo álbum, “Ulisses”, na próxima segunda-feira

A presença em Coimbra, na próxima segunda-feira, é encarada de uma forma especial pela cantora, não só porque “todos os concertos são especiais”, mas também porque “Coimbra tem um sentido muito especial” para si e porque este é o último concerto desta digressão, iniciada a 26 de Fevereiro, no Teatro São Luiz, em Lisboa.

No que concerne ao espectáculo, a autora de “Ulisses” assegura que será uma história: a de todos os seus discos e a da música que gosta de escutar e cantar, prometendo mesmo a interpretação de alguns inéditos, com os quais pretende formar “uma paleta colorida”. A outrora chamada fadista assevera ainda que o espectáculo no TAGV “não vai ser absolutamente nada colado” ao seu último trabalho, garantindo antes uma pas-

sagem por todos os discos, e, “eventualmente, por algum fado”.

Uma carreira “de fora para dentro”

Cristina Branco iniciou a sua carreira discográfica na Holanda, com um CD editado apenas localmente. O seu primeiro disco produzido em estúdio, “Murmúrios”, surge em 1999, ganhando reconhecimento em França. Quanto à influência que o facto do seu primeiro disco ter sido editado no estrangeiro teve na sua já longa carreira, a cantora afirma que isso “modifica tudo”, já que o seu trabalho se virou, “obviamente, para um público diferente”. Cristina Branco diz, ainda, pensar que Portugal talvez não estivesse “preparado para escutar este tipo de sonoridade, com alguma modernidade aliada ao

fado”, facto que agora já não sucede.

A “Murmúrios” sucede “Post-Scriptum” (2000), que confirma a talento da cantora, então vista como uma emergente voz do fado. Depois deste álbum, ainda em 2000, a cantora prestou a sua homenagem à Holanda, com a gravação do álbum dedicado ao poeta holandês Jan Jacob Slauerhoff: “O Descobridor”. Em 2001 e 2003, Cristina Branco lança, respectivamente, “Corpo Iluminado” e “Sensus”, que proporcionam a sua aclamação em território nacional. Questionada acerca do facto de a sua carreira ter começado no estrangeiro e só depois ter conseguido a afirmação em Portugal, Cristina Branco rejeita que este seja um problema do nosso país, dizendo que tal “é algo que acontece um pouco em toda a parte”.

Em palco...

Rui Pestana

Opinião

Lusofonia multimédia

“Segunda Língua”
Centro de Estudos de
Fotografia
Sala de Armas da
Universidade de Coimbra
Até 31 de Março
Das 9h às 19h30

“Segunda Língua” é uma exposição agradável mas que peca por ser demasiado pequena. Na Sala de Armas da Universidade de Coimbra, local muito claustrofóbico para que se possa estar à vontade, um conjunto de obras em diversos suportes sustentam-se sobre o fio condutor da lusofonia. Representações, que vão desde a fotografia ao vídeo e que passam também pelo desenho, têm todas como pano de fundo o continente africano, os povos indígenas e a espaços vislumbra-se o estigma do português colonizador.

O olhar de Albano Silva Pereira deambula livremente em “Ilha de Moçambique” (1972-1975 e 1995). A objectiva curiosa do viajante fixa-se nas gentes e tradições para mostrar um país que sempre foi muito mais que uma colónia ultramarina. Os fortes e pontões construídos pelos primeiros colonizadores, e que ainda hoje fazem parte do quotidiano moçambicano, contrastam com as paisagens exóticas para ilustrar o olhar do viajante curioso e confuso.

Também de Albano Silva Pereira estão em exposição diversos vídeo-stills. Curiosamente, através de uma moldura de mosaicos multicolores Albano consegue muito mais intimidade com o objecto. Sequências de vídeo-stills que retratam actividades quotidianas e planos de pormenor revelam uma certa intimidade que estava ausente no seu anterior trabalho.

Filmes amadores, aerogramas, postais e outros documentos montados em vídeo fazem parte de “Nostalgia” (2002). Maria Lusitano constrói uma narrativa cativante contando a história de duas irmãs que se separam quando uma delas parte na companhia do seu marido para Moçambique. A Lourenço Marques da altura é pintada como o paraíso numa película muda que é o ponto alto de toda a exposição.

Os desenhos a lápis de Nuno de Campos em “Bichos nossos, nossos bichos #1” (2004) copiam as estepes africanas e as suas feras. As paisagens naturais do Parque da Gorongoza, a preto e branco, mostram a outra face de África, a mais poética e que ainda não foi domada pelos colonizadores.

Este projecto do Centro de Estudos de Fotografia com o apoio do Centro de Artes Visuais mostra realmente qualidade e merece de facto o seu espaço nesta Mostra Cultural. Contudo, não se pode deixar de pensar que “Segunda Língua” fica um pouco aquém do potencial impacto que poderia atingir. Soube-me a pouco.

O século XX em relatividade e cubismo

A mais recente peça do Teatro da Trindade faz uma crítica ao século XX, enaltecendo o que este teve de melhor

Liliana Guimarães

No Teatro Académico de Gil Vicente, Março termina com uma fusão entre arte e ciência. A experiência repete-se no dia das mentiras, com “Picasso e Einstein” a subir ao palco.

“Picasso e Einstein” é a nova peça do Teatro da Trindade, no âmbito das representações que conjugam arte e ciência. Juntando estas áreas estruturantes do conhecimento, na peça pretende-se responder à complexidade destes tempos. O texto é do actor Steve Martin e a encenação do também actor Rui Mendes. E se os génios Picasso e Einstein se ti-

vessem encontrado mesmo? Como teria sido a sua conversa? Para quem já se questionou, a resposta pode estar nesta peça, passada num café parisiense, em 1904, um ano antes de Einstein publicar a Teoria da Relatividade e três anos antes de Picasso pintar “Les Femmes d’Alger”. O Lapin Agile, no bairro de Montmartre, ainda hoje existe e mantém a reputação de local de encontro de artistas e boémios. Em tom de comédia, os jovens Picasso e Einstein discutem as suas mais sérias preocupações. Como compreender e representar o mundo em toda a sua globalidade e complexidade? De acordo com o encenador da peça Rui Mendes, “é isso que acaba por uni-los: estão ambos à procura de novas maneiras de ver e interpretar o mundo”. Cada um no seu campo de acção: a pintura e a física. A arte e a ciência cruzam-se quando a inteligência e a sensibilidade se encontram em personalida-

des geniais.

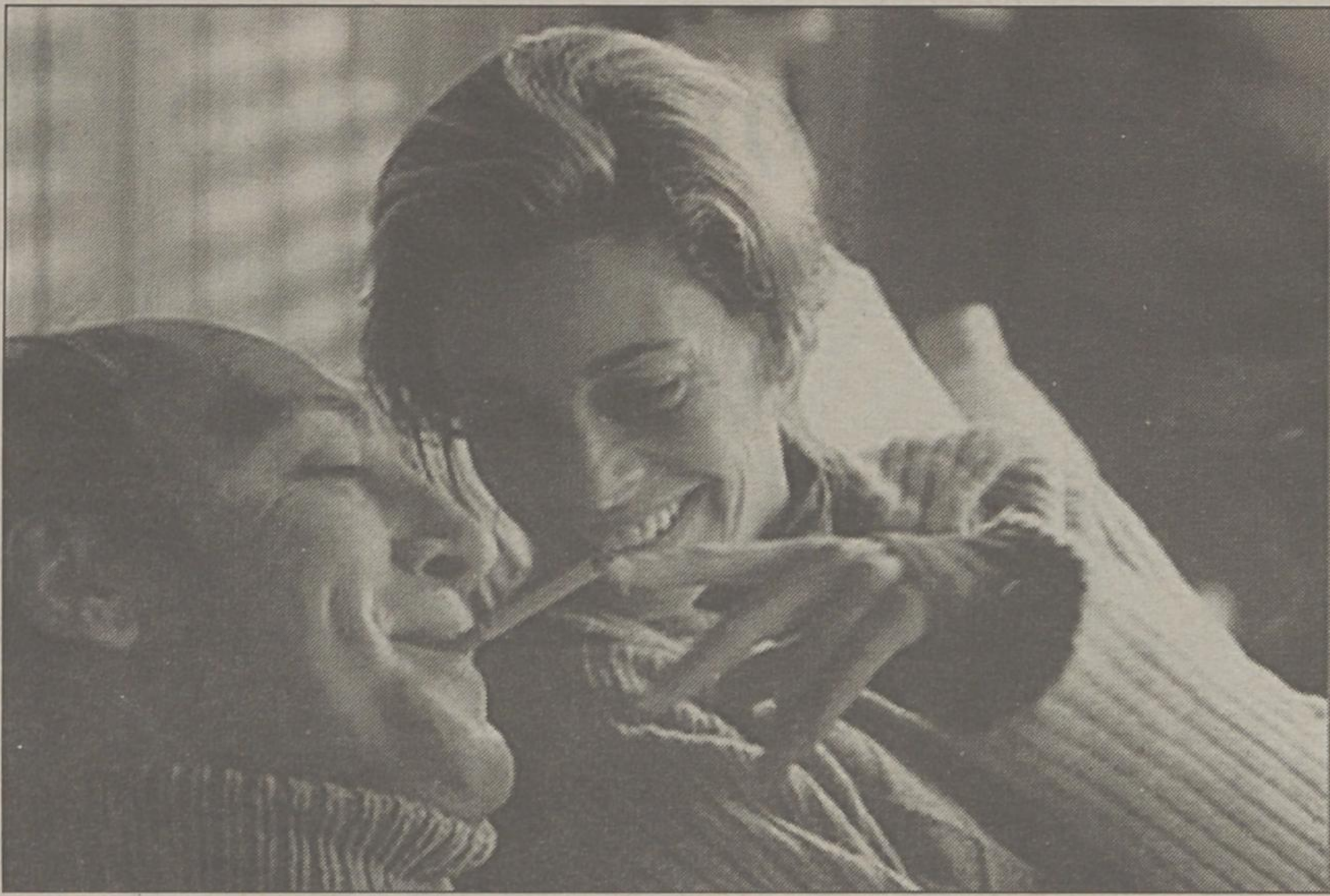
Com a relatividade restrita Einstein considerou o tempo como uma dimensão tal como a altura, a largura e a profundidade. A teoria da relatividade, em 1905, revela um universo a quatro dimensões. Einstein revolucionou o pensamento científico. Picasso conseguiu representar num plano uma geometria quadridimensional. Em 1907 pintou “Les Femmes d’Alger” onde projectou várias imagens tridimensionais simultâneas. Foi a primeira pintura cubista. Picasso e Einstein revolucionaram o início do século passado e todo o futuro teve as suas marcas.

Segundo Rui Mendes, esta peça é uma “por um lado um elogio, por outro uma crítica bem disposta ao século XX”. E prossegue afirmando que a peça “são momentos de congratulação pelo que de bom trouxe o século XX à Humanidade”. No entanto, no ambiente da peça, em que

todos prevêem um século extraordinário, genial, “vem o Elvis Presley dizer que afinal podia ter sido melhor, porque os governos e os políticos não ajudaram muito”. É o visitante do futuro interpretado por Ricardo Carriço. No entender de Rui Mendes, hoje em dia a arte e a ciência não andam de costas voltadas. No entanto, “continuamos na mesma, cem anos depois, os políticos e os governos é que não ajudam”.

Esta peça, como outras representações do Teatro da Trindade, têm a colaboração de algumas universidades. É exemplo a Universidade de Aveiro onde Carlos Fragateiro, director do Teatro da Trindade, exerce docência. O ciclo de peças que tentam pôr em cena assuntos que relacionem arte e ciência já trouxe outras peças a Coimbra. Exemplo disso é “O último Tango de Fermat”. No próximo ano, a companhia vai estreiar “O sonho de Einstein”.

Vê-se...



Amor não é crime não é amor

Ramón Sampedro quer morrer. Porquê, Ramón, porquê morrer? Porque, sob a perspectiva de quem não sente absolutamente nada abaixo do pescoço, a sua vida não tem mais dignidade. Rosa apaixonou-se por Ramón e quer ajudá-lo a recuperar a vontade de viver. Mas para Ramón a única prova de amor possível passa por ajudá-lo, precisamente, a morrer. E diz isto com um estranho sorriso nos lábios, a sua forma de chorar desde que passou a depender de outras pessoas para tudo, mesmo as coisas mais pequenas e simples, como virar-se na cama para a janela, ele que aos 20 anos deu a volta ao mundo. Resta-lhe sonhar, sonhar e sonhar mais ainda, sozinho, com força, com esperança, atravessando aquela janela tão distante, sobrevoando as montanhas empedernidas da

Galiza, avistando enfim o denso areal e mergulhando pelo mar adentro, livre finalmente, livre de novo, livre para sempre. Mas porquê, Ramón, porquê morrer? Porque é dono do seu corpo, porque tem a liberdade de decidir, de escolher não viver. Porque a sua vida não pertence a Deus, a nenhum Deus, a qualquer Deus, sobretudo um Deus, ou uma religião em nome de um Deus, historicamente conivente com a pena capital. Não, não, Ramón não é hipócrita e não tem medo: Não. Ele sabe, ele presente que depois da morte espera-o apenas o mais puro vazio. Rosa pede-lhe um sinal, mas Ramón não promete o que não pode cumprir. Ramón não acredita. Ramón só quer morrer. E precisa de ajuda, de um empurrão, de uma mão amiga. Uma prova de amor. E desde quando é que o amor é crime?

Gustavo Sampaio

Navega-se...

Gawker Media

Este grupo publica sete blogs diferentes, cada um virado para um grupo específico de leitores. Cada um dos blogs é feito por um profissional pago para cuidar do blog e fazer crescer as suas audiências. O blog principal é o Gawker e é exclusivamente dedicado a tudo o que seja bisbilhotice. Todos os delatores de rumores e conjecturas são bem vindos a este blog e eles não se privam de dizer que as notícias que publicam podem conter erros ou estar incorretas. O aspecto do blog é bastante simples, mas bonito e funcional. Tem as notícias no lado esquerdo da página e no lado direito tem publicidade, ligações para os outros blogs da empresa e uma lista dos títulos das notícias mais recentes. Nos outros blogs destacam-se o Gizmodo e o Kinja. O primeiro é sobre “brinquedos tecnológicos”. Sempre que há notícia sobre um aparelho electrónico, seja por ter entrado no mercado ou porque se fala na possibilidade da sua existência, o Gizmodo escreve sobre o assunto. O Kinja é uma espécie de portal para os nossos blogs favoritos. Permite-nos concentrar todas as entradas dos blogs que costumamos ler numa só página. A leitura do fleshbot também é interessante, mas é virado para um público mais adulto. Todos estes sítios são acessíveis a partir da página do Gawker.

<http://www.gawker.com>

Estranhos Horizontes

Strange Horizons é uma revista semanal sobre ficção científica. Todas as semanas há novos conteúdos mas nem sempre em todas as categorias que compõem a revista. Temos arte, artigos variados, colunas específicas, contos, poesia, críticas literárias e os editoriais. A partir da primeira página podemos consultar os artigos das semanas mais recentes ou ir directamente a uma das secções. É também possível consultar os arquivos para ler textos com mais de quatro semanas. No sítio também há um espaço para a comunidade de leitores, que inclui um fórum, um espaço para prémios anuais votados pelos leitores, uma zona para divulgação de workshops e ainda uma lista de outros sítios que a revista considera interessantes. Esta revista sobrevive através de

As cartas do inferno

Depois de um acidente de mergulho, que o deixa tetraplégico, com 25 anos de idade, o cidadão espanhol Ramón Sampedro renuncia à vida. A sua paralisia física impede o suicídio, mas difunde, entre “nuestros hermanos”, a controvérsia em redor da eutanásia. Dois anos antes de morrer, sem incriminar ninguém pelo seu acto reflectido, Ramón Sampedro publica um livro intitulado “Cartas desde el infierno”, em 1996. É essa a obra – suporte de “Mar Adentro”, o novo registo de Amenábar.

O papel de Sampedro, interpretado por Javier Bardem, situa-se algures entre a tragédia e o humanismo. Entre a entrega aos medos que nos visitam e a sensibilidade do gesto que permite o esquecimento dos dias, sempre mais velozes do que nós. “Mar Adentro” corre sempre atrás de distâncias – as que separam consciências e as que unem corpos e palavras.

Recusar uma cadeira de rodas,

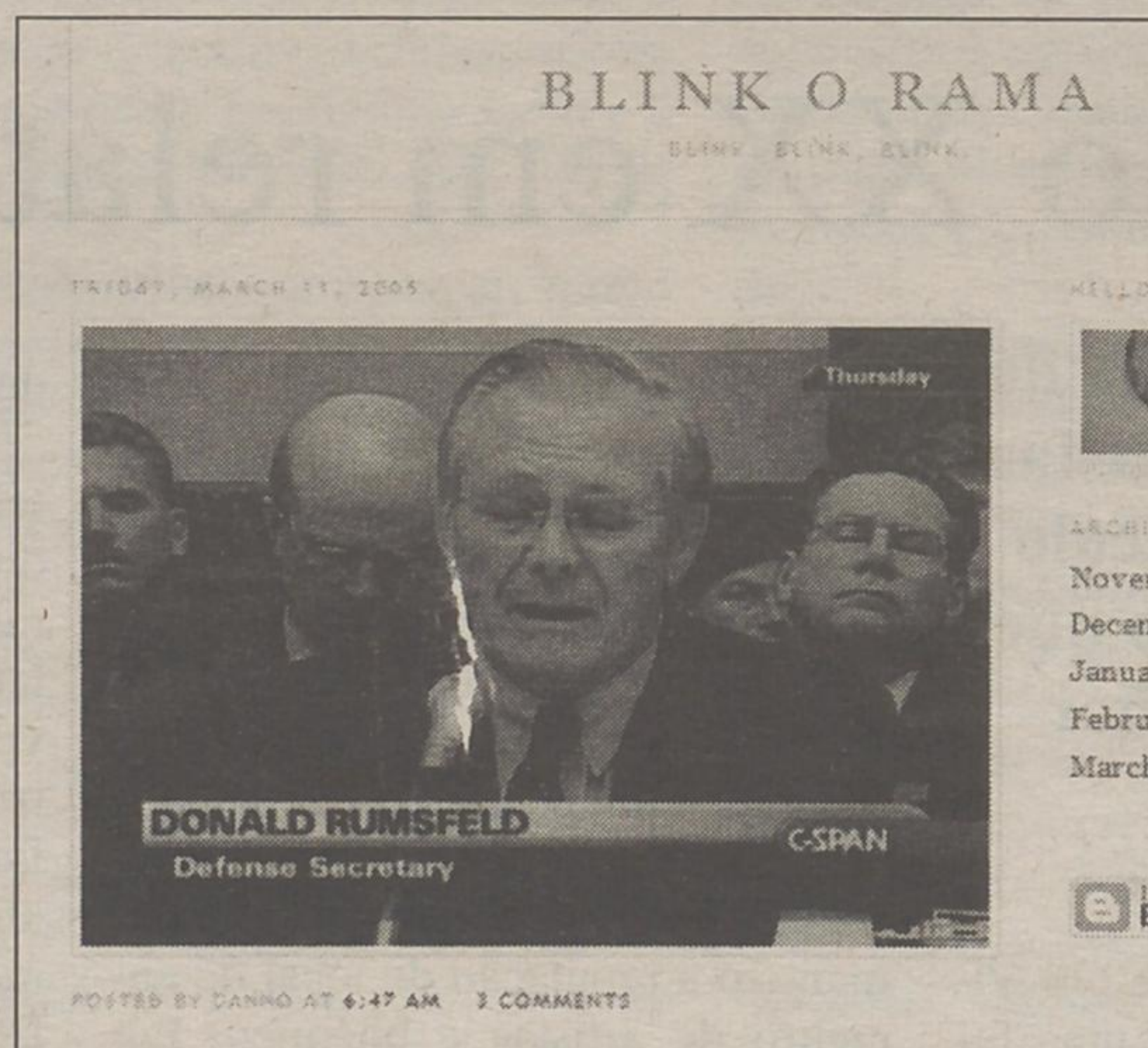
duplica, para Ramón, o sentido da liberdade: nascer e morrer. A felicidade nunca se reconstrói de migalhas e Ramón espera deitado a morte, ocupando o espaço da areia quando espera o mar.

Quando Amenábar reforça a adaptação de uma história real, pisa terrenos estranhos e facilmente se perde a revolta no olhar do protagonista (e vejam o talento de Bardem). Ou porque escorregamos na fraca exploração do jogo de ciúme entre a advogada e uma vizinha (Ramón Sampedro, ironicamente, era um sedutor) ou porque nos perdemos entre a posição da Igreja perante a eutanásia e os discursos primários de um padre, também ele tetraplégico.

O estímulo de “Mar Adentro” procura-se, sobretudo, na sensatez dos olhares e na sensibilidade das palavras de uma família galega. Também o mar, neste filme, se procura, por não estar ao alcance de uma só janela, para, desse modo, poder ser visto apenas quando se quer. **Tiago Almeida**

Mar Adentro / Alejandro Amenábar

Gustavo Sampaio	Para Ramón a única prova de amor possível passa por ajudá-lo, precisamente, a morrer	🐾🐾🐾
Jorge Vaz Nande	Que decida cada um se não se substitui aqui uma moralização da vida pela morte	🐾🐾🐾
Rui Pestana		—
Tiago Almeida	Em “Mar Adentro”, a morte gere as emoções do espectador, enquanto tecto de tragédia e humanismo.	🐾🐾🐾🐾
A evitar 🐾 Fraco 🐾 Podia ser pior 🐾 Vale o bilhete 🐾		
A Cabra aconselha 🐾🐾🐾🐾 A Cabra d'Ouro 🐾🐾🐾🐾🐾		
Todas as críticas em acabra.net .		



doações ou de vendas online. Para isso há uma livraria virtual e uma loja onde se pode comprar artigos criados pelos vários colaboradores.

<http://www.strangehorizons.com>

Pisca-Pisca

O Blinkorama é um blog dedicado a apanhar figuras públicas conhecidas do universo norte-americano com os olhos fechados. Todas as entradas são imagens capturadas de transmissões televisivas e no momento em que a pessoa se encontrava a piscar os olhos. Temos o Donald Rumsfeld, o Mel Gibson, o Arnold Schwarzenegger, entre muitos outros. O blog já existe desde de Novembro do ano passado e é actualizado com bastante regularidade tendo em conta a dificuldade do tema.

<http://blinkorama.blogspot.com>

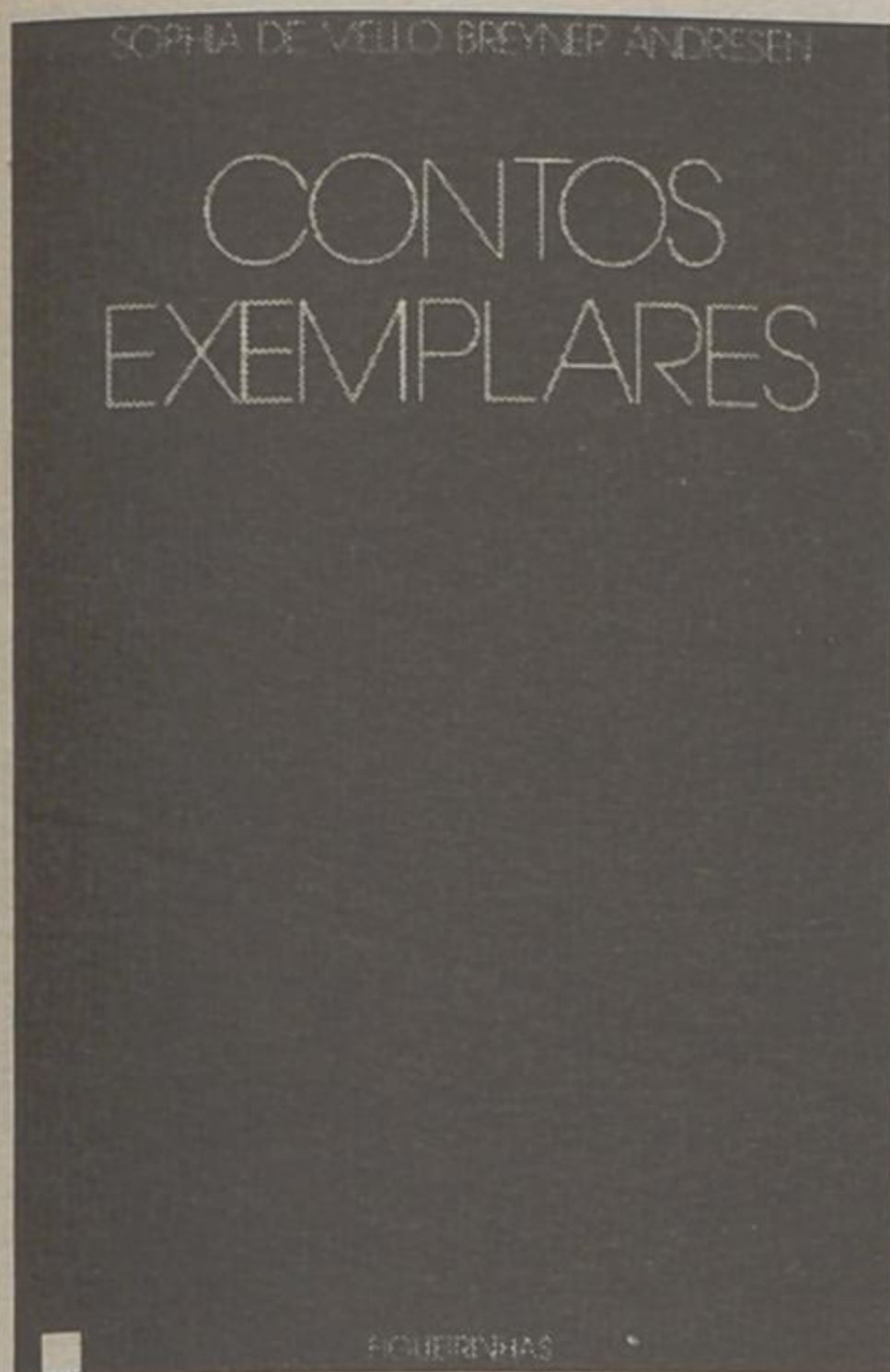
Blogosfera

“Blinkorama”

<http://blinkorama.blogspot.com>

Nuno Curado

Lê-se...



Sophia de Mello Breyner Andersen

“Contos Exemplares”

Ed. Figuirinhas, 1999 (33ª ed)

10/10

Ainda Sophia

“A poesia é oferecida a cada pessoa só uma vez e o efeito da negação é irreversível. O amor é oferecido raramente e aquele que o nega algumas vezes depois não o encontra mais”. (in “Retrato de Mónica”).

Sophia não carece de apresentações e, porque é sempre difícil falar de escritores consagrados, não haverá aqui espaço para incursões sobre a vida e obra – desde a poética às eternas histórias de meninos – da mulher escritora portuguesa que ocupa um lugar cimeiro, senão o mais, da cultura do nosso país.

Se a obra eterniza o autor, pela eternização da mensagem, muitas são as obras que poderiam servir para mais esta pequena homenagem a Sophia. Optou-se por “Contos Exemplares”, como exemplo da escrita e da arte criadora, mas, também, de uma certa religiosidade que impregna toda a obra da escritora.

“Contos Exemplares” é uma composição de onze contos sobre o humano, na sua fragilidade e na sua redenção, que se mantêm em nós para além da leitura epidérmica como registos exemplares, tanto no sentido de “tipos” como – e sobretudo – de ponto de partida para a reflexão da nossa condição.

Ainda que a coluna vertebral que une todos os contos seja a condição humana, no registo mais existencial desse estar, todos eles nos dizem coisas diferentes, podendo ser lidos mais como parábolas do que simples histórias.

Não poderei aqui referir todos, mas há pelo menos um que não é possível deixar de sublinhar, devido ao seu conteúdo tradutor do espírito que anima a escrita de Sophia e, principalmente, ao modo como está tecido: “A Viagem”.

“A Viagem” é um conto vertiginoso, em que relata as peripécias de um casal em viagem, que vai errando caminho e não consegue voltar para trás. Ao ler, depressa nos deixamos levar por esses caminhos, sentindo a claustrofobia, que as próprias personagens não parecem sentir, apesar do desespero, de uma esfera que se começa a adensar e a encerrar rumo a um fim que não queremos esperar. No decorrer da história, as cenas multiplicam-se em todas as esferas da existência humana: o medo, a esperança, o amor, a sobrevivência. Estamos na cena da vida. A viagem é a própria vida e não um conto macabro de Hitchcock ou de Du Maurier. Na senda da ideia de Heraclito de que nunca nos banhamos na mesma água de um rio, a viagem da vida não espera, não há espaço senão para o futuro actualizado permanentemente, não há lugar para voltar a atrás, não há, como escreveu tão bem Kundera na “Insustentável Leveza do Ser”, ensaios-gerais, apenas o improviso no palco da história, de erro em erro, de caminhos cortados e enviesados.

Um livro para ler como pretexto para nos pensarmos, o alfa e ómega da nossa existência, porque: “Um homem revoltado, mesmo ingloriamente, nunca está completamente vencido. Mas a resignação passiva, a resignação por ensurdecimento progressivo do ser, é o falhar completo e sem remédio”. (in “Praia”). **Andreia Ferreira**

Desenha-se...



Jean Dufaux e Enrico Marini

“Rapaces IV”

Edições Asa 2003

6/10

Tragédia fantástica

“Rapaces IV” é o último volume da série Rapaces, encerrando assim a tragédia em tons de fantasia delineada pelo argumentista belga Jean Dufaux e pelo desenhador suíço Enrico Marini.

O argumento da série gira em torno de uma sucessão de homicídios nos quais as vítimas são encontradas mortas com um alfinete espetado atrás da orelha direita, que fura um suposto quisto aí existente; a partir destes acontecimentos, desenvolve-se toda uma história acerca de uma cidade sombria, onde as crianças são cada vez menos, e onde o destino da humanidade é decidido por vampiros que há muito a dominam.

“Rapaces IV” é um livro que diverte e permite uma agradável leitura, mas que por vezes deixa algo a desejar, sobretudo ao nível do argumento; embora tenha

alguns pontos positivos, os clichés abundam e raramente é surpreendente. Consequentemente a obra é constantemente demasiado previsível.

A arte de Marini é o melhor; influenciado claramente pelo estilo de desenho japonês, o desenhador dá muita atenção ao pormenor e realiza cenários e ambientes incríveis. Contudo, o mais interessante da arte resulta na composição das vinhetas, em que o autor usa inúmeros ângulos de visão diferentes e perspectivas acentuadas para conferir mais dinamismo à história. Isto é particularmente eficiente nas partes de acção, em que as cenas recriam ambientes que lembram os das memoráveis cenas de acção da trilogia “Matrix”.

“Rapaces IV” poderia ser uma excelente obra, não fosse o facto de pecar por um mau aproveitamento narrativo face à arte que se lhe alia. **José Miguel Pereira**

Ouve-se...



Rádio Macau

“Disco Pirata”

Transformadores, 2005.

5/10

Mero vício para coleccionadores

Este “Disco Pirata” foi de facto, e a seu tempo, um disco pirata. Disco ao vivo, lançado em 1991, marcou o início de uma série de desavenças dos Rádio Macau com a sua editora de então – a EMI – que culminou na separação destes. Se a banda de Xana queria lançar um álbum ao vivo, a editora não. Isso levou ao extremar de posições, com a banda a abandonar a editora e a lançar o disco, de certo modo, de forma ilegal e em edição de autor, de pouquíssimos exemplares.

Este “Disco Pirata” ressurgiu agora, catorze (assim mesmo, por extenso) anos depois. Lançado em conjunto com um “Livro Pirata”. O livro é composto por um conjunto de contos da autoria de diversas personalidades da música e do mundo editorial português (destacam-se Jorge Palma, JP Simões, do Quinteto Tati, e os “músicólogos” Henrique Amaro e Pedro Gonçalves, director do “Blitz”), sempre baseados em letra da banda.

O disco é apenas uma reedição do homónimo de 1991, à qual se juntam quatro músicas gravadas em 2000, e são estes que acabam por valorizar a obra.

Porquê? Porque este disco acaba por estar demasiado situado temporalmente, e, como tal, não fossem as tais músicas gravadas em 2000 (“2 Breaks”, “Uma Questão de Tempo”, “90 Metros” e “Branco dos Olhos”) e uma bela “Maio Maduro Maio” de homenagem a José Afonso, e a nota que acima está inscrita seria mais baixa.

O pop/rock dos Rádio Macau deste “Disco Pirata” até que se ouve, mas não deslumbra. Dissecando as “birras” entre banda e editora acima narradas: Xana e companhia tinham razão em querer lançar o disco naquela altura, pois só aí é que ele faria (algum) sentido. Mas a posição da EMI entende-se pelo facto de este dificilmente poder ser um sucesso comercial. Hoje, como ontem, é um disco para fãs.

Recebe a nota pela originalidade do lançamento em conjunto com o livro (que, sem encantar, entretém) e por “Maio Maduro Maio”. Um mero vício para coleccionadores. **Rui Simões**



M83

“Before The Dawn Heals Us”

Mute, 2005

8/10

A angústia da alvorada

Este é daqueles discos sobre os quais apetece escrever de enxurrada. “Before The Dawn Heals Us” surge como terceiro disco do ex-duo francês (da dupla Nicolas Fromageau e Anthony Gonzalez a banda passou a projecto pessoal deste último), um registo necessariamente mais intimista, mas também mais livre e abrangente que os seus predecessores (M83 e Dead Cities, Red Seas & Lost Ghosts). Ambientes que variam entre o psicadelismo de guitarras e o minimalismo electrónico, o caos sonoro e a pureza ambiental, sempre sobre um pano de fundo predominantemente negro. Ou, se calhar, apenas triste. Ainda que essa tristeza seja sempre celebrada de uma forma grandiosa. Épica, por vezes. Veja-se o tema que encerra o álbum, “Lower Your Eyelids To Die With The Sun”, nos seus dez minutos de esplendor que terminam com um longo fade-out, ao qual se acrescentam dez segundos de silêncio, que bem podiam ser mais dez minutos, destinados especificamente a uma reflexão sobre a experiência que é ouvir este álbum.

Das variadas referências que este álbum tem suscitado, há uma que é bem notória – a dos escoceses My Bloody Valentine. Certas guitarras ao melhor estilo “shoegazer”, que até nem é só o Kevin Shields, mas enfim. Esta semelhança faz-se notar de uma forma mais intensa sobretudo no single (e que single viciante, quase perfeito) “Don’t Save Us From The Flames”, em que a guitarra se alia a bateria numa sonoridade que poderia ter sido criada nos idos mais escuros de fins dos anos 80.

Uma palavra para os sintetizadores, que por lá continuam, ainda que de uma forma diferente. Continuam a gozar de estatuto de onnipresença, mas assumem muitas vezes um papel de suporte sonoro, mais que propriamente de primeiro plano.

“Before The Dawn Heals Us” é um álbum a ser ouvido repetidamente. E pelo máximo de pessoas possível. Tenho a estranha sensação de que fará muito bem a muito boa gente. **Emanuel Botelho**

22 ESTÓRIAS

Vida Moderna - 11ª Epíslodio

Um Deus maior

K. esperou ansiosamente pela noite de sexta-feira seguinte, debatendo-se sozinho com o significado das palavras de George, cravadas na sua pele branca como víboras lancinantes. Caíra indelevelmente na mais pueril das fraquezas, mergulhado em vil e insistente curiosidade, impaciente, vulnerável, perfeitamente entregue nas mãos do misterioso vizinho de olhar intimidante e chapéu azul-escuro. Tentou encontrar-se com ele na entrada do prédio, no elevador, ou mesmo no vão das escadas, mas George pura e simplesmente evaporara-se desde aquele fugaz momento em que, segurando a porta do elevador com a mão esquerda, citou Oscar Wilde com a precisão de quem leu mais do que um mero livro de citações do tamanho de um bolso. Mas como posso eu dizer tal coisa se, enquanto narrador, nunca li nada de Oscar Wilde para além desse mesmo livro pequenino, de capa esverdeada, repleto de citações? Como posso eu saber se George conhece, de facto, a obra completa de Wilde? A verdade é que também eu, eloquente narrador desta história, não passo, afinal, de uma marioneta nas mãos



de alguém superior. Refiro-me, obviamente, ao excelentíssimo autor. Sou um Deus menor de todas estas personagens da Grande Cidade, mas devo obediência a um Deus maior, ao autor, que conhece bem alguns livros de Wilde e está em condições de avaliar, com rigor, se George se referiu ou não com precisão sobre a virtude original do homem. Enfim, aproveitando este episódio confessional, algo suicida em termos de audiência, reconheço, informo ainda o estimado leitor que o autor se revê completamente na personagem de K. e que George corresponde a um seu amigo próximo. No fundo eu represento a única personagem de ficção desta história, embora não partici-

pe activamente nela, limitando-me a uma função narrativa. Claro que aquele meu encontro com George ultrapassou todos os limites impostos pelo autor, que ficou com vontade de me matar cruelmente no episódio seguinte. Terá imaginado algo entre uma serra eléctrica e um comboio cheio de passageiros. Mas, ainda que fictício, não se pode matar o próprio narrador da história sem matar a própria história. Não, não precisei de fazer chantagem, pois o autor reconhece a minha preponderância em relação a tudo isto. Sabe que sem um narrador fictício capaz de contar a história, seria obrigado a expor-se mais do que aquilo a que está disposto. E então o nome de Gustavo Sam-

paio apareceria sobreposto aos de K. e George e os ridículos paralelismos com a sua vida real não tardariam a surgir, mesmo de pessoas por quem ele nutre um relativo apreço. Claro que o que eu acabo de escrever contribui precisamente para essa sobreposição, ao expor totalmente o Deus maior aos olhos do leitor. Apercebo-me agora do erro gravíssimo que acabo de cometer. Segue-se um julgamento sumário e sem direito a júri. É rapidamente decretada a pena capital. Escolho então a injeção letal. E sinto, por fim, a agulha romper uma veia do meu braço direito. Perco a consciência. O vazio da morte irrompe devagarinho.

Gustavo Sampaio

(Na) Primeira Pessoa

Pequenos pormenores

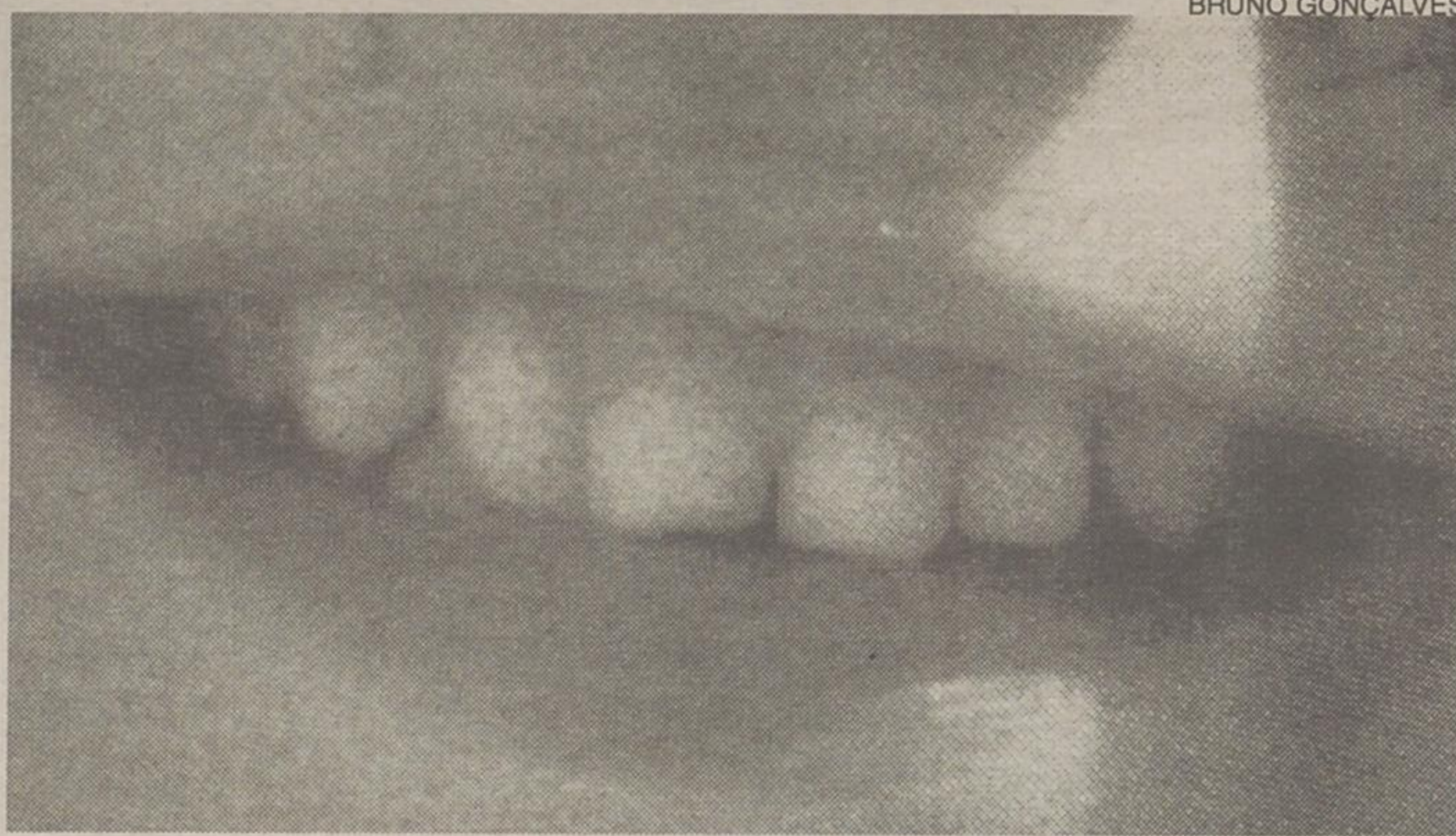
"Em tão pouco a nossa vida se me fixou. São instantes que alguém em mim escolheu e me ficaram a resumir a vida toda. E mesmos nesses instantes há um ou outro que se obstina em vir ao de cima e a resumir todos os demais." Leio Vergílio Ferreira e penso na importância real de cada instante. Escuto Vergílio Ferreira e penso na importância real deste trecho da sua escrita e dos que se lhe sucedem.

É curioso como os mais peculiares pequenos pormenores nos trazem um sorriso e nos fazem esquecer tudo o resto que gravita à nossa volta. É, sem dúvida, curioso, como um simples momento, dois parágrafos, uma música, um dia de céu azul, um local, uma conversa, uma risada, um pôr-do-sol, duas mãos dadas ou duas bocas

juntas nos trazem o sorriso verdadeiro.

Por todos esses pequenos pormenores, penso que a felicidade das telenovelas não existe senão nesta compilação de instantes que dá sentido às nossas vidas. Não deixo de me perguntar se esta doce, fácil, naif e serena felicidade infantil não será apenas um escape para fugir dos problemas que as sucessões de dias nos lançam para os braços. Concluo que não.

A verdade é que são esses momentos que me fazem ver o que a vida realmente é, sem filtros. Porque, mesmo entre tudo o resto, mesmo entre as nuvens que surgem, há sempre um instante, uma pessoa, um local que nos dá o tal sorriso e nos entra na memória.



Por isso, gosto de pegar cada momento e guardá-lo numa gaveta de emoções perenes. Gosto da simplicidade desta felicidade pueril. Gosto de viver como o adolescente apaixonado, que, na verdade, sou.

Rui Simões

Os restantes cronistas de "(Na) Primeira Pessoa" escrevem, esta semana, em acabra.net.

Crónicas do Paraíso

Paulo Nuno Vicente

Diário I

Fui padre,
- baptizei, casei, funerais nunca, por superstição -

depois, vendi aligadores. E mesmo leis. Não foi uma vocação do diabo, da consciência. Não foi pelo cofre cheio ou pelas amizades gratuitas. Não sei pelo que foi, aconteceu-me.

Ocasionou-se-me nascer com o gosto de nada em especial, de querer estar entre os dentes de qualquer fome. Limito-me a ver o que posso. Um bom tigre também bocejia. Pois que me sento e esprego o que me deixam. Foi no que dei, muita história, muito *raio de vida* depois.

A minha idade é uma colecção muito especial. Acabei com um espeto de pau enterrado no olho esquerdo, herança de uma viúva em tempestade. Mas uma viúva de empréstimo, que o marido

- sei-o bem porque vi com os olhos dos outros -

voa por aí de madrugada, quando cantam as cigarras e as putas. Puta é palavrão, gente e desculpa fácil para o fim de tudo ou de qualquer coisa. Enfim, dizia, há lacraus piores, mas a viúva fez-se brava ao saber

- saber não é bem o gesto, mas serve -
que o suposto falecido, com funeral atirado para os matutinos, e tanta, tanta flor na lápide, ronronava, uma morte depois, no contentamento de outras pernas e sambas.

Pois que aos poucos os santos perdiam, com o mundo de um só olho, é claro que pesa olhar assim, de vista esvaziada, nos olhos do altar, sabe-se lá que deus posso encontrar, ou quantos, ou metades...

Talvez por isso
- é uma inquietação que me coça há dias -
talvez por isso, escrevia, bem e mal, e deuses dentro, dependem dos olhos ou
- melhor escrito -
do cansaço ou da juventude da vista.
Seja como for, a tese é o reino da velhice. Ainda há espera de sobra. Logo se vê.
- logo se vê parece anedota, o olho sobreviveu que se ria -
E que possa rir-se de mim, céptico do bocejo.

Porque ameaça parecer mal um ido-padre acusar, mas os ares são condicionados, já o tenho dito.

- quem pecou mais: o putativo morto? a viúva vingadora? -

Os meus olhos já não ajudam ou a verdade faz sempre por passar rasteira. Nunca aprendi a medir o pecado ou a redenção. E há por aí muita lei de hora combinada, muita vista grossa

- tem graça: bem e mal sairiam a dobrar, engrossados -

basta erguer o queixo, ver como andam os céus ocupados a fazer chover.

cronicas_do_paraíso@hotmail.com

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA Depósito Legal nº183245/02 Registo ICS nº116759

Director João Pereira **Chefe de Redacção** Tiago Pimentel **Editores:** Francisca Moreira (Fotografia), Margarida Matos (Ensino Superior), João Campos (Cidade), Rui Simões (Nacional/Internacional), Bruno Gonçalves (Desporto), João Vasco (Cultura), Daniel Sequeira (Fotografia acabra.net) **Secretária de Redacção** Filipa Oliveira **Paginação** Filipa Oliveira, Nuno Braga **Redacção** Adalgisa Leitão, Ana Bela Ferreira, Ana Maria Oliveira, Ana Martins, André Ventura, Bruno Costa, Bruno Vicente, Carina Fonseca, Carina Valério, Carla Pinto, Carla Santos, Claudio Vaz, Diana do Mar, Helder João Pinto, Joana Moreira, José Manuel Camacho, Liliana Guimarães, Marília Frias, Marta Piores, Nuno Braga, Olga Telo Cordeiro, Paulo Alexandre Teixeira, Pedro Santos, Rosa Ramos, Rúben Figueira, Rui Pestana, Sandra Henriques, Sónia Nunes, Soraia Letra, Suzana Marto, Tiago Almeida, Vitor Aires **Colaboradores** Andreia Ferreira, António Gil Leitão, Carla Moura, Catarina Ferreira, Catarina Rodrigues, Cláudia Oliveira, Cláudia Sousa, Daniel Boto, Elisabete Monteiro, Gustavo Sampaio, Inês Subtil, Jens Meisel, Joana Gante, Joaquim Silva, Jorge Vaz Nande, José Miguel Pereira, Kossaqui, Marisa Ferreira, Marisa Soares, Marta Santos, Milene Cunha, Nuno Curado, Patrícia Xavier, Paula Costa, Patrícia Costa, Pedro Galinha, Raquel Carvalho, Ricardo Martins, Sandra Ferreira, Sandra Pereira, Sofia Piçarra, Soraia Ramos, Ticiania Xavier, Wnurnham Silva **Fotografia** Ana Estevão, Ana Maria Oliveira, Bruno Costa, Bruno Gonçalves, Cláudio Vaz, Helena Paulino, Joana Fonseca, Rui Couto, Rui Velindro **Publicidade** Joana Moreira - 239821554; 919879569 **Impressão** CIC - CORAZE, Oliveira de Azeméis, Telefone. 256661460, Fax: 256673861, e-mail: grafica@coraze.com **Tiragem** 3000 exemplares **Produção** Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Propriedade** Associação Académica de Coimbra **Agradecimentos** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

A CABRA
Jornal Universitário de Coimbra

Secção de Jornalismo, Associação Académica de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 - Coimbra Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabra.net
Jornal Universitário de Coimbra
e-mail: acabra@gmail.com

A odisseia do crime

Um estudante escocês vai atravessar os Estados Unidos e violar 40 leis bizarras. A viagem começa em Alcatraz, a ilha-prisão, ao largo de São Francisco

De acordo com um artigo do jornal escocês The Scotsman, Richard Smith, um intrépido estudante de Portreath, em Cornwall, está prestes a embarcar numa jornada épica de quase 29 mil quilómetros através dos Estados Unidos, com a intenção de violar o máximo de leis possível. Contudo, as transgressões que este estudante de 23 anos pretende efectuar não deverão levá-lo à cadeia, uma vez que ele vai apenas infringir leis bizarras ou antiquadas, como a proibição de adormecer em qualquer fábrica de queijos do Dakota do Sul.

Richard Smith pretende igualmente jogar cartas com um nativo americano, o que é contra a lei em Globe, no Arizona. Outra das afrontas às autoridades que este estudante pretende praticar é declamar em voz alta "Oh Boy!" em Jonesborough, na Georgia, e também conduzir em torno da praça central



D.R.

em Oxford, no Mississippi mais de cem vezes seguidas.

Nos planos de Richard Smith há outras ilegalidades arquitectadas, como por exemplo jogar golfe nas ruas de Albany, estado de Nova Iorque, ou caçar baleias em Salt Lake City, no Utah - um estado que não tem linha costeira.

Este estudante escocês afirmou que "a ideia surgiu em 2002, quando estava a jogar um jogo de tabu-

leiro com um vizinho meu". "O jogo tinha leis que eram absolutamente ridículas, e pensei que seria curioso violá-las na realidade".

Richard Smith está ainda em conversações com uma editora sobre um livro acerca desta odisseia, e planeia igualmente registar as suas experiências em vídeo de alta qualidade, para o caso de as estações de televisão se interessarem pela sua história.

Cozinha hi-tech

Homaru Cantu foi descrito por um dos seus clientes como um misto de cientista louco e chefe de cozinha.

Este cozinheiro de Chicago cria os seus pratos mais emblemáticos com a ajuda de tecnologia de ponta, obtendo resultados como sushi sem peixe, feito com papel comestível, com sabor a peixe e ilustrado com motivos produzidos numa impressora de jacto de tinta de utilização doméstica.

De entre os projectos para o seu restaurante, salientam-se a utilização de um laser "classe IV" (do mesmo género dos que são usados em cirurgia, por exemplo), para cozinhar o centro dos alimentos e não o exterior ou o emprego de hélio e supercondutores que permitem fazer com que a comida leveite. Homaru Cantu está ainda a desenvolver talheres, mesas e cadeiras comestíveis.

Tomates na mão

Segundo o jornal Daily Mirror, um adepto de rãguebi galês, de Caerphilly, no sul de Gales, cortou os próprios testículos para assinalar a vitória de Gales sobre a Inglaterra. Geoff Huish, de 26 anos, estava tão convicto da vitória da Inglaterra que disse aos companheiros de copos, no bar: "Se o Gales ganha, corto os meus testículos". Os amigos pensaram que ele estava a brincar.

No entanto, depois do jogo, Geoff Huish foi a casa, cortou os próprios testículos com uma faca e andou os 200 metros de volta ao bar com os testículos, para mostrar aos companheiros o que tinha feito. O indivíduo foi levado para o hospital, onde ficou em estado grave. A polícia afirmou que Geoff Huish tem histórico de problemas mentais.

A vitória de Gales sobre a Inglaterra, por 11-9 no Millennium Stadium, em Cardiff foi a primeira vitória em casa da equipa em 12 anos.

Um Emplastro académico



SIMÃO RIBAU

O nome Fernando Jorge da Silva dos Santos poderá não dizer nada à generalidade dos leitores. Talvez porque este senhor é mais conhecido por Emplastro ou Animal. Em tudo o que é jogo de futebol ou cobertura televisiva, já se tornou hábito ver este personagem surgir por detrás do ombro, ora do jornalista, ora do entrevistado, e ficar a olhar fixamente a câmara.

Recentemente, esta "mítica" figura passou pela cidade de Coimbra, por ocasião do funeral da irmã Lúcia. Envergando, como é óbvio, o inseparável cachecol do Futebol Clube do Porto. No entanto, o Emplastro não é homem de um amor só. Talvez por isso, é usual vê-lo nos

estádios de futebol por este país fora, apoiando outros clubes, como o Rio Ave ou a Académica. Fernando Santos possui mesmo cartão de sócio da Académica, com o número 17277.

Curiosa também é a "família" deste homem da Madalena, Vila Nova de Gaia: o próprio afirma que o presidente do FC Porto, Jorge Nuno Pinto da Costa, é seu pai, e o guarda-redes portista, Vítor Baía, é sua mãe (!). No entanto, não são os únicos, porque o Emplastro já reconheceu aos microfones da Rádio Universidade de Coimbra que também o técnico do Rio Ave, Carlos Brito, e o treinador do Boavista, Jaime Pacheco, são seus pais.

Era só quando não tinha namorada

No Wisconsin, uma acusação de abuso sexual sobre animais recai sobre um homem que manteve relações sexuais com vacas

Harold Hart, de Neillsville, foi acusado de manter relações sexuais com as vacas de uma quinta, normalmente depois de o bar local fechar as portas. Este homem de 63 anos é acusado de abuso sexual sobre animais, por alegadamente praticar sexo com vitelos.

O indivíduo confessou à polícia que fazia parte da rotina parar numa quinta em Greenwood, habitualmente depois de o bar da localidade encerrar ou em viagem para clubes de strip próximos, em

Marshfield ou Neillsville. Segundo uma queixa-crime, o proprietário da quinta instalou um sensor para detectar movimento, depois de ter regularmente descoberto pegadas e trilhos de pneus na propriedade. Na madrugada seguinte, por volta das 4 horas da manhã, um dos sensores disparou e Harold Hart foi apanhado a sair do celeiro. Na altura, justificou-se dizendo que tinha apenas ido utilizar o quarto de banho e que nunca tinha ali estado antes.

Harold Hart disse à polícia que já tinha tido relações sexuais com vacas antes de ter ingressado no serviço militar em 1963, e que retomou essa prática há cerca de um ano. O indivíduo explicou que utilizava uma corda para prender os vitelos pelo pescoço, afirmando que esteve na quinta "pelo menos cinquenta vezes", de acordo com o

texto da queixa. Harold Hart reconheceu, no entanto, que nunca praticou sexo com animais enquanto teve namorada ou esposa.

Harold Hart é igualmente acusado de conduta desordeira e de obstrução às autoridades. Cada uma destas acusações acarreta mais de nove meses de prisão.

D.R.



SEXTA
Informática Multimédia Lda
GERAÇÃO

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055

Url: www.6Geracao.web.pt

e-mail: avenida416@hotmail.com



Outros rumos...

Por Claudio Vaz (texto e fotografia)

outrosrumos.acabra.net

Espinho

A ver navios

Um das versões existentes para explicar a curiosa origem do nome da cidade vem da monografia de Álvaro Pereira, de 1970, que conta a estória de dois naufragos galegos que, ao safarem-se naquela praia, prometeram construir uma capelinha para Nossa Senhora, depois de discutirem de que natureza era a madeira da prancha a que se agarraram para não se afogarem. Um gritou que era de castanheiro, o outro, disse que não, que era de pinho. Com o seu sotaque galego, continuou a afirmar convictamente. "No! És piño!"

De pinho ou não, o nome é este e a cidade tornou-se um dos destinos preferidos das famílias portuguesas. Com a modernização dos transportes, nomeadamente com o aparecimento dos caminhos de ferro, o fenómeno do turismo em Portugal ganhou um grande impulso e Espinho, com a sua estação a poucos metros da orla do mar, foi um dos sítios que mais lucrou com este facto. Pena que a sua sorte pareça ter estacionado ao lado dos caris.

Com poucas atracções nesta época do ano para o público que faz desta praia mais um escape citadino, quem sai a ganhar são os restaurantes e cafés que servem de refúgio do frio, mais presente que o Sol tímido que só ilumina. Apenas os banhistas com pranchas de surf

aos braços e roupas de borracha no corpo se atrevem a divertirem-se nas geladas águas de Março, mesmo que a diversão se resuma a alguns centímetros de ondas rápidas.

"Papá, papá! Compra-me um balão!", "Filho, anda cá!", "Quanto custam os óculos de sol?", "Para onde foi o teu irmão?". Um pequeno parque de diversões, cadeiras de praia ou actividades a céu aberto: nada. Apenas comerciantes ambulantes a tentar vender, desanimadamente, o que podem, num comércio de praia que chama mais a atenção do que a tranquilidade do mar. E as praias portuguesas continuam assim, a ver o navio passar. Mas a Páscoa vem aí. "O que vamos fazer nas férias família? Vamos à praia! Boa ideia, agora já tenho óculos de sol".



O universo da prostituição retratado em palco

As diferentes formas e interpretações da prostituição na sociedade moderna são o tema central do novo espectáculo da Bonifrates

Sofia Carvalho

Estreia amanhã o mais recente espectáculo da Cooperativa Bonifrates, que celebra este ano o seu 25º aniversário. Em cena no Teatro-Estúdio Bonifrates, na Casa Municipal da Cultura de Coimbra, "Putas de vida" é a primeira criação colectiva da cooperativa com Andrzej Kowalski.

Inspirada no livro "Putas de Prisão", de Isabel do Carmo e de Fernanda Fráguas, a peça aborda o te-

ma da prostituição em Portugal. O retrato de fragmentos da vida das prostitutas coloca em palco a violência por que passam, mas também os sonhos de libertação do mundo em que vivem.

Chamar a atenção das pessoas para o lado humano dessas mulheres é a finalidade de um espectáculo que não pretende ter uma função moralista. Segundo João Maria André, o responsável pela fixação do texto e dramaturgia, esta "não é uma peça que promova um julgamento nem das prostitutas nem propriamente do resto da sociedade". Além disso, acrescenta ainda que a questão central da representação não se prende com "a venda ou não do corpo", mas com toda a teia de relações que envolve estas mulheres.

Baseada nas histórias relatadas por Isabel do Carmo e Fernanda Fráguas e no trabalho de campo le-

vado a cabo pelo encenador Andrzej Kowalski, a peça aborda diversas formas de prostituição: desde a prostituição de estrada à prostituição "mais fina", passando ainda pela prostituição universitária.

João Maria André explica que não se trata de um discurso lógico e racional sobre a prostituição, mas também "não é o sentimento puro destituído de pensamento". O objectivo, refere, "é deixar as pessoas a pensar sentindo, porque o teatro vive muito das emoções que as personagens transmitem e das emoções que os espectadores sentem quando vêem um espectáculo".

O universo masculino da peça corresponde ao universo em que as prostitutas se movimentam. João Maria André esclarece que o texto exprime uma determinada atitude não face aos homens em geral, mas a um determinado tipo de ho-

mens, "que se aproximam delas para lhes comprarem o corpo". No entanto, o texto retrata um outro domínio que diz respeito à relação das mulheres com os "chulos". No entender do dramaturgo, este universo compreende "relações extremamente complexas", uma vez que é "constituído ao mesmo tempo de amor, de muito desconsolo e muita violência".

Método de trabalho diferente

Este trabalho representa algumas inovações para a Cooperativa Bonifrates. À excepção de "Putas de Vida", todas as encenações da Bonifrates tinham estado, desde a fundação da companhia em 1980, a cargo de sócios da cooperativa. Por outro lado, a peça não resulta de um texto próprio, mas de uma reconstrução do texto de base. João Maria André explica que o li-

vro escolhido para ponto de partida era antigo, mas "continha ainda fios que ajudavam a percorrer alguns labirintos actuais da vida da prostituição, apesar de haver muitas outras referências cuja falta de actualidade era evidente, a começar pelo facto de a prostituição já não ser crime".

A cooperativa adopta, portanto, "uma nova metodologia de trabalho", na medida em que "é a primeira vez que a Bonifrates apresenta uma criação colectiva: "É uma opção nova termos contratado o encenador para nos dirigir e coordenar este trabalho".

A representação será interrompida durante as férias da Páscoa, retomando-se a apresentação ao público de Coimbra em inícios do próximo mês. Estão agendados espectáculos para os dias 6, 8, 12, 14, 20, 22, 25, 27 e 30 de Abril, sempre pelas 21h45.



O TEMPLO DAS HERESIAS
uma viagem através do tempo e do espaço
aos domingos, entre as dez e a meia-noite

Rú 107.9FM
www.ruc.pt
Rádio Universidade de Coimbra